

Carolina Nassau Ribeiro

REDUZIR-SE A NADA

ARTICULAÇÕES ENTRE O MASOQUISMO, O FEMININO E A MÁSCARA

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2008

Carolina Nassau Ribeiro

REDUZIR-SE A NADA

ARTICULAÇÕES ENTRE O MASOQUISMO, O FEMININO E A MÁSCARA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Jeferson Machado Pinto
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2008

Aos meus pais.

Milton Ribeiro Sobrinho e Cândida Clarisse Nassau Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais cuja aposta incondicional sempre me motivou. Ao meu pai, que desde a infância me transmitiu o desejo pela pesquisa e o sabor do conhecimento. À minha mãe, que possibilitou que o intransmissível da feminilidade me atingisse.

Ao meu amado Bruno, que esteve ao meu lado em todos os momentos desta pesquisa: pela leitura, amor e cuidado.

Às minhas amigas Cristiana Brandão, Flávia Coutinho, Janaína Rocha de Paula e Ludmilla Zago que me forneceram espaço para a interlocução, café e tricô. Ao meu amigo Helton Guerra, pela lealdade.

Ao meu zeloso orientador Prof. Dr. Jeferson Machado Pinto, que, em sua leitura fina e presença atenta, sustentou humor e rigor durante a pesquisa.

À Profa. Dra. Ana Cecília de Carvalho, pela disponibilidade em acolher o texto, pelas dicas das obras literárias e pela contribuição fundamental no exame de qualificação. Ao Prof. Dr. Antônio Teixeira, por ter impulsionado o desejo de ingressar neste trabalho. À Leila Marine, pela leitura atenta e pela preciosa contribuição no exame de qualificação.

À Jussara Machado, pela atenção especial no labor com a língua francesa.

À Bárbara Guatimosim, pela escuta.

É triste explicar um poema. É inútil também. Um poema não se explica. É como um soco. E, se for perfeito, te alimenta para toda a vida. Um soco certamente te acorda e, se for em cheio, faz cair tua máscara, essa frívola, repugnante, empolada máscara que tentamos manter para atrair ou assustar. (Hilda Hilst, Cascos e carícias)

Os mesmos afetos, no homem e na mulher, têm ritmo diferente: por isso o homem e a mulher não cessam de se desentender (Friedrich Nietzsche, Além do bem e do mal).

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que o feminino não possui uma característica masoquista que lhe seja inerente. Com esse fim, utiliza a literatura como recurso metodológico para dissertar sobre a tese formulada por Lacan na qual ele afirma que o masoquismo feminino é apenas uma das máscaras que se pode utilizar para atrair o desejo de um homem.

Por meio do material fornecido pelas personagens extraídas tanto do romance *História de O*, de Pauline Réage, como da novela *Carta de uma desconhecida*, de Stefan Zweig, traçamos uma distinção entre a posição masoquista e o masoquismo como máscara do feminino.

Para tanto, apresentamos o surgimento do termo masoquismo na literatura de Sacher-Masoch, destacando o fato de um quadro nosográfico psiquiátrico ter sido retirado da literatura. Descrevemos a arqueologia do conceito de masoquismo na obra de Freud e evidenciamos os motivos que o levaram a classificar como feminino um dos tipos de masoquismo e também confrontamos a teoria freudiana do masoquismo com os estudos de Hélène Deutsch sobre o masoquismo feminino. Realizamos um levantamento bibliográfico das teorias do feminino de Freud a Lacan, apontando por quais motivos o feminino se tornou um enigma para Freud e ressaltando os avanços promovidos pela teoria lacaniana sobre esse tema. Explanamos sobre a noção de máscara forjada por Joan Rivière e abordamos a especificidade do modo erotomaníaco de amar da mulher em contraposição à forma fetichista do amor masculino.

A pesquisa nos permitiu depreender que o masoquismo feminino pode ser uma das máscaras utilizadas pelo feminino, tanto para atrair o desejo de um homem como para localizar-se como mulher. Entretanto, a noção de máscara abarca apenas parte do fenômeno apresentado pelas personagens. Levantamos a hipótese de que as personagens estabeleceram parcerias tão *devastadoras* que elas acabaram se aniquilando e reduzindo-se a nada.

RESUMÉ

La présente recherche a comme but démontrer que le féminin ne possède pas une caractéristique masochiste même, naturelle. En ayant ce but nous utilisons la littérature comme un recours méthodologique a fin de disserter sur la thèse formulée par Lacan, où il affirme que le masochisme féminin n'est qu'une des plusières masques utilisées pour attirer le désir d'um homme.

À travers le matériel fourni par les personnages extraits soit du roman 'l'Histoire d'O', de Pauline Réage, soit du récit "Lettres d' une inconnue", de Stefan Zweig, nous ébauchons une distinction entre la position masochiste et le masochisme autant qu' une masque du féminin.

Pour ça, nous présentons l'apparition de l' expression masochisme dans la littérature de Sacher-Masoch, em détachant le fait d'um cadre nosographique psychiatrique avoir été retiré de la littérature. Nous avons décrit l'archéologie du concept du masochisme chez Freud en cherchant les évidences que l' ont mené à classifier l' un des types de masochisme de féminin, bien comme nous avons opposé la théorie freudienne du masochisme aux études de Hélène Deutsch sur le masochisme féminin. Nous avons fait une recherche bibliographique sur les théories du féminin de Freud à Lacan, en soulignant pour quelles raisons le féminin s'est devenu un énigme par Freud em rehaussant le progrè poussé en avance par la théorie lacanienne sur ce thème. Nous discutrons sur la notion de masque crée par Joan Rivière, en abordant l' specificité de la façon érotomaniaque d'aimer d'une femme par opposition à la façon fetichiste du amour masculin.

La recherche nous a permis déduire que le masochisme féminin peut être l'une des masques utilisées par le féminin, soit pour attirer le désir d' um homme soit pour se situer comme femme. Pourtant la notion de masque contient seulement une partie du fenomène présenté par les personnages. Nous soulevons alors l'hypothèse où les personnages ont établi des partenariats tellements ravageurs qu'elles ont fini pour s'aniquiler en se réduisant au néant.

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| CAPÍTULO 1: O MASOQUISMO E AS SUAS MÚLTIPLAS FACES NA LITERATURA | 05 |
| 1.1. Sacher-Masoch e a invenção do masoquismo | 06 |
| 1.1.2. A Vênus das peles | 08 |
| 1.2. Preliminares da <i>História de O</i> | 12 |
| 1.2.1. Reduzir-se a nada | 13 |
| 1.3. Carta de uma desconhecida | 20 |
| 1.4. Releituras | 25 |
| REFERÊNCIAS: CAPÍTULO 1 | 30 |
| CAPÍTULO 2: A METAPSIKOLOGIA DO MASOQUISMO | 31 |
| 2.1. A teoria psicanalítica do masoquismo de Freud a Lacan | 31 |
| 2.2. A fantasia masoquista e sua relação com a constituição do sujeito | 36 |
| 2.3. Masoquismo feminino | 41 |
| 2.4. Hélène Deutsch e o masoquismo feminino | 44 |
| 2.5. Masoquismo feminino, fantasia masculina | 51 |
| REFERÊNCIAS: CAPÍTULO 2 | 58 |
| CAPÍTULO 3. “ELA SE DUPLICA”: A DUPLA FACE DA SEXUALIDADE FEMININA E SUA RELAÇÃO COM O MASOQUISMO | 61 |
| 3.1. Os impasses freudianos em relação à sexualidade feminina | 62 |
| 3.2. Masoquismo masculino, posição feminina | 73 |
| 3.3. Contribuições lacanianas | 76 |
| 3.4. A feminilidade e o artifício da máscara | 79 |
| 3.5. O feminino e o “não-todo” | 87 |
| 3.5.1. Gozo Outro e Aniquilamento | 91 |
| REFERÊNCIAS: CAPÍTULO 3 | 95 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 98 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 102 |

INTRODUÇÃO: A MULHER É MASOQUISTA?

O texto psicanalítico está repleto de referências acerca do texto literário, que podem ser localizadas em Freud e em Lacan. Tanto é assim que Freud sempre remeteu os analistas ao texto literário afirmando que os escritores estão um passo à frente da ciência, como se eles tivessem o domínio de algo que os cientistas nem sequer vislumbram. Encontramos na obra de Freud alguns ensaios, dentre eles “Delírios e sonhos da *Gradiva* de Jensen” (1906), “Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância” (1910), “O estranho” (1919), nos quais a psicanálise assedia a literatura e a utiliza como fomentadora e operadora de pesquisa. Lacan, também incitado pela literatura, escreveu artigos nos quais formalizou importantes contribuições teóricas. Citamos apenas alguns, à guisa de exemplificação: “O seminário sobre ‘A carta roubada’” (1956) e “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (1966).

Em seu artigo “Delírios e sonhos da *Gradiva* de Jensen” (1906), Freud utiliza a literatura para elucidar e desmembrar alguns fenômenos psíquicos, além de sugerir que o conteúdo do livro por ele abordado possa ser utilizado como material da pesquisa psicanalítica. Ademais, ele avalia que a criação literária é uma das fontes da construção teórica e, tal qual um caso clínico, pode fornecer um rico material de pesquisa: “[...] descobrimos que todas as suas descrições [da obra literária] copiam tão fielmente a realidade, que não nos oporíamos à apresentação de *Gradiva* como um estudo psiquiátrico” (FREUD, 1906, p. 48).

Além disso, em “Escritores Criativos e Devaneios” (1908 [1907]), Freud se indaga sobre o manancial de onde o escritor criativo extrai os elementos de sua criação literária e propõe a tese de que eles são provenientes dos vestígios de suas fantasias e devaneios. Com um mecanismo análogo ao de uma criança que faz de suas brincadeiras o seu ofício, a sua realidade particular e sua fonte de prazer, o adulto as substitui pelas fantasias e devaneios, colocando, assim, uma satisfação no lugar

daquela de que deveria abrir mão. Todavia, distintamente da criança, o adulto se envergonha de suas quimeras e as mantém em sigilo. Elas só são recuperadas quando o neurótico, em uma situação de sofrimento, sente-se convocado a procurar um analista.

Ora, sabemos que, de acordo com a teoria psicanalítica, as fantasias são tentativas de realizar um desejo insatisfeito por meio da correção de uma realidade insatisfatória. Quando os devaneios se tornam excessivos e passam a ocupar grande parte da vida de uma pessoa, pode-se, certamente, supor o desencadeamento de uma neurose ou de uma psicose, sendo que o escritor criativo difere do neurótico porque utiliza o material das fantasias e dos devaneios para transformá-los em obra literária, modificando, assim, a sua realidade por uma via sublimatória. Tal fato significa que o mote do desprazer neurótico torna-se, nas mãos de um artista, objeto de admiração. O escritor encobre com recursos estéticos aquilo pelo qual o neurótico sente horror: “O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias” (FREUD, 1907, p. 158).

Com efeito, acreditamos que o texto literário pode ser utilizado como recurso metodológico para enriquecer o material de pesquisa do psicanalista, pois ele possibilita o desvelamento de impasses de relevância tanto teórica como clínica que devem interessar ao avanço da psicanálise. A nossa proposta é, a partir da leitura de algumas obras literárias, extrair o problema que foi suscitado para, em seguida, nos lançarmos no trabalho de pesquisa, procurando captar em que medida a teoria pode elucidar esse problema. Esclarecemos que essa ferramenta será utilizada com o intuito de delimitarmos o seu alcance, sem ultrapassarmos os pontos que resistem à interpretação, evitando, assim, utilizar as obras literárias apenas como ilustrações dos conceitos psicanalíticos.

Foi, portanto, com o intuito de desmistificarmos a concepção “rodrigueana”¹ da mulher masoquista, que habita tanto o imaginário dos leigos como dos próprios psicanalistas, que o texto desta pesquisa foi propositalmente composto com uma configuração clara e simples, pois o nosso objetivo, em vez de obscurecer, é lançar luz sobre um tema que tantas vezes causou ambigüidades teóricas. Não raro, durante a confecção deste trabalho, me deparei com colegas que associam o feminino ao masoquismo e à passividade, demonstrando o que consideramos ser uma leitura precipitada do texto freudiano.

A fim de detectar a relação entre masoquismo e feminino, dispusemo-nos a seguir um percurso marcado por três etapas que nos permitiram apreender o que está em jogo nessa associação. O nosso ponto de partida será dois romances e uma novela, todos extraídos da literatura. O primeiro se chama *A Vênus das peles* e foi escrito por Leopold von Sacher-Masoch em 1870. O segundo, intitulado *História de O*, foi escrito em 1954, por um autor que na época preferiu não se identificar e usou o pseudônimo de Pauline Réage para assinar a obra. Já a novela “Carta de uma desconhecida” foi escrita por Stephan Zweig em 1925. A utilização dessas obras literárias tem o objetivo de suscitar, de forma semelhante a um caso clínico, as questões sobre as quais a pesquisa direcionará a sua investigação. Aclaramos, ainda, que não é nosso objetivo estabelecer uma crítica literária, tampouco diagnosticar o autor ou patologizar o texto². Optamos por ressaltar as nuances dessas obras que nos mostrarão os impasses a nortear o rumo da pesquisa, de forma que, por meio delas, apontaremos os limites e o alcance deste trabalho.

No segundo momento, buscaremos demonstrar como a teoria psicanalítica pode contribuir para a compreensão do problema circunscrito e, para tanto, nos deteremos na especificidade do texto freudiano para elucidarmos por quais motivos Freud utilizou o termo masoquismo feminino para

¹ É famosa a declaração de Nelson Rodrigues que assegurava que todas as mulheres normais gostam de apanhar.

² Para Carvalho (2006), o psicanalista que se propuser a utilizar o texto literário em sua pesquisa deverá evitar o equívoco de transformar o texto num teste projetivo do psiquismo do autor.

nomear um tipo de fantasia que é encontrada nos homens cujas fantasias são tecidas em uma trama que culmina em um prejuízo que equivale à castração, desentranhando o que está acoplado nessa nomeação, isto é, o masoquismo não deve ser considerado uma característica feminina. Ademais, faremos uma pequena explanação sobre a teoria formulada por Hélène Deutsch, que concebia o masoquismo como sendo uma característica inerente das mulheres. Localizaremos, ainda, as balizas do diálogo de Lacan com o texto freudiano, sobretudo em relação às fantasias de espancamento e o suposto masoquismo das mulheres.

A última etapa desta pesquisa terá como objeto de estudo a sexualidade feminina em sua dupla vertente: aquela circunscrita pelo falo e outra, que extrapola o território fálico. A teoria de Freud sobre a feminilidade será empregada, evidenciando todo o seu esforço em captar a especificidade do feminino em relação ao masculino, bem como a contribuição da teoria lacaniana sobre esse tema. Explanaremos sobre a noção de máscara forjada por Joan Rivière e retomada por Lacan para esclarecermos a hipótese de que o masoquismo pode ser uma das máscaras do feminino. Demonstraremos que o feminino não é masoquista, mas faz uso dessa postura como um véu para cativar o amor de um homem. Será possível verificarmos que se trata apenas de um disfarce para atrair o homem desejado por meio da realização de suas fantasias. Ousamos, ainda, ratificar a proposta feita Colette Soler, que identifica o aniquilamento como sendo uma das manifestações possíveis do gozo Outro.

CAPÍTULO 1: O MASOQUISMO E AS SUAS MÚLTIPLAS FACES NA LITERATURA

*Perguntado se a mulher gosta de carinho, respondi:
- “Pelo contrário. A mulher gosta de apanhar”.
Com divertido horror, perguntou-me Hebe Camargo:
- Todas?
E eu:
- “Nem todas. Só as normais. As neuróticas reagem.”
Foi um sucesso.*

Nelson Rodrigues

Iniciaremos este trabalho lançando luz sobre o objeto inicial de nossa pesquisa – o masoquismo. Para melhor definição do problema, partiremos da preciosa descrição de quadros clínicos que foram extraídos de obras literárias e que, *a priori*, podem ser categorizados como sendo masoquistas. Todavia, será o próprio trabalho de pesquisa que nos fornecerá a distinção desses quadros. Não foi por acaso que escolhemos a literatura, pois foi da obra de Sacher-Masoch que a psiquiatria retirou a nomenclatura masoquismo, assim como a sua manifestação nosográfica.

Abordaremos primeiramente a *Vênus das peles*, de Sacher-Masoch, apontando por quais motivos o seu personagem principal foi considerado paradigmático para a descrição psiquiátrica do masoquismo. Em seguida, percorreremos a mundialmente conhecida *História de O*, de Pauline Reage, buscando depreender as características de sua personagem principal, que satisfazia todas as fantasias sádicas de seu amante. Nosso trajeto na literatura não termina nessa obra, pois ainda descreveremos a estranha personagem da novela “Carta de uma desconhecida”, escrita por Stefan Zweig, cujos traços masoquistas se ocultam sob a aparência de um amor incondicional e silencioso. Delinearemos, portanto, as características que a nós interessa investigar nesses personagens para, nos próximos capítulos, elucidá-las por meio da psicanálise.

O nosso objetivo, portanto, é não só desenhar as múltiplas possibilidades de manifestações do masoquismo como também distinguir em que medida a posição dos personagens se difere, pois,

apesar dos traços masoquistas apresentados por todos eles, nem todos poderão ser considerados masoquistas no sentido patológico e psiquiátrico do termo.

1.1. Sacher-Masoch e a invenção do masoquismo

Devemos à literatura as descrições clínicas tanto do masoquismo como do sadismo, tendo sido o primeiro termo extraído da obra de Sacher-Masoch e o segundo, da literatura de Sade. Acompanhamos as indicações de Deleuze, no livro *Apresentação de Sacher-Masoch*³ (1983 [1967]), para resgatar o nascimento do termo masoquismo, ressaltando os motivos pelos quais a obra desse autor foi utilizada pela nosografia psiquiátrica para designar um quadro clínico de perversão.

Enfatizamos, portanto, as proposições sustentadas acerca da importância da literatura para aquele que se propõe a conhecer o psiquismo e o comportamento dos seres humanos. O objetivo desta retomada não é, de maneira alguma, exaurir o tema do masoquismo, muito menos explorar profundamente a obra de Masoch, pois tal tarefa exigiria um espaço que só seria alcançado em um trabalho exclusivo para o tema. Nossa finalidade é introduzir o leitor na procedência do termo masoquismo para, logo em seguida, desenvolvermos as teses psicanalíticas a ele relacionadas, deslocando-nos, então, do masoquismo perverso para o traço masoquista constituinte da neurose.

Leopold von Sacher-Masoch nasceu em 1835, na Galícia. Proveniente de família nobre, estudou filosofia e ciências naturais, foi professor de história e começou sua carreira literária escrevendo romances históricos. Ganhou notoriedade como escritor quando, em 1870, publicou *A mulher divorciada*, que teve ampla repercussão, sendo traduzido e publicado em vários países. Ele próprio

³ Nesse livro, Deleuze apresenta várias hipóteses sobre o mecanismo gerador do masoquismo, inclusive algumas que divergem radicalmente das proposições freudianas. Não abordaremos essa discordância, pois, desse modo, nos desviaríamos de nosso objetivo inicial. Acompanharemos com Deleuze apenas as incidências que, na obra de Sacher-Masoch, nos indicam as características do masoquismo.

projetava a sua obra como sendo caracterizada por uma série de ciclos, cujo principal título seria *O Legado de Caim*, que deveria tratar de seis temas: o amor, a propriedade, o dinheiro, o estado, a guerra e a morte (apenas as duas primeiras foram finalizadas).

Mais próximo de um médico do que de um doente, o escritor faz um diagnóstico, mas é o diagnóstico do mundo; segue a doença passo a passo, mas é a doença genérica dos homens; avalia as possibilidades de saúde, mas trata-se do nascimento eventual de um homem novo: “o Legado de Caim”, o signo de Caim como obra total. (DELEUZE, 1997, p. 64).

A estética de seus textos é marcada pela decência e, talvez por essa particularidade, Masoch não foi considerado um autor maldito, mas adorado e honrado durante grande período de sua vida. Desagradou-o muito o fato de o psiquiatra Kraft-Ebing⁴ utilizar o seu nome para designar uma perversão. Embora seu nome tenha passado a fazer parte do vocabulário cotidiano, sua obra caiu no esquecimento e, em 1895, morreu no ostracismo.

Segundo Deleuze (1983), a criação literária de Masoch é marcada por características que se repetem e que merecem ser destacadas, pois foram dessas recorrentes incidências que os psiquiatras extraíram a nosografia do quadro. Deleuze destaca que o masoquista é um educador que busca e persuade uma mulher para que ela execute o papel de carrasco. A persuasão culminará em um contrato que garantirá, da forma mais racional possível, que o masoquista seja surrado, humilhado e ridicularizado pela despótica que, por sua vez, deverá ainda encontrar um outro homem para se prostituir e, junto com ele, humilhar o masoquista. O contrato também certifica a entrada desse terceiro, pois no ideal masoquista é a mulher amada quem deve se prostituir. Observa-se, assim, que o masoquista possui uma postura ativa, pois é ele quem convence o algoz a colocá-lo numa posição passiva. Assegurado pelo contrato, o masoquista exprime o dom da indução e demonstra de que maneira pedagógica e racionalmente, adentra o seu carrasco.

⁴ Richard von Krafft-Ebing, professor de psiquiatria na Universidade de Viena, em 1890, escreveu em suas *Novas investigações no domínio da psicopatia sexual* que: “Essas perversões da vida sexual podem ser chamadas de masoquismo, pois o famoso romancista Sacher-Masoch, em vários romances e principalmente no seu célebre *A Vênus das peles*, fez desse tipo especial de perversão sexual o tema predileto de seus escritos” (MICHEL, 1992, p.7).

As cenas masoquistas são caracterizadas pelo clima de suspense e pelos rituais. Ao contrário das cenas de sadismo, marcadas pelo excesso de movimento, no masoquismo encontramos a falta de pressa, as mulheres que se assemelham a estátuas de mármore, a fotografias e a pinturas. Os amores sempre têm início por meio de cartas anônimas, anúncios de jornais e pseudônimos, predominando, desse modo, o clima de espera. Para Deleuze, são nesses ritos, nessa morosidade, nesse tempo em suspenso que o masoquista encontra o seu prazer, sendo, por conseguinte, insuficiente afirmar que o masoquista é aquele que sente prazer na dor. Para ele:

Observa-se que o masoquista é como todo mundo, que encontra o seu prazer ali onde os outros encontram, mas que simplesmente uma dor prévia, ou uma punição, uma humilhação servem para ele como condição indispensável à obtenção de prazer. (DELEUZE, 1983. p. 77)

Deleuze observa que todo o enredo de Masoch, o contrato, os ritos, e sobretudo a mulher ideal se enlaçam para desembocarem no nascimento de um novo homem, como é o caso de Severino, herói de *A Vênus das peles*, que, de masoquista, torna-se sádico. Para elucidarmos os elementos acima destacados, retomaremos resumidamente o romance aludido.

1.1.2 A Vênus das peles⁵

No livro *A Vênus das peles*, encontramos as características sublinhadas por Deleuze, quais sejam, o clima de suspense, a morosidade da narrativa, a vocação de educador do masoquista e o contrato entre a suposta vítima e a mulher despótica. Seu personagem principal, Severino, é um homem de hábitos excêntricos que, no início da narrativa, está perdidamente apaixonado por uma estátua de mármore, uma estátua de Vênus que se encontra no jardim de uma pequena estação de águas dos Cárpatos, onde “não se vê ninguém, nem ninguém nos vê. As pessoas se entediam a ponto de

⁵ A versão que usaremos da obra é a que está integrada à edição do livro de Deleuze, já citado.

escrever idílios” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 158). É nesse ambiente bucólico que Severino começa a confundir a imagem da Vênus com a de uma jovem viúva chamada Wanda, também hospedada no mesmo local em que ele estava. Como ambas são alvas e gélidas, ele não consegue diferenciar a estátua da jovem viúva. Com muita dificuldade percebeu que uma das imagens é de uma mulher viva, mulher “de carne e osso”: “É ela... Vênus, mas sem as peles... Não, desta vez é a viúva... E, no entanto, é Vênus... Oh! que mulher” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 165).

É claro que Severino se apaixona por Wanda, pois vê nela a imagem e a semelhança da “brilhante e majestosa” estátua de Vênus. Inicia, então, sua tarefa de persuasão e, aos poucos, incita nessa mulher o desejo de exercer sua fúria contra ele, de tratá-lo como um escravo, de maltratá-lo e chicoteá-lo. Ela resiste um pouco, mas também se sente cada vez mais instigada pela insistente proposta daquele homem pelo qual já nutria certo interesse: “Você tem a singular maneira de excitar a imaginação e os nervos de qualquer um, fazendo-lhe o pulso bater cada vez mais. [...] O seu ideal é uma cortesã descaradamente genial. Em minha opinião, *o senhor é um corruptor de mulheres*” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 189, grifos nossos) ⁶. Dessa forma, Wanda acaba aquiescendo aos pedidos de Severino e fazendo dele um escravo.

A trama ocorre de tal maneira que Wanda vai se tornando, pouco a pouco, uma déspota cruel, cheia de caprichos e rituais. Severino, em alguns momentos, recua e aparentemente se arrepende, mas ela se mostra decidida a dar continuidade à cena fantasiada por ele, pois, segundo afirma, teve despertados instintos até então adormecidos e, por tal motivo, ela não recuaria, dando, assim, continuidade ao bizarro rito. Severino, lânguido de paixão, acaba se regozijando com os maltratos de sua amada. Observamos, assim, o nascimento de uma nova mulher que com deleite lhe afirma:

⁶ Encontramos nessa passagem uma explícita alusão à vocação pedagógica do masoquista, enfatizada por Deleuze.

Estava já em mim – disse tranquilamente, como que refletindo. – Talvez, nunca tivesse vindo à luz; mas tu o despertaste e o devolveste, agora tornou-se uma coisa irresistível, e agora estou satisfeita, e agora não posso mais, e não quero que seja de outra forma [...]. (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 217)

Dessa maneira, Wanda propõe que eles viajem para Florença e que Severino a acompanhe trajado como um criado e com um novo nome escolhido por ela – Gregório. É nesse contexto que, por meio do contrato, Severino assegura sua servidão: “[...] quero que o seu poder sobre mim esteja assegurado pela lei [...]” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 211). Nesse contrato, ele se compromete em ser o escravo de Wanda pelo tempo que ela desejar. Ele será castigado, aviltado, espancado e ridicularizado. Terá todos os deveres e ela, por sua vez, todos os direitos. Ela poderá tanto se servir dele quando desejar como envolver-se com outros homens e, caso queira, poderá entregar Severino para que seus amantes lhe cometam atrocidades. A única obrigação de Wanda é vestir-se de peles quando estiver na companhia do escravo.

A senhora von Dunajew pode não apenas castigar o seu escravo por qualquer negligência ou qualquer falta, mas lhe assiste também o direito de maltratá-lo por capricho ou somente para se distrair, podendo inclusive matá-lo, se lhe der vontade. Ele se torna em suma, sua inteira propriedade. (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 240)

Além do contrato, Wanda ordena que Severino assine um documento em que ele declara a intenção de se matar. O documento seria usado como justificativa de sua morte, caso ela quisesse assassiná-lo. Suas linhas traçavam o seu funesto fim: “Cansado há anos da existência e das suas decepções, pus voluntariamente fim em minha vida inútil.” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 241). Eles selam o pacto e, a partir desse momento, a busca de um terceiro passa a direcionar o rumo do enredo.

Durante a estada em Florença, Wanda flerta, seduz e até mesmo humilha outros homens, mas é somente quando conhece Alex Papadopolis, o Grego, que o clima de suspense e tensão atinge o seu

apogeu. Homem belo e ateu, de origem grega, criado em Paris, lutou contra os turcos, era conhecido pela bravura e pela crueldade. Por todos esses atributos, desperta o interesse tanto de Wanda como de Severino, que narra: “Compreendo agora o erotismo masculino e admiro Sócrates, que se manteve virtuoso frente um Alcibíades tão sedutor” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 272).

O clima de tensão é acirrado quando Wanda se diz apaixonada pelo Grego, e Severino, desesperado com tal constatação, desiste de sua empreitada “suprasensual” e pede a amada em casamento, prometendo-lhe que, enfim, viveriam de acordo com os moldes de um casal “normal”. Todo o problema é que o leitor, até esse momento, não sabe se se trata de uma cena forjada por ambos ou se realmente eles tinham perdido o controle do roteiro planejado. É com essa dúvida que o leitor acompanha o consentimento de Wanda ao pedido de casamento de Severino. Ela lhe propõe, então, que saiam de Florença para iniciar uma nova vida. Severino, jubiloso, sai de casa para organizar a viagem e, quando retorna, é surpreendido pelo convite feito pela noiva de praticarem mais um rito: peles, chicotes e humilhações. O que ele não esperava – ou será que esperava? – é que, acrescido a todos aqueles elementos por ele adorados, está também o Grego. Dessa vez, é o Grego quem lhe bate e humilha e, feito isso, parte com a sua amada Wanda. Severino é, dessa forma, abandonado e impedido, pelo contrato por ele assinado, de se vingar.

Anos mais tarde, recebe uma carta de Wanda, em que ela diz ter empreendido a ele um processo de cura: “Espero que meu chicote o tenha curado, que o tratamento, por mais cruel, tenha sido radical” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 300). Ele nos mostra, então, o nascimento de um novo homem e confirma que foi “curado” ao afirmar que, agora, chicoteia ao invés de ser chicoteado, pois: “Pelo momento, temos apenas uma alternativa: ser o martelo ou a bigorna” (SACHER-MASOCH apud DELEUZE, 1983, p. 301).

1.2. Preliminares da *História de O*

A *História de O* nasceu em forma de cartas de amor, assinadas sob o pseudônimo de Pauline Réage e endereçadas ao editor Jean Paulhan, da *Nouvelle Revue Française* da editora Gaston Gallimard, em resposta à afirmação de que uma mulher não seria capaz de escrever literatura erótica de qualidade, feita por ele no prefácio de *Os 120 dias de Sodoma*, do Marquês de Sade.

Alguns detalhes sobre os aspectos que motivaram o nascimento do livro merecem destaque. Sua verdadeira autora é Anne Desclos, jornalista francesa, nascida no seio de uma família católica e conservadora. Sua ascensão profissional, curiosamente, só aconteceu quando assumiu, em 1946, o pseudônimo de Dominique Aury, época em que se tornou respeitada editora e tradutora da Gallimard. Era amante de seu empregador, Jean Paulhan, que era casado. Para manter essa relação amorosa, pesquisou profundamente a obra do Marquês de Sade, uma das paixões dele, com o objetivo de encontrar inspiração para escrever a série de cartas de amor⁷: “I wasn’t pretty, I was no longer young so my pen was the only weapon I had left with which to lure him back”⁸.

Jean Paulhan se entusiasmou com a beleza da prosa e a riqueza do conteúdo⁹: “the most ardent love letter that any man has ever received”¹⁰. Enviou, então, o texto para o editor Jean-Jacques Pauvert, que se impressionou com o fato de o texto conseguir descrever os terríveis abusos sofridos pela personagem com uma estética que fisionava o leitor menos pelo terror do que pela beleza e, por isso, decidiu publicar as cartas em forma de livro.

⁷ KIRKUP, James. Obituary: Dominique Aury. *The Independent*. London, May 2.

Disponível em: http://findarticles.com/p/articles/mi_qn4158/is_19980502/ai_n14154654

⁸ “Eu não era bonita, não era mais tão jovem, então minha caneta era a única arma que eu tinha para atraí-lo”. (Sugestão de tradução).

⁹ KIRKUP, James. Obituary: Dominique Aury. *The Independent*. London, May 2.

Disponível em: http://findarticles.com/p/articles/mi_qn4158/is_19980502/ai_n14154654

¹⁰ “A mais ardente carta de amor que um homem já recebeu.” (Sugestão de tradução)

Para não chocar seus familiares, Desclos ocultou-se sob o véu do pseudônimo e só revelou ser a autora da polêmica *História de O* aos 87 anos, em uma entrevista à revista *The New Yorker*, no ano de 1985. Ela escolheu o nome Pauline em homenagem a duas mulheres por quem sentia grande admiração: Pauline Borghese, princesa e irmã de Napoleão Bonaparte, e Pauline Roland, uma feminista do século XIX; já Réage foi simplesmente um nome extraído de um catálogo.

O livro foi um enorme sucesso de vendas e causou muita discussão em relação à identidade do autor, pois muitos foram os que duvidaram de que o texto houvesse sido escrito por uma mulher. Seu conteúdo provocou tanta controvérsia que as autoridades governamentais processaram a editora por obscenidade e a venda do livro foi proibida para menores de idade. Em 1955, embora o livro tivesse ganhado o "Prix des Deux Magots", a editora foi acusada de obscenidade. Anos mais tarde, em 1975, o diretor Just Jaeckin filmou uma versão para o cinema; todavia, o filme foi menos aclamado que o livro.

1.2.1. Reduzir-se a nada

A obra relata com riqueza de detalhes a forma como a personagem "O" se entrega à realização das fantasias sádicas de seu amante, René. "O" é uma mulher cuja história pregressa, na narrativa do livro, é um pouco obscura para o leitor – que não sabe ao certo a sua idade, sua precisa descrição física e tampouco se possui uma família. A personagem surge na narrativa desprovida de características próprias. Fragmentos de sua vida são relatados apenas por meio de reminiscências da personagem ao longo do texto. Ela se lembra, por exemplo, do gosto que sentia ao seduzir as colegas no vestiário ou de ter ficado nua diante de um homem que estava apaixonado por ela, sem deixar que ele a tocasse, ressaltando, assim, o seu gosto pela arte da conquista.

O texto é marcado pelo recurso de descrever detalhadamente as formas e cores das alcovas, o material dos móveis, o tecido e o contorno das roupas, o significado implícito de cada sorriso e de cada olhar. A autora consegue conduzir o leitor para o universo da personagem por meio do uso preciso da palavra que aciona a sua imaginação. Se as características de “O” não são minuciosamente traçadas é mais por estratégia e menos por incapacidade da autora em retratá-las. Talvez sua intenção seja permitir que cada um produza imagetivamente a “heroína” de acordo com a singularidade de sua fantasia. Afinal, como teremos oportunidade de observar, ela foi criada para aguçar, saciar e preencher fantasias.

A narrativa se inicia com a cena em que “O” é levada às cegas pelo amante a um castelo que serve de alcova a um grupo de pessoas não identificadas, unidas por uma espécie de confraria. Lá, em um ambiente excentricamente decorado e com vestimentas do século XVIII, os homens são os mestres, e as mulheres, suas serviçais. Elas não podem falar nem olhar nos olhos de seus senhores, devem entregar-se sexualmente a qualquer um que as desejar, usar roupas especialmente abertas nos genitais e posicionar-se de maneira a indicar que estão sempre disponíveis para eles. À noite, com os olhos vendados, são chicoteadas e violadas, sem jamais verem o rosto do algoz, para que nunca saibam “quem eram os responsáveis pelo pior” (RÉAGE, 2005, p. 39). A proposta dos “castigos” é que, sendo chicoteadas diariamente, as mulheres aprendam e acatem sua submissão em relação aos homens amados.

Em um misto de prazer e terror pela dor sentida nos castigos e na sua entrega a homens cujos rostos ela jamais identificaria, a personagem busca conforto nas palavras de amor de René. Ele repete que a ama e que a possui; é essa a justificativa para entregá-la a outros homens, pois “só se pode dar aquilo que se tem” (RÉAGE, 2005, p. 62). Chama atenção o fato de René sentir prazer ao entregar a mulher amada à prostituição e às sevícias de outros homens. “O”, por sua vez, sente que pertence a ele e, por isso, outros homens poderiam se servir dela. Ela com tudo consente porque tem o amor de

René; “ela se perdia numa delirante ausência de si mesma que a entregava ao amor e aproximava-a da morte” (RÉAGE, 2005, p. 69).

Há rigorosas regras que deve seguir: não falar, não olhar nos olhos dos homens, não tocar no próprio corpo, já que este não mais lhe pertencia. Com as mãos amarradas, diariamente, deveria ser chicoteada para ter no corpo as marcas de sua devoção. Com o corpo marcado, silenciosa, olhos voltados para baixo e sem se queixar, “O” começa a admirar a estética das coleiras e das amarras, julga que “[...] as partes do seu corpo mais constantemente ofendidas, que estavam mais sensíveis, tinham se tornado, ao mesmo tempo, mais belas e enobrecidas [...]. Era surpreendente que ganhasse dignidade em se prostituir, e, no entanto, era de dignidade que se tratava.” (RÉAGE, 2005, p. 73-74).

Depois de deixar o castelo, seu amante solicita que ela execute uma mudança nas suas roupas para que continue disponível nas partes íntimas; para tanto, não poderia mais usar calças, saias justas ou sutiãs fechados atrás. É obrigada a criar novos modelos de saias e vestidos que se moldassem de acordo com os requisitos solicitados. No estúdio em que trabalha como fotógrafa de modelos e manequins, todos percebem que está diferente, entretanto não conseguem especificar qual é a mudança: “Estava mais aprumada, seu olhar estava mais brilhante, mas o que mais surpreendia era sua *perfeita imobilidade e exatidão de seus gestos*” (RÉAGE, 2005, p. 94, grifos nossos). É possível captar como ela vai se modificando e ficando cada vez mais engessada pelo anseio de atender às vontades daquele que ama, pois, dessa forma, sente que floresce como mulher.

O leitor pode sentir-se desconcertado ao constatar que “O” se entrega com dedicação às instruções do amante e se dispõe a satisfazer, cada vez com mais afinco, seus desejos, para demonstrar o amor que sente por ele. É doada, então, como uma mercadoria, para um mestre de origem inglesa, ainda mais rigoroso e exigente – Sir Stephen. Fica sabendo, desse modo, que o mestre é filho do primeiro

marido da mãe de René. Logo, apesar de não serem irmãos de sangue, há uma relação como se fossem e, “como irmãos”, gostam de compartilhar tudo.

Antes de a ele ser entregue, “O” é informada pelo inglês sobre os detalhes de suas exigências e, assim, ela vislumbra que aquela situação vivida no castelo – que só tem sentido e realidade dentro de uma confraria – começaria a fazer parte de sua vida cotidiana; seria, portanto, diariamente escravizada, ultrajada e submetida a quaisquer pedidos do novo mestre. Tanto René como Sir Stephen solicitam a sua aprovação e ela consente de maneira subserviente. Nesse momento, a personagem apresenta um raro momento de embaraço:

Ela consentia? Mas ela não podia falar. Essa vontade que lhe pediam de repente para expressar, era a vontade de abdicar de si mesma, de dizer de antemão sim a tudo aquilo a que ela certamente queria dizer sim, *mas a que seu corpo dizia não, pelo menos em relação ao chicote* (RÉAGE, 2005, p. 111, grifos nossos).

Chama a atenção do leitor o fato de que ela, aparentemente masoquista, vacile em relação ao chicote, mas não hesite ao pedido do homem amado. Apesar da dúvida, ela acaba aceitando a proposta de tornar-se escrava, convencida de que ele “[...] apreciava nela o objeto em que se transformara” (RÉAGE, 2005, p. 118) e também por observar que seu amante elege Sir Stephen como mestre, tal qual um irmão mais novo escolhe o mais velho para ser o líder da brincadeira.

É nesse contexto que Sir Stephen, em voz alta, afirma que ela é uma mulher fácil, pois “confunde amor com obediência”. Ordena, então, que ela se renda a ele mesmo sem amá-lo. Acredita que, provavelmente, ela não sabe as conseqüências do pacto que tinha estabelecido e que: “Quando tivesse entendido, seria tarde demais para escapar”. Nas brechas de seus assentimentos, a personagem nos mostra que, por trás de tanta submissão, o que a instiga, é a ânsia de também ser

amada pelo algoz inglês: “Enquanto ouvia, “O” pensava que seria talvez também tarde demais, tanto tempo levaria *até que fosse reduzida a nada*, para que ele, finalmente, se enamorasse pela sua obra e a amasse um pouco”(RÉAGE, 2005, p. 123, grifos nossos).

Dessa maneira, calcula que iria reduzir-se a nada para que, finalmente, seu novo mestre se apaixone por ela. Logo, “reduzir-se a nada” é um meio para que ela se torne a obra e o produto dos anseios do mestre inglês para, finalmente, ser amada também por aquele homem que, ressalte-se, é aquele por quem René nutre uma grande admiração. Ora, essa passagem é relevante por demonstrar como essa mulher encobre, a todo o momento, os ultrajes aos quais se sujeita com o véu do amor. Por detrás de uma silenciosa obediência, evidencia-se uma vontade que não se mostra com facilidade: obter amor, ser escolhida como “a” mulher entre as mulheres e, ao reduzir-se a nada, tornar-se radicalmente o que aquele homem almejava. Todavia, observamos que há nessa aspiração de “reduzir-se a nada” algo que ultrapassa a vontade de ser escolhida e aponta para a radicalidade da morte.

Aos poucos, o leitor vai entrando em contato com mais uma peculiaridade de “O”, a saber, seu interesse por pessoas do sexo feminino: vê beleza em todas as mulheres e, desde jovem, sentia prazer em seduzir as amigas. É realçado o modo como “O” se posiciona em relação a elas: “Era ela que conduzia sozinha o jogo (o que nunca fazia com um homem, a não ser indiretamente)” (RÉAGE, 2005, p. 133). No trabalho, conhece a modelo Jacqueline, cujas características lhe despertam a atenção e o interesse. Logo supõe que René sentiria a mesma atração pela colega, o que faz com que a fotografe com o intuito de mostrar as fotos para o amante. Ela será incluída na vida de René como sendo a outra mulher apontada pela própria “O”.

Paralelamente à sua convivência profissional com Jacqueline, “O” confirma o fascínio que René nutre pelo inglês e, pouco a pouco, distancia-se daquele, deslizando o seu afeto também para a

figura de Sir Stephen. Procura, em seus raros sorrisos, em nuances de seu olhar, os vestígios de amor de seu novo senhor e é para ele que a personagem acaba mostrando as fotografias de Jacqueline. É também dele que recebe a ordem de seduzi-la, tanto para que ele possa vê-las juntas como para que “O” conduza a colega para o mesmo castelo onde, inicialmente, ela própria tinha sido levada por René.

Jacqueline, uma bela mulher de origem russa, mora em uma pocilga velha e suja com sua família, pela qual sente verdadeira aversão. Seu verdadeiro nome – Choura – é herança de sua origem e Jacqueline, o nome por ela inventado para usar no trabalho. Tanto “O” como René se empenham para conquistá-la e, para tanto, aproveitam-se das precárias condições da moça, convidando-a para morar com “O”. O objetivo é de, finalmente, capturar a presa. Jacqueline aceita o convite menos pela pobreza do local que habitava e mais pelo incômodo que sente em relação àquela família, cuja constituição é marcada pela presença somente de mulheres: avó, mãe, tia e irmã. Logo após a mudança, “O” consegue envolver a colega com suas carícias e, a pedido de René, afirma a Jacqueline que ele estava apaixonado por ela. Situação a princípio forjada para rendê-la, de uma vez por todas, aos planos de Sir Stephen.

Enquanto René se envolve com a russa, “O” é levada para “Salmois” – casa dirigida por uma senhora sádica chamada Annie-Marie, cujo trabalho é moldar e castigar mulheres ao gosto de seus mestres. Nessa estranha “casa de mulheres”, “O” se submete a uma série de transformações corporais: permite que lhe perfurem o lado esquerdo de seu sexo para colocarem argolas de ouro entrelaçadas, cuja grossura equivaleria a de um lápis, e aquiesce também que Sir Stephen inscreva uma marca em suas nádegas com ferro em brasa, indicando assim que ele a possuía.

As argolas que furavam o lóbulo esquerdo de seu sexo e mostravam com todas as letras que ela era propriedade de Sir Stephen desciam até um terço de sua coxa, e a cada passo

mexiam entre suas pernas como o badalo de um sino [...]. As marcas impressas pelo ferro em brasa, de três dedos de comprimento e metade disso de altura, estavam gravadas na carne com um centímetro de profundidade, como se tivessem sido feitas por uma goiva. Bastava passar o dedo para senti-las. “O” sentia um orgulho insano desses ferros e dessas argolas. (RÉAGE, 2005, p. 202)

A trama se desenrola quando “O”, Sir Stephen, René, Jacqueline e sua irmã mais nova, Natalie, viajam juntos de férias para o sul da França. Lá, hospedam-se em uma casa cujos detalhes previamente calculados permitem, por exemplo, que o inglês assista, sem ser visto, às cenas em que “O” acaricia Jacqueline nas tardes de verão; ou que Natalie, uma jovem de quinze anos, presencie pelas frestas das paredes os aviltamentos sofridos pela personagem principal e por ela se encante, despertando, dessa maneira, a vontade de tornar-se uma mulher como “O”. É nesse tempo que “O” se dá conta de que René está, de fato, apaixonado por Jacqueline e que a recíproca entre eles não é verdadeira, já que Jacqueline não se abandona aos encantos dele. “O”, então, constata que não se importa de ser apenas a sombra de um passado para o antigo amante, mas lhe encanta o fato de agora ter um homem que, apesar de amá-la, sabe ter a firmeza de mestre. Ela se depara, enfim, com o fenômeno de o lugar de René ter sido completamente substituído pelo rígido inglês.

Concomitantemente a tal descoberta, como numa cadeia de cenas que deslizam e se deslocam por contigüidade, Sir Stephen apresenta “O” para um novo homem chamado de “o comandante”. Sir Stephen a presenteia, nessa ocasião, com uma caixa repleta de máscaras de aves, dentre as quais ela escolhe a máscara de coruja. Seu mestre lhe ordena que seja, então, a coruja do comandante. O leitor acompanha, assim, mais um desdobramento da personagem “O”, que se distenderá para alcançar a sua nova face de coruja ou mulher-coruja.

O romance encerra-se com a aberrante cena em que “O”, completamente nua e depilada em suas partes íntimas, puxada por uma coleira cuja corrente se prende à argola trespassada em seu sexo e

usando a máscara de coruja, é levada para uma festa. Agora, transmutada numa espécie de híbrido de mulher, coruja, objeto raro (algo incerto e inominável), captura o olhar e os comentários de todos os que ali estão presentes. Todos querem saber quem é ela e de quem ela é. A resposta é clara e parte do comandante: “[Ela é] De vocês, se quiserem” (RÉAGE, 2005, p. 238). Nessa noite, algumas pessoas a tocam, outras a repudiam, mas sem dúvida ela é o objeto do olhar de todos. A história termina quando, ao nascer do sol, “O” é possuída pelo comandante e por Sir Stephen. A autora propõe, ainda, dois finais trágicos para a personagem: no primeiro, ela volta para Roissy, onde é abandonada por Sir Stephen; e no outro, percebendo a iminência de ser preterida pelo mestre, ela prefere morrer: ele consente com sua decisão.

Sublinhamos, ainda, que o livro é marcado pela repetição de cenas com a presença espelhos em todas as paredes, outros que se refletem, de modo a permitir, que aquele que tem a sua imagem refletida também se veja vendo. Vidros que só permitem a mirada daquele que está do lado de fora da cena, sendo que aquele que é visto se saiba olhado, mas não veja o espectador. Desse modo, os personagens se refletem e se multiplicam tanto no plano imagético como no simbólico. Não é difícil perceber que “O” é escrava de René, mas que ele, por sua vez, serve ao admirado Sir Stephen. Sucessivamente, portanto, os papéis de senhor e escravo, amante e amado se reproduzem e se repetem, se mesclam e, em alguns momentos, se confundem.

1.3. Carta de uma desconhecida

A novela “Carta de uma desconhecida” (1999[1925]), de Stefan Zweig, aborda o tema do masoquismo de forma menos explícita e menos caricatural, entretanto, não menos funesta. O enredo gira em torno das confissões de uma mulher, escritas em forma de carta e endereçadas ao homem que ama. Ao ler a carta, esse homem descobre que foi o objeto de amor e de sofrimento de uma mulher a cuja identidade o leitor não tem acesso, mas que, página à página, acompanha os detalhes

de seu amor ancorado numa servidão silenciosa e voluntária. A especificidade da situação encontra-se no fato de que a resignação e o padecimento relatados são causados por um algoz que ignora a posição que ocupa, pois ele jamais suspeitou o que significava para essa mulher sem rosto, sem marca.

A história se inicia quando esse homem, um escritor de renome, recebe uma carta anônima na data de seu aniversário de quarenta e um anos de idade. A carta foi escrita no leito de morte de uma mulher que se recusa a identificar-se. Ela inicia a carta afirmando que a escrevia com a força de seus últimos suspiros de vida e que ele só a receberia caso ela realmente falecesse. Isso permite inferir que esse homem lerá a carta de uma mulher já morta. Ela lhe revela que, enquanto escrevia aquela carta, bem ao seu lado, jazia o corpo de seu filhinho que acabara de morrer em decorrência de uma gripe que também a consumia.

Ela lhe conta, então, que passou a vida amando-o e sofrendo por ele, mas que ele jamais soube quem ela era. Relata, detalhadamente, como ela, ainda aos treze anos de idade, se apaixonou pelo jovem escritor que havia se mudado para frente de sua casa no subúrbio. Descreve que, mesmo antes da sua chegada, quando os criados ainda preparavam a casa para recebê-lo, ainda sem nem conhecê-lo, já sonhava com ele. Narra como a sua chegada bem como o encontro com o seu olhar capturou-a em uma paixão persistente e solitária: “[...] desde que senti esse olhar terno e macio, fiquei apaixonada por você” (ZWEIG, 1925, p.158). Essa paixão, ainda que infantil, persistiu até os dezesseis anos na forma de uma adoração perene, uma admiração intocável cuja consistência não permitiu que essa jovem nem ao menos flertasse com seus colegas de escola ou de rua:

Mas, acredite, ninguém o amou de maneira tão servil, tão canina, tão devotada como essa criatura que era eu, e que sempre permaneci para você, pois nada nessa terra se compara ao amor não percebido de uma criança na sombra, pois é tão desesperançado, tão servil, tão submisso, tão apaixonado e tão sorrateiro como jamais será o amor desejoso e inconscientemente desafiador de uma mulher adulta (ZWEIG, 1925, p.159).

Ela lamenta o fato de ter mudado de cidade em decorrência do casamento de sua mãe. Descreve que, longe dele, seus dias foram opacos e sombrios. Chama atenção o fato de esse furor juvenil não ter se acalmado com a distância, pois, ao contrário do que se poderia supor, ela considera que, com o afastamento forçado, sua paixão havia se tornado mais madura e decidida. Ela acompanha as notícias sobre ele nos jornais, compra os livros que ele escreve, lê e relê todos eles, decora-os como verdades supremas. Toda sua vida gira em torno dele, tudo se refere a ele: “Não queria ser feliz, não queria viver contente longe de você, enterrava-me num mundo sombrio de tortura e solidão. [...] Naquele tempo *eu só vivia através de você.*” (ZWEIG, 1925, p.167, grifos nossos).

Ao completar dezoito anos, ela retorna para a cidade onde ele mora, pois está decidida a reencontrá-lo no local do nascimento de sua paixão. Trabalha no comércio durante o dia e todas as noites vai para porta da casa dele para admirá-lo, contemplá-lo. Numa dessas noites, o olhar desse homem se volta para ela, e mesmo sem reconhecê-la, sem jamais supor que um dia ela foi sua vizinha, convida-a para sair. Ela aquiesce prontamente ao seu convite e, segundo seu relato, eles passam três noites juntos. Nesses encontros, ela, ainda virgem, entrega-se a ele sem resistência ou pudor e sem demonstrar sua inexperiência. Torna-se o que supõe que ele deseja de uma mulher. Ela lhe confessa, então, que o filho morto foi fruto desses encontros.

É claro que a sua gravidez é difícil, já que não revela para ninguém que está esperando um bebê. Nos últimos meses de gestação, pára de trabalhar para que ninguém perceba que ela está grávida, passa por dificuldades financeiras e, na hora do parto, não possui recursos para pagar um médico particular e dá à luz um filho em uma maternidade pública, onde é tratada como uma miserável. Ela descreve suas aflições:

Quase morri: tudo estranho, estranho, todas nós ali deitadas éramos estranhas umas para as outras, solitárias e cheias ódio mútuo, metidas, por causa da miséria e dos mesmos

tormentos, naquela sala cheia de clorofórmio e sangue, gritos e gemidos. Tudo o que a pobreza tem que suportar em humilhação, infâmia física e espiritual, eu o sofri lá junto com prostitutas e doentes que transformavam sua comunhão e sofrimento em perversidade [...] (ZWEIG, 1925, p. 181).

O leitor da novela se pergunta o porquê de ela não se apresentar para o homem causador de tanto tormento. Por que ela não lhe revela que era mãe de um filho dele? Apesar de todas as dificuldades descritas, ela opta por não lhe apresentar o filho, pois considera que a responsabilidade paterna não combina com o temperamento livre e descompromissado de seu amado. Além disso, acredita que ele jamais reconheceria o filho sem desconfiança, já que ela havia se entregado a ele sem nenhuma oposição ou recato: “Preferia assumir tudo a ser um peso para você, queria ser a única entre todas as mulheres na qual pensaria sempre com amor e gratidão. Mas você jamais pensou em mim, e me esqueceu” (ZWEIG, 1925, p. 179).

O filho abrandava o fervor de sua paixão e permite que ela se contentasse com os traços e trejeitos dele que estão inscritos naquela criança. Contudo, todos os anos, no dia do aniversário do escritor, ela retorna à porta daquele que jamais esqueceu: “[...] minha emoção se esgueirava humilde a sua porta” (ZWEIG, 1925, p. 182). Permanece do lado de fora da casa onde pode observar as visitas, as mulheres, as festas e, sobretudo, a sua profunda solidão.

Para manter o filho em boas escolas e com alto padrão de vida, ela passa a se vender para homens ricos que se encantam com sua beleza, que se apaixonam por ela, mas que jamais conseguem fisgar o seu amor. Ela confia que jamais se envolveu com ninguém porque queria estar livre para o momento em que ele a quisesse de volta: “[...] eu não queria me prender, queria ser livre para você a qualquer hora” (ZWEIG, 1925, p. 185). Dessa maneira, ela recusa os vários pedidos de casamento feitos por seus adoradores, dentre eles, o de um conde que se dispõe a se casar com ela e a assumir o seu filho. E, assim, abdicando de todas as possibilidades de ser amada, ela rejeita todos os pedidos dos homens que por ela se interessam.

Com o passar dos anos, torna-se uma bela mulher, usa roupas caras e está sempre rodeada por muitos admiradores que fazem parte da classe mais abastada e poderosa de sua cidade. Ela conta ao escritor que eles se encontravam em festas, concertos e óperas, mas que ele jamais a reconheceu. Considera, entretanto, que pouco restou daquela jovem tímida que ele havia conhecido em época anterior. O tempo passa, mas a exclusividade de sua escolha amorosa não muda. Continua a amá-lo e a esperar o momento em que o olhar dele pouse novamente sobre ela.

Dez anos depois da primeira noite que passam juntos, numa festa onde ela dança fervorosamente, ele a pergunta, sem reconhecê-la, como se pergunta a uma cortesã, se ela teria uma hora para atendê-lo: “[...] percebi que me tomava por uma dessas mulheres que se compram por uma noite” (ZWEIG, 1925, p. 188). Lânguida de desejo, ela sai do recinto, sem informar o seu paradeiro para o amigo que a sustenta há anos. Para acompanhar o homem amado, ela abandona seu mantenedor sem nenhuma justificativa: “Ah, eu estava profundamente consciente da baixeza, da ingratidão, da infâmia que cometia contra um amigo honrado, sabia que estava sendo ridícula e magoando mortalmente para sempre uma pessoa bondosa, sentia que estava dilacerando a minha vida” (ZWEIG, 1925, p. 189).

E, como uma prostituta de rua, ela passa uma noite de deleites com aquele homem que fora o motivo de todas as suas escolhas, de seus caminhos e descaminhos e, mesmo assim, ela não se revela para ele, não lhe conta que era a mãe de seu filho. Sem nenhuma declaração, ela aceita o dinheiro que ele lhe oferta e sai de sua casa como uma desconhecida mulher da vida, dessas que se esquece nas sobras de uma noite de farra. É somente em seu leito de morte, sem seu filho e sem saúde, que ela lhe escreve a sua história:

Mas enquanto eu viver você não escutará esse brado – só quando eu tiver morrido vai receber este meu testamento, de alguém que o amou mais do que todas e a quem você

nunca reconheceu, alguém que sempre esperou por você e a quem você jamais chamou. Talvez, talvez então você chame por mim, e pela primeira vez eu estarei sendo infiel, não poderei mais escutá-lo na minha morte: não lhe deixarei nem uma foto, nem um sinal, como você nunca me deixou nada; *you never knew me, never* (ZWEIG, 1925, p. 195, grifos nossos).

Dessa forma, sem deixar nenhum registro de sua existência, anulando-se completamente, ela finaliza o relato de sua expiação, a crônica de seu martírio silencioso. O homem, com as mãos trêmulas, finaliza a leitura da carta tentando investigar nos vestígios de sua memória alguma pista sobre ela, mas não encontra mais do que uma “recordação indistinta e borrada” (ZWEIG, 1925, p. 196). De fato, não consegue se recordar nem da menina, nem da jovem, nem da mulher. Sua memória acessa apenas vultos, sombras, restos de traços esgarçados pela passagem do tempo. Pela primeira vez, sente um amor imortal por essa mulher incorpórea, invisível e loucamente apaixonada: “Ele sentiu uma morte, e um amor imortal: algo desabrochou em sua alma, e ficou pensando na mulher invisível, incorpórea e apaixonada como uma música distante” (ZWEIG, 1925, p. 197).

1.4. Releituras

As obras abordadas foram escolhidas por nos permitir localizar a origem do masoquismo e recolher os traços característicos da fenomenologia da posição masoquista presentes tanto no homem como na mulher. Como sabemos, o termo “masoquismo” é muito abrangente e pode tanto referir-se a um traço do sujeito neurótico quanto estar diretamente relacionado à estrutura perversa. Dadas a extensão e a pluralidade de significados do termo, esclarecemos que o nosso interesse nesta pesquisa limita-se em partir dos traços masoquistas presentes nas personagens descritas para, em seguida, traçar uma distinção entre elas e, dessa forma, explicitar por qual motivo as personagens do sexo feminino não podem ser categorizadas como perversas masoquistas, ressaltando, entretanto, qual a função dessa posição em suas estruturas psíquicas. Para tanto, as noções de atividade (em

oposição à passividade) e de anulação que, aparentemente, não coincidem, mas que, acrescida à noção de disfarce, se entrelaçam e se mesclam no esclarecimento da dinâmica da suposta posição masoquista. Tais características se mostraram como sendo as balizas clínicas que nortearão os rumos desta pesquisa.

No clássico *A Vênus das peles*, deparamo-nos com um personagem do sexo masculino que ativa e racionalmente persuade uma mulher a executar a função da déspota cruel. Severino não pode ser categorizado como vítima, pois é ele quem conduz e dirige a cena que culmina no seu aviltamento. Ele educa Wanda para que ela se torne uma mulher despótica, já que assim ele poderá ser espancado, humilhado e traído, sendo que, para garantir que isso aconteça, constrói um contrato que lhe assegure o sofrimento. Severino age ativamente para que seja colocado na posição de objeto dessa mulher, não sendo possível afirmar que seu masoquismo é passivo. Encontramos também a noção de disfarce, pois, para tornar-se escravo de Wanda, Severino ganha tanto novo nome como novas roupas: passa a se chamar Gregório e a usar as roupas dos serviçais de sua época.

Chama-nos a atenção, entretanto, o fato de Severino ter se submetido a todos os caprichos de Wanda, com apenas uma condição, a saber, que ela sempre usasse suas “peles” quando estivesse na presença dele. Trata-se aqui de um fetiche cuja função é tamponar a falta fálica feminina. Não nos deteremos sobre esse ponto, mas destacamos que o fetiche é uma característica da perversão que, por sua própria estrutura, produz artifícios que visam sustentar a rejeição da castração e da diferença sexual. O fetichista detém o seu olhar no objeto de fetiche para não verificar a falta na mulher. Veremos, no próximo capítulo, a distinção entre a forma do desejo masculino em relação ao desejo feminino, ressaltando como a posição masculina se defende buscando um objeto que possa, pelo menos, amortecer a constatação da falta. Nossa hipótese é que esse fenômeno do fetichismo não esteja presente nem no caso da personagem “O” nem da desconhecida amante.

Já na *História de O* acompanhamos a forma como a personagem principal vai, pouco a pouco, abdicando de si mesma para enlaçar seus amantes, tornando-se aquilo que eles desejavam. É a fantasia de seus amantes que guia sua conduta, suas escolhas, sua aparência, seu comportamento. Ela se coloca como uma tela branca a ser pintada e adquire as formas e as cores dos anseios desses homens. Como ela mesma afirma, *reduzia-se a nada* para tornar-se amada pelos homens que, direta ou indiretamente, despertavam o seu interesse, a saber, René e Sir Stephen. Perdia-se “numa ausência delirante de si mesma” (RÉAGE, 1954, p. 69) e, provavelmente, só se resgatava pelo lugar que ocupava para os amantes, ou seja, um lugar de anulação e, até mesmo de aniquilamento. Encontramos, mais uma vez, indícios de que a personagem se disfarça e se camufla, pois, a pedido de René e de Sir Stephen, ela muda as roupas de seu guarda-roupa, muda o seu estilo de vestir, altera seus hábitos cotidianos, desdobra-se para realizar tais fantasias e, finalmente, *se reduz a nada*, restando-lhe apenas um corpo nu e uma máscara de coruja. Por qual motivo a personagem acredita que aflora como mulher exatamente na posição de anular-se e reduzir-se a nada? Paradoxalmente, é anulando-se e submetendo-se a aviltamentos que ela floresce como mulher. É dessa forma que ela se sente existindo como mulher. Consideramos possível a inferência de que talvez o masoquismo esteja mais presente nas fantasias de René e Sir Stephen, que se regozijavam ao entregar a mulher amada para outros homens e a toda sorte de humilhações e sevícias.

A obra suscita questões relevantes: a partir do que foi descrito, será que podemos supor que o sucesso da obra se deve à capacidade da autora em executar uma transposição do terror causado pela servidão voluntária dessa personagem – em decorrência do recurso estético do texto, que consegue enlaçar o leitor – ultrapassando, assim, a censura da consciência moral? O masoquismo da personagem só é suportado pelo leitor por estar encoberto pelo véu do amor? Qual é a função da anulação para essa personagem? Em especial, interessou-nos investigar se a personagem é de fato uma masoquista ou se o masoquismo é apenas uma máscara por ela utilizada para enlaçar seus amantes. Qual seria, então, a função da máscara para ela?

Já na novela “Carta de uma desconhecida” deparamo-nos com uma mulher que aparentemente escolhe sofrer anonimamente por amor. A sua escolha é tão decidida que o algoz nem precisa ter conhecimento da posição que ela ocupa, ele apenas é inserido na cena para compor o enredo criado por essa mulher. Chama-nos atenção o fato de que ela escolhe o seu objeto de amor antes mesmo de conhecê-lo. Outro aspecto relevante é o fato de ela inscrever sua marca pela sua completa anulação, não permitindo jamais que esse homem saiba sequer o seu nome. Ela imprime seu registro pela ausência quase completa de insígnias e inscrições. Sua carta nos dá indícios de que ela age de acordo com o que supõe que o amado espera de uma mulher e, para isso, encena a anônima e a puta, a servil e a vingativa, sem se permitir, entretanto, uma aparição, uma revelação. Sua imagem é revestida pela bruma do mistério e do enigma. Conforme ela mesma ressalta, sua ambição é inscrever-se como “a única entre todas as mulheres” (ZWEIG, 1999, p. 179), mesmo que seja ao preço de anular-se completamente até a própria morte. Poderíamos supor que essa anulação ultrapassa a reivindicação dos privilégios de ser única e alcança as margens de um amor mortífero, um amor que tem como dobradiça a morte?

Para levar a cabo esse amor, ela deixa apenas uma carta na qual revela que todo seu padecimento e todo seu amor foram investidos naquele que jamais a reconheceu. Entretanto, ao fazer essa revelação, ela já está morta. Podemos nos perguntar se, ao fazer essa revelação, ela não estaria na posição sádica, já que aponta o que ele poderia ter tido, quando tudo estava radicalmente perdido, pois ela e o filho estavam mortos. Imprime, assim, a sua marca pela fatalidade de seu completo desaparecimento. Curiosamente, pela primeira vez, inscrita pela ausência, ela consegue extrair desse homem um suspiro de amor. A máscara, nesse momento, é incorpórea, contorna as bordas de uma ausência completa, é a máscara da desconhecida. Será essa mulher por ele desejada? Por qual motivo essa mulher jamais se revela? Qual a função dessa escolha tão decidida?

Perguntamo-nos por que a cena supostamente masoquista é acompanhada de um disfarce. Será que o amor pode ser considerado um véu que torna aceitável um masoquismo que, possivelmente, já existia antes mesmo de conseguirem estabelecer quem seria o algoz? Seriam as mulheres masoquistas? Qual a relação da anulação e do aniquilamento, encontrados tanto em “*O*” como na mulher desconhecida, com o feminino? Qual a função da máscara nos casos acima descritos? Como podemos, à luz da teoria psicanalítica, abordar o problema do masoquismo e a sua relação com a noção de máscara, véu e disfarce? São essas as questões que nortearão os dois próximos capítulos.

REFERÊNCIAS: CAPÍTULO 1

CREPAX, Guido. *História de O*. São Paulo: Quadrinhos L & PM editores, 1988. 160 p.

_____. *A Vênus das peles*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 91p.

DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983. 327 p.

_____. Reapresentação de Masoch. In: _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 64-66.

MICHEL, Bernard. *Sacher-Masoch (1836-1895)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 417 p.

RÉAGE, Pauline. *História de O (1954)*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 243 p.

ZWEIG, Stefan (1924). Carta de uma desconhecida. In: _____. *Medo e outras novelas*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 148-197.

CAPÍTULO 2: A METAPSICOLOGIA DO MASOQUISMO

*“[...] pois, no campo do amor,
a mulher que não mente,
não tem valor”.*

Noel Rosa

Ao longo deste capítulo, acompanharemos quais foram as proposições freudianas sobre o masoquismo, apontando as suas inovações, bem como as alterações realizadas durante a construção de seu arcabouço teórico. Destacaremos o momento da criação do termo masoquismo feminino e, em seguida, faremos um breve apanhado da teoria de Hélène Deutsch, enfatizando os motivos que a conduziram à hipótese de que o feminino possui uma característica masoquista, demonstrando como sua teoria estava pautada em preceitos que não são aqueles desenvolvidos por Freud. Logo depois, abordaremos a tese lacaniana que assevera que o masoquismo feminino é uma fantasia do desejo masculino, sendo que, quando esse desejo incide nas mulheres, revela-se que é apenas uma das máscaras utilizadas pela mulher para enlaçar a fantasia masculina. O objetivo desse percurso é localizar a posição subjetiva de cada uma das personagens já descritas no capítulo anterior.

2.1. A teoria psicanalítica do masoquismo de Freud a Lacan

As proposições de Freud acerca do masoquismo passaram por várias modificações ao longo de sua obra. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1989 [1905]), o autor nos informa que decidiu lançar mão do termo masoquismo, assim sugerido pelo psiquiatra Krafft-Ebing, pois esse termo, extraído da literatura de Sacher-Masoch, indica não só o prazer na dor, tal qual o termo *algolagnia*¹¹, mas também o prazer obtido em qualquer forma de sujeição ou humilhação. Já nesse momento incipiente de sua formulação teórica, ele denuncia que as raízes do sadismo e do

¹¹ Freud (1905) indica que extraiu o termo *algolagnia* de um autor chamado Schrenck-Notzing cujo artigo sobre o assunto foi publicado em 1899.

masoquismo pertencem “às características universais da vida sexual” (FREUD, 1905, p. 149) e que não se limitam à perversão. Citamos a sua descrição acerca do masoquismo:

De maneira similar, a designação “masoquismo” abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o *condicionamento da satisfação* ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual. O masoquismo enquanto perversão parece distanciar-se mais do alvo sexual normal do que a sua contrapartida; em primeiro lugar, pode-se pôr em dúvida se ele aparece alguma vez como fenômeno primário, ou se, pelo contrário, surge regularmente do sadismo mediante uma transformação (FREUD, 1905, p. 148, grifos nossos).

Nesse artigo, ele anuncia a existência da sexualidade na infância e demonstra que ela se manifesta como perversa e polimorfa. É surpreendente constatar que, ao estudar o masoquismo no âmbito das perversões, Freud depara com a fantasia masoquista inconsciente, característica da neurose. A condição perversa e polimorfa da sexualidade humana é velada pelo recalque, o que faz com que Freud formule a tese de que a neurose é o negativo da perversão: “Portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da *sexualidade anormal*; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (FREUD, 1905, p. 155, grifos no original).

Vale destacar que Freud inova porque retira o masoquismo do âmbito das patologias perversas e passa a considerá-lo como um dos componentes da sexualidade humana; tanto o desenvolvimento quanto a satisfação da sexualidade humana são marcados por tendências sádicas e masoquistas. A perversão só pode ser considerada uma aberração sexual quando ocorre uma fixação em um dos componentes da sexualidade. O masoquismo é perverso apenas quando a satisfação pulsional está exclusivamente condicionada à dor física ou psíquica advinda do objeto sexual. Conforme as articulações de Freud, o masoquismo pode ser relacionado ao feminino, a partir da equivocada consideração de que ambos possuem características passivas. Ao longo desta dissertação, demonstraremos que tanto o masoquismo como o feminino não podem ser categorizados como passivos, sendo que foi o próprio Freud quem desconstruiu essa concepção.

Nesse momento da teoria psicanalítica, o sadismo é considerado um fenômeno primário em relação ao masoquismo. A pulsão de domínio pertence às pulsões do eu e é responsável pela posse do objeto; a pulsão sádica é a pulsão de domínio a serviço das pulsões sexuais, o que possibilita afirmar que a crueldade está intimamente vinculada às pulsões sexuais. É válido enfatizar que Freud, nesse momento, não faz distinção entre a pulsão sádica e a masoquista, propondo, então, o masoquismo como um fenômeno secundário em relação ao sadismo: o masoquismo seria um retorno do sadismo sobre o próprio corpo em decorrência da consciência de culpa e do complexo de castração.

No artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1974 [1914]), o eu, no aparelho psíquico, deixa de ter uma função apenas de defesa contra as excitações libidinais e torna-se um dos objetos de investimento da pulsão. Essa modificação na teoria freudiana não é sem conseqüências para o problema do masoquismo, pois se esboça, ainda que de forma incipiente, a distinção entre o eu ideal, aquele que foi objeto das primeiras satisfações narcísicas, e o ideal de eu, que aumenta o nível das exigências do eu e favorece o recalque, por ser uma instância que será relacionada à consciência moral, posteriormente, ao supereu e, conseqüentemente, ao masoquismo moral.

Em “Pulsão e suas vicissitudes” (1974 [1915]), encontramos novas contribuições acerca do problema do masoquismo. É notável a influência exercida pela introdução do conceito de narcisismo para a abordagem dos dois primeiros destinos da pulsão, na medida em que “se acham na dependência da organização narcisista do ego” (FREUD, 1915, p. 153). No primeiro, ocorre uma transformação da finalidade pulsional de ativa para passiva e, no segundo, o retorno da pulsão para o próprio eu.

Inicialmente, Freud supunha uma transformação direta da pulsão sádica em masoquista. Nesse momento, porém, provavelmente sob os efeitos da teoria do narcisismo, inclui um terceiro tempo no retorno da pulsão sobre o próprio eu. No primeiro tempo, o sadismo é exercido contra outra pessoa colocada no lugar de objeto. No segundo, esse objeto é deixado de lado e a pulsão é investida na própria pessoa, transformando a finalidade pulsional de ativa em passiva. Todavia, para a realização da meta masoquista, é necessário um terceiro tempo, no qual uma terceira pessoa é colocada na posição ativa, como um algoz: “Também aqui a satisfação segue o caminho do sadismo original, voltando o ego passivo, em fantasia, ao seu papel inicial, que foi agora, de fato, assumido pelo sujeito estranho” (FREUD, 1915, p. 149).

Vale ressaltar que, mais uma vez, ao falar do masoquismo, Freud refere-se à neurose, apontando a voz reflexiva média como reveladora do comportamento da pulsão sádica na neurose obsessiva. A voz reflexiva média é uma categoria da gramática grega clássica cuja conjugação expressa um retorno da ação sobre o próprio sujeito, por exemplo: fazer-se apanhar, fazer-se objeto de uma determinada ação ou até mesmo torturar-se. Trata-se de uma posição *ativamente passiva*, o que leva Freud a esclarecer que é o masoquista quem escreve o texto de seu espancamento. Apesar de aproximar a posição do masoquista da posição do neurótico obsessivo, Freud não as iguala, ressaltando que, no segundo caso, o terceiro tempo não está incluído, ou seja, não existe um terceiro colocado na posição de algoz: “O desejo de torturar transforma-se em autotortura, não em masoquismo. A voz ativa muda, não para passiva, mas para a voz *reflexiva média*” (FREUD, 1915, p. 149, grifos nossos). Consideramos o uso da voz reflexiva média como um indicativo da posição ativa do masoquista, apesar do seu véu de passividade, demonstrando que é ele quem procura alguém que fique na posição de torturá-lo.

Para Lacan (1964), o sujeito é sempre passivo em relação às impressões do mundo exterior. Sua atividade estaria, portanto, limitada ao campo de suas próprias pulsões. A atividade da pulsão

consiste em “se fazer”: se fazer ver, no caso da pulsão escópica; se fazer comer, na pulsão oral; e se fazer defecar, na pulsão anal. Ele ressalta que, no domínio pulsional, a distinção entre passividade e atividade é puramente gramatical, mas é essa característica – a de ter uma gramática – que revela como a linguagem altera o instinto, desnaturaliza-o e, assim, define a sexualidade humana. Sua importância encontra-se também no fato de mostrar o movimento circular da pulsão, buscando mais o contorno do que a fixidez do objeto. É possível inferirmos que tanto Freud como Lacan estão tocando em pontos que se equivalem, a saber, a atividade que está implícita na passividade: “De fato, salta aos olhos que, mesmo em sua pretensa fase passiva, o exercício de uma pulsão, masoquista por exemplo, exige que o masoquista, se ousar me exprimir assim, *trabalhe feito um burro*” (LACAN, 1964, p. 189, grifos nossos).

Ora, o uso da voz reflexiva média nos remete à vocação pedagógica e persuasiva, sublinhada por Deleuze, como sendo característica dos personagens “masoquistas” de Sacher-Masoch. São eles que, ativamente, convencem a mulher despótica de lhes aplicarem crueldades e castigos. Severino não só convence como também doutrina a “Vênus das peles” para que ela seja tão mais atroz e cruel do que ele pode imaginar. Podemos, do mesmo modo, encontrá-la na mulher desconhecida cujo sofrimento é causado por um algoz que ignora os malefícios que lhe inflige. É possível perceber que é ela quem não abre mão dessa posição e não poupa esforços para nela permanecer: suporta dificuldades financeiras, passa por prostituta, recusa pedidos de casamento de homens ricos, não revela o filho ao pai e, finalmente, sucumbe à morte. Tolerava todas as humilhações sem jamais abrir mão dessa forma paradoxal de demonstrar o seu amor pelas vias do ocultamento de sua identidade e pela submissão voluntária.

A personagem “O” também não é exatamente uma vítima passiva. Sua suposta passividade tem como objetivo uma sedução ativa e obstinada, ela se anula para que seu mestre possa fazer com ela o que bem desejar. Destitui-se, dessa maneira, a idéia defendida nos “Três ensaios sobre a teoria da

sexualidade” (1989 [1905]) na qual o masoquismo e a passividade se aproximam, pois, como foi possível demonstrar, é o masoquista quem convoca o seu alçôz para que o coloque numa posição aparentemente passiva, ainda que de forma velada.

2.2. A fantasia masoquista e sua relação com a constituição do sujeito

Podemos considerar o texto “Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (FREUD, 1972 [1919]) como um avanço do autor no estudo sobre o elemento masoquista presente na clínica das neuroses. Freud constata que as fantasias sádicas ou masoquistas podem aparecer tanto na histeria como na neurose obsessiva e que seu nascimento ocorre na primeira infância, por motivos contingentes. Tais fantasias geram uma mistura de prazer e repugnância e, posteriormente, são submetidas ao recalçamento, substituídas por uma formação reativa ou sublimadas. O autor afirma que elas são a marca de um traço primário de perversão. O pressuposto é que o sadismo transforma-se em masoquismo pela influência da culpa como efeito do recalque. Podemos observar a tentativa de Freud de organizar a fantasia por meio da formulação de uma frase que, em cada etapa, indica, numa versão encenada, a relação do sujeito com o objeto.

Na primeira fase, ainda num período muito precoce, não se sabe se essa fantasia é sádica ou masoquista, pois quem a cria não é o mesmo que espanca. O material ao qual o analista tem acesso é escasso: “O meu pai está batendo na criança (que eu odeio)”, provavelmente um irmão ou uma irmã. Freud interpreta o conteúdo dessa fantasia como incestuoso, pois a cena de espancamento compensa o ciúme do filho e não pode evitar o destino do recalçamento.

A segunda fase da fantasia é masoquista e submetida ao recalçamento: “Eu estou sendo espancado pelo meu pai”. Freud enfatiza que essa fase é a mais importante, pois nunca teve existência real, é uma construção em análise, o que implica que o mais importante não é a dor física, mas os aspectos

psíquicos tais como humilhação e submissão, que são revelados pela linguagem. Os enunciados são essencialmente masoquistas e esse é o único tempo em que o sujeito aparece na primeira pessoa, o que revela a índole masoquista do eu. Para Freud, a essência do masoquismo seria a junção do amor com o sentimento de culpa, cuja causa emana do amor incestuoso. A culpa modifica o conteúdo da fantasia de maneira regressiva: ser amado pelo pai se torna, então, ser espancado por ele: “Esse ‘ser espancado’ é agora uma convergência de culpa e do amor sexual. Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação” (FREUD, 1919, p. 237). Destacam-se, nessa fase, aspectos que merecem ser enfatizados: se a fantasia é um substituto da relação sexual proibida, significa que ela pode ser considerada tanto uma grande fonte de prazer quanto de sofrimento. Ora, a conjunção de prazer com sofrimento é o que lhe fornece a cunhagem masoquista. Podemos inferir que, por nunca ter acontecido, por nunca ter existido como fato é que ela se reedita e se realiza na fantasia inconsciente. É nessa tentativa de criar uma marca, de se reescrever o que nunca teve uma existência que o aparelho psíquico é forçado, convocado, impelido a realizar uma elaboração simbólica.

Na terceira fase da fantasia, o material a que temos acesso é: “O meu pai (ou um substituto paterno) está batendo nas crianças, ele só ama a mim”. Essa fantasia é mais familiar à consciência e possui uma maior riqueza na elaboração de sua ficção. A característica essencial desse enunciado é seu caráter sádico, além de sua ligação a uma forte excitação sexual. Segundo Freud, embora a fantasia seja sádica, a satisfação que dela emana é masoquista; trata-se somente de uma substituição da fantasia inconsciente, pois as crianças aqui espancadas nada mais são que os substitutos da própria criança que fantasia.

Nesse mesmo texto, é relatado um caso clínico cuja especificidade estava no fato de uma de suas pacientes, excepcionalmente, lembrar-se do conteúdo da segunda fase da fantasia. A paciente havia narrado em análise uma gama de fantasias masoquistas acompanhadas de excitação, nas quais

“permitia-se que o conteúdo – ser espancado pelo pai – se arriscasse outra vez pela consciência, *na medida em que o próprio ego do sujeito se tornasse irreconhecível por meio de um pobre disfarce*” (FREUD, 1919, p. 237-238, grifos nossos)¹². Apesar de enfatizar que essa fantasia foi extraída do relato de uma mulher, Freud considera um equívoco fazer um paralelo simétrico entre as fases da fantasia no homem e na mulher. Esclarece que, em ambos os casos, o conteúdo é passivo e “a atitude masoquista coincide com uma atitude feminina” (FREUD, 1919, p. 245). Podemos supor que essa frase nos indica o motivo pelo qual Freud nomeou o masoquismo de feminino¹³? Só poderemos responder essa questão se nos debruçarmos mais sobre a concepção freudiana do masoquismo, o que será realizado ao longo deste capítulo. Ressaltamos que Freud ainda não esclarece de forma pormenorizada o que significa uma “atitude feminina”. Já se percebe, entretanto, que o feminino não coincide com a distinção anatômica entre homem e mulher, ou seja, ser mulher ou ser homem não se restringe ao órgão genital feminino ou masculino, trata-se mais de uma posição subjetiva¹⁴.

Para Lacan (1999 [1958]), o texto acima citado é de suma importância para a clínica psicanalítica por se ocupar de uma das mais relevantes fontes de satisfação pulsional. Ele ressalta que a primeira fase da fantasia situa-se no período pré-edípico e surge a partir da relação triangular entre o sujeito, o irmão e o pai, pois aquele que é espancado nada mais é que o seu primeiro rival. Para o autor, a importância da primeira fase da fantasia reside na constatação de que o outro rival não é amado pelo pai e é por esse meio que o pai assumirá seu valor para o sujeito.

O pai recusa, nega seu amor à criança espancada, irmãozinho ou irmãzinha. É por haver uma denúncia da relação de amor e humilhação que esse sujeito é visado em sua existência de sujeito. Ele é objeto de uma sevícia, e essa sevícia consiste em negá-lo como sujeito, *em reduzir a nada a sua existência de desejante*, em reduzi-lo a um estado que tende a aboli-lo

¹² Considero ser possível aproximar a idéia de disfarce, encontrada em Freud, da noção de máscara que será abordada no próximo capítulo.

¹³ Veremos no próximo capítulo, como essa hipótese é utilizada por Eric Laurent para explicar o masoquismo feminino.

¹⁴ Este problema será abordado de forma mais detalhada no terceiro capítulo desta pesquisa.

como sujeito. Meu pai não o ama, eis o sentido da fantasia primitiva, e é isso que dá prazer ao sujeito – o outro não é amado, ou seja, não é estabelecido na relação propriamente simbólica. É por esse meio que a intervenção do pai assume seu valor primordial para o sujeito, aquele do qual dependerá tudo o que vem depois. (LACAN, 1958, p. 246, grifos nossos).

Salienta, contudo, que nessa primeira fase a problemática ultrapassa aquilo que chamaríamos de ódio em relação ao rival e localiza-se no fato de que sujeito “nesta ocasião está submetido ao máximo de degradação na valorização simbólica” equivalente a uma “injúria narcísica” (LACAN, 1959, texto inédito¹⁵). Para essa criança, o que a fantasia inscreve é a existência do amor do pai para aquele semelhante cuja presença aponta para uma alteridade radical. O rival existe, é amado pelo pai e também espancado por ele. A injúria narcísica só pode ser consequência da descoberta desse rival como sendo a presença viva dessa alteridade.

Na segunda fase, de acordo com Lacan, o sujeito encontra na fantasia masoquista uma solução para a operação de um ato simbólico. A mensagem que é veiculada não é “meu pai me bate”, mas “o rival não existe, *não é nada* em absoluto”, o que significa dizer “eu (sujeito da fantasia) existo e sou amado”. A fantasia masoquista permite que aquele sujeito se localize, se inscreva, faça sua marca no mundo simbólico, mas, como essa fantasia não chega ao sujeito, será construída em análise e a única coisa que dela persistirá será o chicote como material significante, que se tornará, então, o pivô da relação do sujeito com Outro: “[...] o que intervém, acima de tudo, é alguma coisa que risca o sujeito, que o barra, que o abole, alguma coisa de significante” (LACAN, 1958, p.250).

Essa fase é a mais importante, pois é por meio do masoquismo primordial que o sujeito se realiza e se localiza na dialética do significante. Verifica-se, portanto, a importância da passagem da primeira fase para a segunda, já que a criança vê no pequeno rival a possibilidade de erigir-se como sujeito, mesmo que à custa de sua *anulação subjetiva*, ou seja, pela marca de um *traço de subtração*. O

¹⁵ LACAN, Jacques. *O desejo e sua interpretação*. Paris: 1959, lição 7, p.17. Não publicado.

autor nos lembra que nessa lógica da existência pela anulação será encontrado o “caráter específico da reação terapêutica negativa” (LACAN, 1958, p. 254) e do suicídio, pois é pela própria extinção do corpo que o suicida produz uma marca indelével no mundo simbólico de seus entes. É o que podemos verificar na seguinte citação:

Quando abole a si mesmo, torna-se mais signo do que nunca. A razão disso é simples: é precisamente a partir do momento em que o sujeito morre que ele se torna, para os outros, um signo eterno e os suicidas mais que os outros. (LACAN, 1958, p. 254).

Essa lógica da anulação como marca da existência adquire sua relevância para esta pesquisa, na medida em que verificamos que é por meio da anulação que a personagem “O” e a personagem anônima da “Carta de uma desconhecida” inscrevem a sua marca para os homens que amam. Anulação e aniquilamento são os meios que elas utilizam para se demarcarem na vida deles. A personagem “O”, deixando-se marcar com as insígnias de seu mestre, ingressa num processo de anulação gradual e contínua. Já a personagem anônima marca sua existência pela anulação completa de sua vida, ela existe para ele somente quando, por sua causa, deixou-se padecer.

Na terceira fase, o sujeito será representado pela multiplicação indefinida de indivíduos sendo espancados. Essa será, portanto, a posição a ser reeditada pelo sujeito nas suas repetições e nos seus sintomas. Lacan propõe que essa posição seja traduzida com a expressão “Bate-se numa criança”, destacando, dessa forma, o valor do pronome indefinido “se”, já que, nesse lugar indefinido qualquer um poderá ocupar o lugar daquele que bate. É somente num momento posterior que o sujeito poderá interpretá-la como sendo ocupada pela figura paterna e seus substitutos. Podemos supor que tal sugestão de tradução nos remeta à voz reflexiva média da gramática grega, cuja especificidade foi destacada por Freud e, do mesmo modo, coloque o sujeito como fabricante ativo de sua fantasia masoquista.

2.3. Masoquismo feminino

A teoria freudiana do masoquismo é modificada substancialmente a partir do conceito de pulsão de morte e do conseqüente fracasso do princípio do prazer como condutor principal da vida psíquica. No texto “Além do princípio de prazer” (1972 [1920]), o pai da psicanálise começa a supor, a partir da análise de sonhos traumáticos, que o masoquismo poderia ser primário em relação ao sadismo e, em 1924, escreve “O Problema econômico do masoquismo”, em que o masoquismo primário é considerado como certo, devido à ação do significante.

Nesse texto, o autor questiona o porquê da existência do masoquismo na vida psíquica dos seres humanos, tendo em vista a hipótese de sermos governados pelo princípio do prazer. O prazer coincidiria com uma queda da tensão psíquica e o desprazer, com um aumento dessa tensão. Freud conclui que não seria o fator quantitativo que determinaria o estado de prazer ou desprazer, mas o fator qualitativo. Uma vez que não consegue determinar qual seria esse fator qualitativo, Freud menciona possíveis determinantes, como se pode notar na seguinte afirmação: “*Se pudéssemos dizer o que é essa característica qualitativa, estaríamos muito mais avançados em psicologia.* Talvez seja o ritmo, a seqüência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulos” (Freud, 1924, p. 200, grifo nosso). Podemos conjecturar que o fator econômico seria o responsável pelo atributo da qualidade. Se o prazer é obtido pela elevação da intensidade de energia pulsional, a qualidade é dada no movimento de retorno da pulsão que, após contornar o objeto, retorna para o próprio eu.

Freud, então, classifica o masoquismo em três formas fenomênicas: masoquismo erógeno ou primário, feminino e moral. O masoquismo erógeno é primário em relação à pulsão sádica, perpassa todas as fases do desenvolvimento da libido e está na base das outras duas formas de manifestação. O masoquismo moral relaciona-se com o supereu, que, com sua ferocidade, acusa o eu e o pune por

não ser a imagem e semelhança do ideal. O masoquismo chamado de feminino é uma fantasia do homem, e é assim caracterizado por representar-se por meio do que Freud nomeia como sendo um traço negativo, tal como podemos acompanhar na seguinte citação:

Por essa razão chamei essa forma de masoquismo, *a potiori* por assim dizer [isto é, com base em seus exemplos extremos], de forma feminina, embora tantas de suas características apontem para a vida infantil. Essa estratificação superposta do infantil e do feminino encontrará posteriormente uma explicação simples. Ser castrado – ou ser cegado, que o representa – com frequência deixa um *traço negativo* de si próprio nas fantasias, na condição de que nenhum dano deve ocorrer precisamente aos órgãos e aos olhos. (FREUD, 1924, p. 203, grifos nossos)

O fato de Freud ter nomeado de feminino um tipo de masoquismo sempre foi motivo de muita polêmica. Por que Freud escolheu o termo “feminino” para caracterizá-lo? Seria o masoquismo uma característica inerente à feminilidade. Podemos realmente supor que existiria uma característica masoquista intrínseca à posição feminina? Se essa fosse a sua tese, poderíamos afirmar que, do ponto de vista do psicanalista, as mulheres se regozijariam com o sofrimento, com o aviltamento e com as sevícias. Consideramos possível demonstrar, entretanto, que os elementos encontrados no texto freudiano nos fornecem subsídios para afirmar que o fato de um dos tipos de masoquismo ser por ele nomeado de feminino não significa que se esteja fazendo uma equivalência entre os termos. É claro que o fato de ele ter atribuído, ao feminino e ao masoquismo características passivas, ainda que apenas no início de sua produção teórica, pode ter contribuído para uma certa confusão por parte dos leitores. Em contrapartida, como foi evidenciado, o masoquista não é passivo, é ele quem conduz ativamente a cena do espancamento, muitas vezes sob o disfarce da passividade.

Retomaremos, então, os indícios que ele nos deixa ao longo de “O Problema econômico do masoquismo”. Primeiramente, como já ressaltamos, ele localiza que o masoquismo feminino é um modo de masoquismo encontrado nos homens e curiosamente afirma que, dentre as formas de masoquismo destacadas, essa é a menos enigmática. Estaria se referindo a fantasias que aparecem

tanto na neurose como na perversão, cujo conteúdo seria o de ser batido, maltratado, rebaixado e coagido a uma obediência incondicional. Tais fantasias indicariam que o masoquista quer ser tratado como uma criança desamparada e travessa. Freud ressalta ainda que, em alguns casos, as fantasias eram de ser castrado, copulado ou dar à luz um bebê, características localizadas como sendo femininas. Dessa forma, como pudemos verificar na citação acima, ele revela que escolheu o nome masoquismo feminino pelo fato de suas fantasias apresentarem um “traço negativo” – ser castrado ou cegado –, mas alega que muitas de suas características se assemelham à vida infantil. É possível supor que a aproximação entre o masoquismo e o feminino encontra-se no fato de ambos inscreverem sua marca por meio de um traço negativo. Todo o problema reside, portanto, em elucidar de maneira pormenorizada o que são esses “traços negativos” do ponto de vista psicanalítico.

Ora, pudemos acompanhar com Lacan que a fantasia masoquista é a solução encontrada para o surgimento do sujeito: é por meio de espancamento que o sujeito inscreve a marca de sua existência. Ele ressalta ainda a dialética proposição na qual defende que, por meio da anulação, o sujeito se faz representar como signo, inscreve a marca de sua existência pelo negativo. Poderíamos levantar a hipótese de que a anulação sublinhada por Lacan aproxima-se do que Freud está chamando de traço negativo? Isso significaria dizer que tais traços negativos são marcas de uma operação de subtração – “ser castrado ou ser cegado” – cuja radicalidade culminaria no aniquilamento e na anulação. Essa hipótese só se sustentaria, entretanto, se pudéssemos, por meio de uma pesquisa sobre o feminino, evidenciar os “traços negativos” que foram categorizados por Freud como característicos do feminino¹⁶.

O texto freudiano nos fornece ainda mais uma pista sobre a relação entre masoquismo e feminino. Sabemos que, ao longo dos anos, o enigma da feminilidade foi-se desenhando como uma pergunta

¹⁶ Esses aspectos serão trabalhados no terceiro capítulo, cujo tema central é o feminino.

constante no trabalho clínico de Freud e o conduziu a tentar desfiar suas especificidades, sobretudo no que se refere ao complexo de Édipo. Por meio de pesquisa clínica, ele infere que a fase pré-edípica tem uma importância elevada nas mulheres, pois, ao contrário do menino, a menina terá que abandonar seu primeiro objeto de amor para fazer sua entrada no complexo de Édipo, o que se dá por meio da constatação da falta fálica. O remanescente desse período será o ódio à mãe e a inveja do pênis. Apesar de localizar a diferença entre masculino e feminino na polaridade atividade-passividade, ele avisa que essa analogia é inadequada para esclarecer o problema. O autor não explicita os motivos de sua insistente vinculação do masoquismo com o feminino, mas esclarece que ambos são recorrentes nos homens e, no artigo sobre a “Feminilidade”, de 1933, afirma:

A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, *o masoquismo*, como dizem as pessoas, *é verdadeiramente feminino*. (FREUD, 1933, p. 143-144, grifos meus)

Se “o masoquismo é verdadeiramente feminino”, podemos inferir que, provavelmente, foi a sexualidade feminina que permitiu a Freud o esclarecimento acerca da gênese do masoquismo. Ora, Freud não afirma que o feminino é masoquista, mas que o masoquismo é feminino. Tal afirmação só pode nos conduzir à constituição da sexualidade feminina. Não obstante, antes de avançarmos, demonstraremos os motivos que conduziram Hélène Deutsch à formulação e sustentação da idéia de que o feminino possui elementos masoquistas que lhe são inatos.

2.4. Hélène Deutsch e o masoquismo feminino

Hélène Deutsch (1884-1982), além de aluna, foi paciente de Freud e tornou-se a principal defensora da teoria de que o feminino possui uma característica masoquista que lhe é inata. Seu livro *Psicología de la mujer* (1947) contém uma série de hipóteses sobre a constituição e o

desenvolvimento da sexualidade feminina, nas quais o masoquismo e a passividade são considerados os seus pilares, todos eles auxiliados por fundamentos biológicos. Vale ressaltar que não é nossa proposta esgotar as teorias formuladas por essa autora, mas apontar algumas de suas noções básicas que influenciaram uma certa popularização da concepção do feminino masoquista.

Para a autora, a sexualidade feminina é formada pela confluência de três fatores: narcisismo, passividade e masoquismo. A menina, na sua pré-história edípica, em decorrência da necessidade de ser amada, utiliza sua libido narcísica para dominar os impulsos destrutivos destinados ao meio externo. Esses impulsos, por sua vez, se voltam para o próprio eu, convertendo-se, assim, em uma tendência ao masoquismo. Dessa forma, influenciada pela ação inibidora do meio social, a menina abre mão da posição ativa e agressiva para ser aceita e amada. Ela supõe que essa intensa necessidade de ser amada é uma consequência do sentimento de inferioridade decorrente do destino anatômico das mulheres.

En este caso llegamos a un desarrollo que repetidamente tiene lugar en la mujer: la actividade se hace pasividad, y se renuncia a la agresión para ser amada. En esta renunciación, las fuerzas agresivas que non son activamente gastadas deben encontrar una salida e so hacen, dotando el estado pasivo de ser amada con un carácter masoquista. (DEUTSCH, 1947, p.232).¹⁷

Ela sustenta a hipótese de que a mulher está biologicamente acostumada com a dor – por exemplo, a dor do parto – e, a partir desse fator que lhe é constitutivo, o masoquismo desempenharia uma dupla função: tanto adaptaria a mulher à realidade permitindo, assim, que ela consinta mais facilmente com as dores que a sua própria constituição física lhe proporciona, bem como criaria nela defesas que lhe permitem não se destruir pelo excesso de tendências masoquistas. O erotismo feminino seria, dessa forma, um equilíbrio instável entre masoquismo e narcisismo.

¹⁷ Nesse caso, chegamos a um desenvolvimento que, muitas vezes, acontece com a mulher: a atividade se transforma em passividade e ela abre mão da agressão para ser amada. Nessa renúncia, as forças agressivas que não são ativamente gastas devem encontrar uma saída e o fazem fornecendo à posição passiva de ser amada uma característica masoquista. (Sugestão de tradução)

Chama a atenção o número de vezes que Deutsch destaca a ação inibidora do meio e a “debilidade” fisiológica das mulheres como causas da passividade e do masoquismo: “La ausencia de un órgano activo provoca el giro hacia la pasividad y el masoquismo”¹⁸ (DEUTSCH, 1947, p. 233). A criança se torna masoquista e passiva porque a mãe a inibe de agir ativamente no mundo e o pai a “suborna” com amor para que ela se adapte aos desígnios do meio. Com tais elaborações, é possível perceber que ela enfatiza os aspectos do mundo externo e da biologia em detrimento do funcionamento metapsicológico de seu objeto de estudo.

Outro aspecto digno de nota é que, apesar de sua hipótese ter como ponto de partida a elaboração de Freud em “O problema econômico do masoquismo”, no qual ele nomeia um tipo de masoquismo de feminino, ela propõe “uma correção” nas hipóteses por ele levantadas sobre o desenvolvimento das meninas para, dessa forma, ratificar e edificar a teoria de que o masoquismo é uma característica inata do feminino. Considera, dessa forma, um equívoco a afirmação de que a menina, ao afastar-se da mãe, espera o falo do pai sob a forma de um bebê, pois interpreta que essa é uma atitude passiva que constituirá o núcleo do complexo de Édipo freudiano. Ela defende, em sua concepção que, inicialmente, a menina tem uma atitude ativa em direção ao pai e, somente num segundo momento, visando ajustar-se à realidade, adota uma posição passiva cuja fantasia seria “quero ser castrada”. Considera, também, que não existe distinção significativa entre as fases pré-edípica e edípica no desenvolvimento da menina, pois, inibida de dirigir-se ao pai como representante da realidade, a menina sempre retorna para o seu primeiro objeto de amor, qual seja, a mãe.

Eric Laurent (1993) considera que a biografia da autora influenciou muito a sua construção teórica. Para ele, a autora teria partido de sua própria posição feminina para sustentar esse postulado

¹⁸ A ausência de um órgão ativo provoca um giro em direção à passividade e ao masoquismo. (Sugestão de tradução)

teórico. Essa hipótese é passível de questionamentos, na medida em que poderíamos dar subsídios para os críticos da psicanálise cujo argumento se sustenta na afirmação de que o “complexo de Édipo” não passaria de um conflito pessoal de Freud e que, por esse motivo, sua universalidade deveria ser descartada. Em contrapartida, seria pertinente destacar alguns dados de sua vida para tentarmos compreender o contexto em que sua teoria sobre o masoquismo feminino foi formulada. Destacaremos também algumas conexões feitas por Eric Laurent entre a vida e a obra da referida autora que podem ser esclarecedoras dos motivos que o levaram a supor que a obra de Deutsch está, de certa forma, motivada por sua biografia.

Hélène Deutsch nasceu na Polônia e era a filha caçula de um pai jurista e de uma mãe autoritária e conservadora. Segundo consta, ela era a filha predileta do pai, que nela viu a possibilidade de ser recompensado pelas decepções que tivera com o filho mais velho, considerado medíocre. Ainda na infância, ela sofreu uma tentativa de estupro por parte do irmão, fato que precipitou uma depressão no início da puberdade.

Em 1907, mudou-se para Viena, onde começou a estudar Medicina. Em 1911, entrou em contato com a psicanálise por meio da leitura da *Interpretação dos Sonhos* e, nessa mesma época, casou-se com Felix Deutsch, jovem médico também atraído pela psicanálise. Quando iniciou sua especialização em psiquiatria, já em 1914, estava muito interessada pela teoria freudiana e, quatro anos mais tarde, filiou-se ao *Wiener Psychoanalytische Vereinigung*, data em que começou a fazer análise com Freud.

Elizabeth Roudinesco nos conta que Freud se encantou pela inteligência e conhecimento da jovem Deutsch e, por esse motivo, precipitou a interrupção de seu tratamento com a justificativa de que precisava do horário para atender um jovem estrangeiro que, mais tarde, ficou conhecido como “Homem dos Lobos”. Além disso, anos mais tarde, ela foi para Berlim e procurou Karl Abraham

para retomar a sua análise, pois seu casamento estava por desfazer-se. Lá, envolveu-se com Sandor Rado, importante discípulo de Freud. Nessa época, seu marido era diretor da policlínica de Viena e médico pessoal de Freud. Este, por sua vez, escreveu para Abraham e solicitou-lhe que “zelasse para que esse tratamento não resultasse na separação de Hélène e seu marido” (ROUDINESCO, 1998, p. 151). Tal fato impediu o desdobramento natural de sua análise.

Para Laurent, o fato de Freud ter interrompido a análise de Deutsch teve como efeito uma limitação tanto na sua escuta clínica como na sua elaboração teórica, tendo ela permanecido fixada em suas próprias fantasias predominantemente de prostituição: “[...] los personajes cambian pero el fantasma siegue siendo el mismo”¹⁹ (1993, p. 52). Apesar de considerar que Hélène Deutsch foi de suma importância para a história da psicanálise, Laurent ratifica, por meio de fragmentos extraídos dos artigos dela, que estavam carregados de hipóteses retiradas de sua história pessoal bem como de suas fantasias. Com essa metodologia, Laurent revela, por exemplo, que, na sua formulação de que a filha caçula é a mais adequada para a eleição amorosa do pai, o que estava em jogo nada mais era que sua própria relação com o pai. Como já foi exposto, ela era a filha mais nova e foi eleita pelo pai para ocupar o lugar que seu irmão mais velho deveria ter ocupado. Também destaca que a própria autora revelou, em sua autobiografia, que o seu livro *Psicología de la mujer* também era uma biografia escondida pela obra teórica.

Diante disso, não é improvável que Freud tenha obstruído o andamento de suas duas análises: na primeira, por sua brusca e precipitada interrupção; na segunda, pela interferência. O resultado dessas análises, que podemos adjetivar de “mal-sucedidas”, foram seqüelas nas produções teóricas de Hélène Deutsch, pois como é sabido por aqueles que se ocupam do labor psicanalítico, a análise pessoal é fundamental na medida em que permite que o candidato a analista, mesmo quando afetado pelas questões trazidas por seus pacientes, possa distanciar-se de suas próprias fantasias

¹⁹ “Os personagens mudam, mas o fantasma continua sendo o mesmo.” (Sugestão de tradução)

para operar com o saber psicanalítico. Ora, não há aqui nenhuma tentativa de crítica às possibilidades clínicas de Freud ou de Deutsch, visto que se tratava dos primórdios da psicanálise, em que o círculo de psicanalistas se limitava a poucas dezenas de praticantes e de um momento ainda incipiente tanto da clínica como da teoria psicanalíticas. Estamos apenas tentando esmiuçar os motivos que culminaram na formulação de Hélène Deutsch sobre o masoquismo.

Pudemos observar que a autora descreve com muita riqueza o conteúdo das fantasias dos pacientes por ela atendidos, que essas se desdobram e se apresentam com uma roupagem diversificada e heterogênea. Devemos também a Hélène Deutsch a introdução de elementos que propiciaram a necessidade de discussão sobre o tema. Não obstante, consideramos que Deutsch, muitas vezes, se afastou de alguns princípios norteadores da teoria freudiana. É possível verificar que ela se refere ao masoquismo feminino como sendo um momento secundário da vida pulsional da menina decorrente da influência do meio e dos caracteres sexuais. De fato, ela desconsidera uma das principais características do masoquismo, a saber, seu caráter primário e a sua atividade pulsional, pois enfatiza a equivalência entre masoquismo e passividade²⁰. Além disso, é curioso que Deutsch não faça nenhum comentário sobre a advertência clínica fornecida por Freud de que o masoquismo feminino fosse predominante nos homens.

Vale destacar, ainda, algumas hipóteses sobre o motivo que incitou Freud a nomear um dos subtipos de masoquismo de feminino. Para responder a essa questão, Colette Soler (1998) retomou as proposições feitas por Freud (1919) no artigo “Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”, no qual sublinha que, para Freud, “ser amado” no sentido genital equivalia a “ser batido” no sentido regressivo. Elucida, então, que “Para Freud, regressão quer dizer mudança real no inconsciente” (SOLER, 1998, p. 211). Dessa forma, a regressão promoveria uma mudança no estado das coisas no inconsciente que culminaria numa

²⁰ Ressaltamos, mais uma vez, que, conforme foi demonstrado tanto com Sacher-Masoch como com Freud, o masoquismo, seja ele perverso, seja ele neurótico, é ativamente passivo no seu sofrimento.

equivalência imaginária entre a posição de objeto do masoquismo com o feminino, a saber, o sujeito almejava ser batido para ser como a mulher do pai. Consideramos que a hipótese defendida por essa autora coincide com as proposições freudianas sobre o masoquismo, entretanto não contempla os citados “traços negativos” característicos do masoquismo feminino. Ora, são esses “traços negativos” que têm norteado esta pesquisa, sobretudo no que se refere aos motivos que conduziram Freud a nomear o masoquismo de feminino. Interessa-nos, portanto, que sejamos guiados por essa indicação para elucidarmos essa controversa nomeação feita por Freud.

Eric Laurent (1993) apresenta duas hipóteses para elucidar o mesmo problema. Na primeira, ele supõe que Freud teria nomeado o masoquismo de feminino para se opor à atribuição, corrente em sua época, de que o masoquismo tinha no masculino e na perversão sua única morada. Concepção que decorre tanto da literatura de Sacher-Masoch como da nosografia psiquiátrica que daquela se derivou. Na segunda, baseia-se na já citada paciente descrita por Freud em seu artigo “Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (FREUD, 1919). Essa mulher relatou em sua análise que sentia prazer ao fantasiar que estava sendo espancada pelo pai. Para dar voz a essa suposição, mais uma vez, recorremos à citação: “permitia-se que o conteúdo – ser espancado pelo pai – se arriscasse outra vez pela consciência, *na medida em que o próprio ego do sujeito se tornasse irreconhecível por meio de um pobre disfarce*” (FREUD, 1919, p. 237-238, grifos nossos).

Para Laurent, portanto, esse caso pode ser considerado como a fonte que evidencia a nomenclatura masoquismo feminino. Ele também leva em consideração o fato de que, dos seis pacientes descritos no texto, quatro fossem do sexo feminino: “Para las mujeres, entonces – dos cada cuatro –, aqui

está la viraje esencial de lo que será para Freud el masoquismo, las formas evidentes manifiestas del masoquismo femenino [...]”²¹ (LAURENT, 1993, p. 58).

Consideramos que essa hipótese, apesar de plausível, não coincide com o fato de ter sido o próprio Freud (1924) quem asseverou que o masoquismo feminino é um tipo específico de masoquismo encontrado *nos homens*, o que nos leva à inferência de que foi possivelmente em casos de homens – e não de mulheres – que Freud observou o fenômeno do masoquismo descrito como feminino. Caso contrário, ele não enfatizaria tal fato. Com efeito, interessa-nos mais a afirmação de que a fantasia relatada por essa paciente só poderia advir à consciência se fosse mediada por um disfarce. Essa indicação nos parece valiosa por indicar que existe uma íntima relação entre o disfarce e o suposto masoquismo que é encontrado na mulher. Para compreendermos melhor essa ligação entre disfarce ou máscara com o masoquismo feminino, buscaremos a posição de Lacan sobre esse tema, considerando que a tese defendida por ele é muito relevante para esta pesquisa.

2.5. Masoquismo feminino, fantasia masculina

Em seu artigo “Diretrizes para um Congresso sobre sexualidade feminina” (1958 [2]), Lacan critica explicitamente a hipótese de um masoquismo da mulher e afirma que os analistas também têm seus preconceitos, mas que é preciso distinguir o que é preconceito e o que é uma formação do inconsciente. Formula, então, a seguinte questão: “Será que podemos nos fiar no que a perversão deve à invenção masculina, para concluir que o masoquismo da mulher é uma fantasia do desejo do homem?” (LACAN, 1958[2], p. 740).

A resposta a essa pergunta foi explicitamente formulada no *Seminário – livro 10: a angústia* (1962-1963), no qual ele atesta que o masoquismo feminino é uma fantasia masculina. Essa afirmação é

²¹ “Para as mulheres, então – duas das quatro –, aqui está a virada essencial do que serão para Freud as formas evidentes e manifiestas do masoquismo feminino [...]. (Sugestão de tradução).

feita por meio do caso clínico de uma mulher atendida por ele, cuja queixa se tecia em torno da mudança de comportamento de seu marido: ele, que outrora a procurava insistente e inconvenientemente, naquele momento, simplesmente desistiu e não mais a procurou. Segundo Lacan, o que especificamente a incomodava poderia ser condensado na seguinte frase: “Não importa que ele me deseje desde que não deseje outras” (LACAN, 1963, p. 207). Essa mesma paciente, quando jovem, se correspondia com um rapaz que, nas palavras dela, havia sido o seu primeiro amor. Eles trocavam cartas cujo conteúdo, de acordo com o relato dessa mulher, era “um tecido de mentiras”:

Eu criava fio a fio um personagem, aquele que eu desejava ser aos olhos dele, e que não era de jeito nenhum. Receio que isso tenha sido uma iniciativa puramente romanesca, e que persegui da maneira mais obstinada, envolvendo-me numa espécie de casulo. E acrescentou, com toda gentileza. Sabe, ele teve dificuldades para se recuperar disso (LACAN, 1963, p.208, grifos no original).

Partindo desse caso clínico, Lacan indaga aos analistas acerca da sexualidade feminina e formula algumas respostas. Sua premissa é de que uma mulher *a priori* se interessa pelo desejo do outro, uma vez que “seu vínculo com o nó do desejo é bem mais frouxo” (LACAN, 1963, p. 202). Essa frouxidão, decorrente da falta fálica, possibilita que ela se desdobre, se transmute e se disfarce para enlaçar o desejo de um homem. O caso clínico ressaltado nos permite acompanhar que para atrair o desejo do referido rapaz, ela se disfarçava e, por meio desse “personagem”, não só enlaçou o rapaz como também o fez sofrer.

De acordo com a formulação lacaniana, a função fálica, para o homem, é marcada por uma falta que, por sua vez, instaura um campo de desejo em que se busca um objeto que faça obstáculo a esse buraco. O homem procura um objeto que tampone essa falta, tal qual um objeto fetichista. Esse objeto tem para o homem a significação do velamento da castração. É por esse motivo que Lacan

defende a hipótese de que a impostura perversa é predominantemente masculina, já que para o homem, “o objeto é a condição do desejo. O gozo depende dessa questão” (LACAN, 1963, p. 210).

A falta, o sinal *menos* com que é marcada a função fálica no homem, e que faz com que sua ligação com o objeto tenha que passar pela negativização do falo e pelo complexo de castração, o status do (-φ) no centro do desejo do homem, é isso que não constitui, para a mulher, um nó necessário (LACAN, 1963, p.202, grifos no original.)

A causa do desejo masculino seria condicionada por um objeto com a roupagem de um fetiche. É por esse motivo que Lacan denomina a versão masculina do amor de “fetichista”, pois o objeto precisa preencher uma série de condições específicas para se tornar desejável. A mulher desperta a fantasia masculina na medida em que preenche, mesmo que imaginariamente, esses requisitos de estar na posição de objeto, de se fazer objeto causa de desejo para ele. Essa característica do desejo masculino é retomada por Miller (2002), que afirma que esse traço masculino pode ser categorizado como sendo uma “perversão normal do macho”, isto é, o desejo masculino se distinguiria do feminino na medida em que “requer o mais gozar” (MILLER, 2002, p. 18). São os homens que exigem determinadas características em uma mulher para que ela se torne, assim, o objeto causa de seu desejo²². Ora, essa característica do desejo masculino é muito explicitada no romance *História de O*, em que a personagem era convocada tanto por René como por Sir Stephen a se formatar de acordo com as características estabelecidas por eles. Antes de encontrá-los, ela deveria maquiar o seu sexo e o seio, vestir-se com determinadas roupas que lhe possibilitasse estar sempre disponível para eles. É o que se pode contemplar na seguinte citação:

Quanto às roupas, ela deveria tratar de escolhê-las ou inventá-las, se fosse preciso, de modo que não precisasse mais tirar certas peças, como ela havia feito no carro que a levou a Roissy: no dia seguinte, ela iria selecionar os vestidos nos armários, as peças de *lingerie* nas gavetas, e daria a ele absolutamente todos os cintos e calcinhas que encontrasse; assim

²² Retomaremos essa característica do amor masculino no próximo capítulo por meio da mostraçãõ das fórmulas da sexuaçãõ.

como sutiãs como aquele cujas alças ele precisara cortar, as combinações cuja parte superior lhe cobrissem os seios, as blusas e os vestidos que não se abrissem pela frente, as saias muito justas que não pudessem ser erguidas de uma só vez (RÉAGE, 1954, p.90, grifos no original.)

Já nas mulheres essa operação seguiria outro circuito, pois elas encontram sua satisfação ao capturar o objeto de desejo do homem amado, “o objeto fálico só chega a ela em segundo lugar, e na medida em que desempenha um papel no desejo do Outro” (LACAN, 1963, p. 202). Para elas, o desejo é indeterminado, podendo-se ligar a possibilidades infinitas, pois importa mais fisgar o desejo do Outro do que se fixar a determinadas condições. Dessa forma, Lacan assevera que, quando a perversão ocorre na mulher, trata-se apenas de farsa, de um disfarce, de uma máscara²³, em que ela encena a “personagem” do que supõe que seja o desejo do Outro: “Para a mulher, o desejo do Outro é o meio para que seu gozo tenha um objeto, digamos, conveniente” (LACAN, 1963, p. 210).

Essa hipótese de Lacan confirma a indicação de Freud – conforme teremos a oportunidade de demonstrar no próximo capítulo – de que, para a mulher, importa menos amar do que ser amada. Não foi por acaso que Lacan, possivelmente dando voz a esse apontamento de Freud, lança mão do citado exemplo clínico. Não seria esse aspecto do desejo feminino que a paciente de Lacan revela, ao dizer que pouco importa que o marido a deseje, o que é relevante é que ele não deseje as outras? Há nesse enunciado certo paradoxo que nos permite inferir que, por não desejar outras, é que o olhar desse homem a institui como uma mulher, como objeto de desejo dele. Ela é amada na medida em que as outras não o são. Importa, portanto, o que ele deseja. É a partir dele que ela se localiza como mulher desejada, mesmo que se queixe quando ele a procura insistentemente. São pelos motivos expostos que a forma do amor feminino é nomeada por Lacan de “erotomaníaca”, sendo um dos indicadores da posição subjetiva que cada um ocupa na partilha entre os sexos: “Se a

²³ A noção de máscara nos remeterá à teoria formulada por Joan Rivière – “A feminilidade como máscara” – que será abordada detalhadamente no próximo capítulo.

posição do sexo difere quanto ao objeto, é por toda uma distância que separa a forma fetichista da forma erotomaníaca do amor” (LACAN, 1958[2], p.742).

Miller (2002) elucida que o desejo feminino passa pelo amor, sendo que esse é condicionado pela castração. Se o amor se manifesta do lado feminino como sendo “erotomaníaco”, como sendo um “amor louco”, “um amor sem limite” (Miller, 2002, p. 18), é exatamente porque a mulher se dispõe a se colocar na posição de objeto da fantasia masculina e a partir dela receber a sua identidade. Mais uma vez, é a personagem “O” quem nos elucida sobre esse amor nomeado por Lacan como sendo erotomaníaco. Veremos, na passagem seguinte, como a referida personagem encontrava a sua satisfação ao se entregar às fantasias sádicas de seu amante, pois, dessa forma, ela se sentia amada e unida a ele.

Há muito tempo ele desejava prostituí-la, e sentia com alegria que o prazer que estava tendo com isso era maior do que ele esperava, e *quanto mais ela fosse humilhada e ferida mais estariam unidos*. E se ela o amava só poderia gostar daquilo que viesse dele. (RÉAGE, 1954, p.62, grifos nossos.)

Retomando o problema do masoquismo na mulher, Lacan afirma, mais uma vez, que o masoquismo feminino é uma fantasia masculina (LACAN, 1964, 182). Sua hipótese é que essa concepção de um masoquismo inerente à mulher foi sustentada pela cumplicidade e pelo consentimento de algumas psicanalistas, pois, “sem dúvida que aí talvez haja um *véu* que convém não levantar depressa demais, concernente aos interesses do sexo” (LACAN, 1964, p. 182, grifo meu). Podemos inferir que Lacan está fazendo uma alusão, ainda que velada, à teoria do masoquismo feminino formulada por Hélène Deutsch. Tal asserção permite deduzir que, possivelmente, a referida teoria só foi validada pelas outras psicanalistas em decorrência das concessões femininas em relação ao desejo do Outro. Estaríamos diante, portanto, de uma resposta à fantasia masculina. Assim, para enlaçar o desejo do Outro, essas psicanalistas sustentaram, ainda que encobertas por um véu, a asserção do masoquismo feminino. Lacan esclarece, ainda, que a

tentativa de fazer coincidir o masculino com a atividade e o feminino com a passividade é um recurso metafórico utilizado para nomear o que não se pode perscrutar na diferença entre os sexos e fazendo alusão à concepção de máscara forjada por Joan Riviere²⁴ nos mostra que:

Levando as coisas ao máximo, pode-se dizer mesmo que o ideal viril e o ideal feminino são figurados no psiquismo por outra coisa que não essa oposição atividade passividade de que eu falava há pouco. Eles saem propriamente de um termo que não fui eu que introduzi, mas com que uma psicanalista rotulou a *atitude sexual feminina* – é a *mascarada* (LACAN, 1964, p. 183, grifos nossos).

Reafirmando a posição de Lacan, Colette Soler (2005) considera que Freud, apesar de ter forjado o termo “masoquismo feminino”, não deixa margem para equívocos, pois jamais utilizou o masoquismo para esclarecer o problema do feminino; ao contrário, empregou suas elaborações sobre o segundo para esclarecer os impasses do primeiro. Soler ressalta que a teoria do feminino masoquista manteve-se inquestionável pela sustentação da chamada “masoquista mascarada”, conforme a citação abaixo:

Esse fato estrutural está na base do que bem poderíamos chamar de “**mascarada masoquista**”. Sem ela, a tese do masoquismo feminino teria sido muito menos plausível. A mascarada tem várias facetas, sem dúvida. Na maioria das vezes, dissimula a falta, jogando com a beleza ou com o ter para encobri-la. Mas há também uma mascarada masoquista que, inversamente, ostenta a falta ou a dor, ou até a dor da falta. Às vezes chega a rivalizar na insuficiência e até a fomentar falsas fraquezas. (SOLER, 2005, p. 63, grifo nosso)

É a própria Colette Soler (1998) quem distingue o masoquista perverso da máscara masoquista feminina, explicando que o masoquista não deixa brechas para o acaso, ele precisa ter o seu gozo garantido por um contrato, pois visa a um “sinal da angústia” no outro: “Ao fazer alarde de uma vontade de gozo afirmada, que pretende realizar-se pela dor, ele de fato realiza um desejo que não sabe e que visa a angústia do Outro [...]” (SOLER, 1998, p. 219). Ora, podemos localizar essas

²⁴ A relação entre feminilidade e máscara será abordada detalhadamente no próximo capítulo, bem como a citada teoria da psicanalista Joan Riviere.

características no personagem Severino, em *A Vênus das peles*, de Sacher Masoch, que pode ser considerado um masoquista perverso. É ele quem propõe o contrato como instrumento para garantir tanto a sua forma de gozo como a presença de seu objeto de fetiche, a saber, as peles que Wanda deveria usar sempre que o encontrasse.

Em contrapartida ao masoquismo perverso, o masoquismo utilizado como máscara do feminino seria aquele mais complacente a realizar um sacrifício do que um desejo. O que se almeja nessa situação é ser eleita pelo desejo do outro, isto é, “para que a fantasia do homem nela encontre ‘sua hora da verdade’” (SOLER, 1998, p. 218). Consideramos que essa característica está nitidamente presente na personagem “O”, cujo corpo dizia não ao chicote, mas cuja vontade se satisfazia em atender aos pedidos de seu amante. Dessa forma, a posição aparentemente masoquista da personagem “O” é apenas uma farsa, um disfarce, uma máscara, cujo objetivo principal é atrair o homem amado fazendo-se objeto de seu gozo. Se essas afirmações são verdadeiras, o conhecido masoquismo feminino nada mais é do que uma máscara para capturar o desejo masculino, pois essa posição seria uma fantasia masculina por excelência.

Diante do exposto, só poderemos demonstrar tais proposições por meio da compreensão das especificidades da sexualidade feminina. Portanto, no próximo capítulo, buscaremos explicitar os motivos que conduziram Freud a classificar um tipo de masoquismo como sendo feminino, acompanhando as elaborações freudianas acerca da sexualidade feminina, rastreando o que são os aludidos “traços negativos” e em que medida as manifestações das fantasias dos masoquistas podem ser aproximadas da posição feminina. Além disso, para apurarmos a asserção lacaniana no qual se afirma que o feminino só adota uma postura perversa por meio do artifício da máscara, abordaremos a noção de máscara que foi primeiramente forjada pela psicanalista Joan Riviere.

REFERÊNCIAS: CAPÍTULO 2

ALENCAR, Maria Lídia Oliveira de Arraes. A concepção freudiana da fantasia. In: BERNARDES, Ângela C. (Org.). *10 x Freud*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. p. 119-135.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Lecciones psicoanalíticas sobre el masoquismo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005. 141 p.

BESSA, Graciela de Lima Pereira. *Congruências entre o masoquismo e a sexualidade feminina em Sigmund Freud*. 2004. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Estudos Psicanalíticos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

DEUTSCH, Helene. Masoquismo feminino. In: _____. *La psicología de la mujer*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1947. p. 222-256.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 118-126. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

_____. O tema dos três escrínios (1913). In: _____. *O caso de Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 363-379. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 89-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 129-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. Uma criança é espancada (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 223-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

_____. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 197-212. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 139-165. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 532 p.

_____. *O Seminário – livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 366 p.

_____. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 269 p.

_____. A significação do falo (1958[1]). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 692-703.

_____. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. (1958[2]). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 734-745.

LAURENT, Eric. *Posiciones Femeninas del ser: Del masoquismo femenino al empuje a la mujer*. Buenos Aires: Editorial Três Haches, 1999. 157p.

HELENE DEUTSCH. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 150-151.

MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano – O sexo e seus furos*, Belo Horizonte, n.2, p. 13-29, agosto, 2003.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 245 p.

_____. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998. 478 p.

RÉAGE, Pauline. *História de O (1954)*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 243 p.

ZWEIG, Stefan (1924). Carta de uma desconhecida. In: _____. *Medo e outras novelas*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 148-197.

CAPÍTULO 3. “ELA SE DUPLICA”²⁵: A DUPLA FACE DA SEXUALIDADE FEMININA E SUA RELAÇÃO COM O MASOQUISMO

Escolher a própria máscara é o primeiro gesto voluntário humano. É solitário. Mas enfim quando se afivela a máscara daquilo que se escolheu para representar-se e representar o mundo, o corpo ganha nova firmeza, a cabeça ergue-se ativa como a de quem superou um obstáculo.

Clarice Lispector

Como pudemos demonstrar no capítulo anterior, Freud encontra no feminino um traço, chamado por ele de “traço negativo”, capaz de elucidar por qual motivo nomeou um dos tipos de masoquismo encontrado nos homens de “masoquismo feminino”. Para tentarmos compreender quais pressupostos teóricos o conduziram a essa hipótese, percorreremos os textos que aludem à distinção entre os sexos e, mais especificamente, à feminilidade²⁶. Ao realizar essa digressão, poderemos observar que, ao longo de sua construção clínica e teórica, Freud foi se deparando com as diferenças constituintes do menino em relação à menina e, aos poucos, foi percebendo que elas ultrapassavam a anatomia. Não obstante, para compreender o feminino, teve como ponto de partida o referente fálico, a saber, o paradigma masculino. Será que foi por ter se baseado nessa premissa que o feminino foi para ele um enigma?

Para elucidarmos as questões levantadas ao longo deste trabalho, ou seja, qual é a relação entre o masoquismo e o feminino, recorreremos à contribuição da teoria freudiana acerca da especificidade da sexualidade feminina, abordaremos a noção de máscara forjada por Joan Riviere bem como as

²⁵ LACAN, 1975, p. 109.

²⁶ As formulações que versam especificamente acerca da sexualidade feminina são tecidas em um período avançado da obra de Freud. Curiosamente, é possível avistar que essa pergunta sobre o feminino já habitava suas indagações. Arriscamos pincelar uma passagem que pode passar quase despercebida para o leitor, mas que nos mostra uma concepção do feminino como sendo uma representação recalcada que ainda poderá advir: “A função repressora, portanto, seria sempre um impulso pulsional masculino, e o *recalcado* um impulso *feminino*” (FREUD, 1919, p. 250, grifos nossos). Optamos por apresentar essa indicação freudiana em nota para colocá-la como pano de fundo do texto, já que teremos a oportunidade de acompanhar a busca incessante de Freud por uma representação que referencie o feminino, como se ela existisse e apenas não emergisse em decorrência da força do recalçamento.

contribuições da releitura de Jacques Lacan sobre a especificidade da posição feminina, demonstrando que a sexualidade feminina pode se bifurcar em direções que ultrapassam a via fálica.

3.1. Os impasses freudianos em relação à sexualidade feminina

O referencial fálico é encontrado em “A organização genital infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade)” (1923), no qual Freud acrescenta aos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) algumas hipóteses sobre a constituição libidinal dos seres humanos. Nesse artigo, ele considera que a função da vida sexual infantil não se limita à escolha de objeto, mas também verifica que em ambos os sexos há uma “primazia do falo”, ou seja, tanto para as meninas como para os meninos, o único órgão genital reconhecido é o masculino²⁷. Sem embargo, esclarece que essa hipótese só poderá ser descrita na criança do sexo masculino, pois “os processos correspondentes na menina não conhecemos” (FREUD, 1923, p. 180). Essa constatação implica dizer que não é o sexo anatômico que determina a representação psíquica da partilha sexual, já que apenas o falo existe para ambos os sexos:

A característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo* (FREUD, 1923, p.180, grifos no original).

Inicialmente, o menino percebe que os homens são diferentes das mulheres, mas não vincula essa diferença aos órgãos genitais. Ele supõe que todos possuem um órgão genital semelhante ao seu e até procura esse órgão tanto nos animais como nos objetos inanimados. Portanto, mesmo quando a criança já teve acesso visual aos órgãos genitais femininos, é somente *a posteriori* que ela descobre

²⁷ Essa constatação de Freud será de fundamental importância para esta pesquisa na medida em que possibilita a construção da hipótese de que a feminilidade se utiliza do artifício da máscara como um dos meios possíveis para se representar.

que o pênis não é uma possessão comum a todos os seres humanos. Freud presume, então, que essa contradição entre o que é visto e o que é concebido se deve a uma “rejeição”²⁸ da diferença sexual. A criança encobre sua constatação supondo que a menina tem um pênis ainda muito pequeno que, mais tarde, crescerá. Ao constatar, assim, a falta do pênis, a criança conclui que ele já existiu, mas que foi retirado ou, em outras palavras, “a falta de um pênis é vista como resultado da castração” (FREUD, 1923. p. 182). Contudo, mesmo tendo descoberto a falta do pênis, a criança ainda não a associa diretamente ao sexo feminino, porque pensa que apenas as pessoas cujo comportamento mereceria uma punição é que seriam “castradas”. A falta do pênis só é relacionada ao sexo feminino quando as crianças formulam teorias acerca da origem dos bebês e descobrem que apenas mulheres podem dar à luz um bebê.

Desse modo, Freud divide o desenvolvimento sexual humano em três estádios: a organização pré-genital sádico-anal, período em que não existiria diferença entre masculino e feminino, já que a antítese oscilaria entre ativo e passivo; a fase fálica, em que há predominância da polaridade entre ter o pênis ou ser castrado; e a fase adulta, em que existiria uma distinção entre o masculino e o feminino. Nesta última, o masculino abarcaria os atributos de sujeito, posse do pênis e atividade, e o feminino coincidiria com o atributo de objeto e passividade. Veremos como o predicado da passividade, apesar de ser recorrente no texto freudiano, não esclarece os seus impasses sobre a feminilidade e será paulatinamente considerado irrisório.

No artigo “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), Freud apresenta, ainda de forma incipiente, a distinção do conflito edípico dos meninos em relação às meninas. Sua argumentação centra-se na “primazia do falo”, cuja relevância se deve ao fato de ser uma fase concomitante ao complexo de Édipo. De acordo com suas premissas, durante a fase fálica, os meninos manifestam orgulho de seus

²⁸ O termo em alemão utilizado por Freud é *‘leugnen’* cuja forma afirmativa é *‘verleugnen’*. Segundo HANNS (1996), o termo pode ser traduzido por “negação”, “rejeição”, “recusa”, ou ainda, “repúdio”. Nesse contexto, *‘leugnen’* significa contestar ou questionar a existência ou a validade da falta (HANNS, 1996, p.308).

órgãos genitais e, com frequência, os manipulam. Junto a esse período de júbilo com o seu órgão, a criança está no período edípico, no qual todo seu afeto está investido na mãe, seu primeiro objeto de amor. Aos poucos, o menino perceberá que esse comportamento onanista não é aprovado pelos adultos, que lhe proferirão ameaças tanto de cortarem o órgão manipulado como de lhe cortarem a mão que o manipula. Todavia, essa ameaça só adquirirá relevância para a criança quando ela deparar com a visão dos órgãos genitais femininos e sentir o que Freud nomeia como sendo equivalente a uma “ameaça de castração”. Essa ameaça fará com que a criança abandone o seu primeiro objeto de amor: “É minha opinião ser a ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança” (FREUD, 1924, p.219). Nos meninos, portanto, o complexo de Édipo é dissolvido pela constatação da castração; seus investimentos libidinais são, assim, substituídos por identificações e a autoridade paterna é assimilada e introjetada para dar origem à instância psíquica supereu.

Após formular a saída masculina, Freud se pergunta, então, como se realizaria tal processo no caso das meninas, tendo em vista que “a anatomia é o destino”²⁹, isto é, “a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico” (FREUD, 1924, p. 222). Segundo o autor, inicialmente, o clitóris exerceria para a criança do sexo feminino a mesma função do pênis para os meninos. Somente após a visão dos órgãos genitais deles a menina perceberia que está desprovida do pênis. Ela se consolaria pensando que seu pequeno órgão cresceria e teria, no futuro, o mesmo tamanho apresentado pelo órgão dos meninos. Contudo, nessa época, ela ainda não relaciona a sua falta fálica com a diferença entre os sexos e supõe que as mulheres adultas também possuem pênis. Freud ressalta que: “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência” (FREUD, 1924, p. 223). Ao deparar com a castração, a menina estaria livre do temor da castração, mas outro temor a aprisionaria: o medo da perda de amor por parte daqueles que a amam. A

²⁹ Freud utiliza essa frase de Napoleão Bonaparte como premissa para descrever o desenvolvimento da sexualidade feminina, ligando-a à diferença anatômica entre os sexos.

dissolução do complexo de Édipo ocorreria não pelo temor da castração, mas pelas exigências sociais que, se não atendidas, podem ocasionar a perda do amor dos entes queridos. Por esse motivo, Freud presume que o complexo de Édipo seja muito mais simples nas mulheres do que nos homens.

O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, *raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai*. A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma *equação simbólica*, poder-se-ia dizer – *do pênis para o bebê*. (FREUD, 1923, p.223, grifos nossos)

Conforme sublinhamos, é possível inferir que Freud ainda estava muito envolvido com o paradigma masculino para vislumbrar qual seria a peculiaridade da mulher em relação ao homem. O que ele supõe é que ser mulher equivaleria a “tornar-se mãe”, cuja principal ambição não ultrapassaria aquela da pequena menina, a saber, ter o falo. É possível observar que, nesse momento de sua elaboração, Freud relaciona o destino da feminilidade tanto com o seu próprio ideal feminino como com o de sua época. Ele ainda não consegue entrever o árduo caminho que a menina terá que percorrer para se tornar mulher, pois sua hipótese é que gradativamente a menina abandonaria o complexo de Édipo e, posteriormente, restaria nela o desejo de ter um pênis ou um filho. A contradição reside aqui no fato de Freud equivaler a posição feminina ao desejo fálico – ter o pênis ou um bebê. Um ponto a ser destacado é que, mesmo sustentando tais proposições, admite que seu pressuposto seja ainda “insatisfatório, incompleto e vago” (FREUD, 1924, p. 224), demarcando, portanto, que essas respostas não alcançavam a complexidade do problema.

Outro ponto a ser explicitado refere-se ao fato de Freud afirmar que a anatomia é destino. Nos pressupostos elaborados nos citados artigos, observamos uma tentativa de Freud no sentido de delinear o desenvolvimento sexual fundamentando-se na anatomia para estabelecer uma diferenciação entre os sexos. Estaria o sexo anatômico diretamente relacionado à localização

psíquica da partilha sexual? Interessa-nos compreender e distinguir em que medida a anatomia influencia a posição subjetiva de cada sujeito, já que, do ponto vista psíquico, o que Freud nos aponta é a existência de um reinado do falo para ambos os sexos.

Levantamos a hipótese, a partir da afirmativa de que “a anatomia é o destino”, de que existiria uma dupla vertente do desenvolvimento de cada um dos sexos. Se, por um lado, só existe o falo para ambos os sexos – e, nessa medida, homens e mulheres estariam influenciados pelo paradigma fálico – por outro, essa asserção nos possibilita a inferência de que existem efeitos relacionados à comparação imaginária dos corpos. De acordo com essa comparação, o sexo feminino seria marcado pela inscrição de uma ausência cuja vicissitude seria a cunhagem de sua incompletude, sendo a completude relacionada ao sexo masculino. Salientamos, ainda, que essa indicação não esgota a perspectiva do problema, pois veremos que as posições masculinas e femininas nem sempre coincidem com a realidade biológica do sexo correspondente.

Com efeito, é no texto “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925) que se avança em relação ao problema do desenvolvimento psíquico do sexo feminino. Tal progresso se deve à revelação da importância do período pré-edípico nas meninas: “[...] aqui o complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária” (FREUD, 1925, p. 313). Dessa forma, fica delineada de forma mais clara a diferença psíquica entre o desenvolvimento da menina em relação ao menino no que se refere ao conflito edípico. Se antes Freud o supunha mais simples, ou quase equivalente ao masculino, a partir desse artigo o tema ganha toda uma especificidade. Freud enfatiza, contudo, que encontramos traços masculinos e femininos em ambos os sexos e que “a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto” (FREUD, 1925, p. 320). No entanto, o que se evidencia é apenas o sexo fálico. Consideramos que essa asserção será de fundamental relevância para que possamos traçar uma diferenciação entre masculino e feminino como posições

subjetivas, em contrapartida à realidade da definição biológica que diferencia o homem e a mulher, o que significa que será necessário marcar a diferença entre “mulher” e “posição feminina”, bem como entre “homem” e “posição masculina”.

A tese sustentada no referido artigo é a de que, para ambos os sexos, o primeiro objeto de amor é a mãe. As meninas têm que percorrer um tortuoso trajeto para deslocarem o afeto investido primeiramente na mãe e direcionarem-no, em um segundo tempo, para o pai. Já o menino permanece com o mesmo objeto até a extinção do complexo de Édipo. Assim sendo, a grande diferença do complexo de Édipo feminino em relação ao masculino reside no fato de que, para os meninos, sua dissolução acontece por causa da ameaça de castração; e, para as meninas, ao contrário, é a descoberta da castração que as conduz rumo à situação edípica.

Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletimos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. (FREUD, 1925, p.318 grifos no original).

Ao conceber a falta do pênis no próprio corpo, as meninas podem ter diferentes reações, como a inveja do pênis (*Penisneid*), e diferentes saídas descritas como o “caminho em direção à feminilidade” ou “complexo de masculinidade”. De acordo com Freud, a inveja do pênis pode culminar em conseqüências marcadas tanto por uma ferida narcísica como pela tentativa de repará-la. Dentre seus efeitos, destacam-se: sentimento de inferioridade; ciúme, como traço característico da vida psíquica das mulheres; afrouxamento dos laços afetuosos em relação à mãe, que será fervorosamente acusada como sendo a responsável pela falta de pênis; e, finalmente, a interrupção da atividade sexual clitoridiana como conseqüência de um “sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis” (FREUD, 1925, p. 317-318). Em decorrência dessa ferida narcísica, as mulheres investem mais a libido no próprio eu, sendo possível identificar uma maior quantidade de

libido narcísica, cuja vicissitude mais visível reside na escolha de objeto, ou seja, para elas é mais importante ser amada do que amar. De acordo com Freud, a vaidade feminina é um dos corolários da “inveja do pênis”, tal qual uma tentativa de reparar a subtração inscrita quando da comparação imaginária com o corpo masculino.

No trajeto em direção à feminilidade, a menina desliza sua libido, desiste de ter um pênis para ter um bebê e, com esse fim, toma o seu pai como objeto de amor e passa a ter ciúme de sua mãe. Aos olhos de Freud, é dessa forma, deslocando de um objeto fálico para outro, que ela se torna “uma pequena mulher” (FREUD, 1925, p. 318). Contudo, esse processo não seria linear, pois, ao se enamorar do pai, a pequena menina correria o risco de se identificar com ele e se encaminhar para outra possível posição frente à castração, ou seja, o “complexo de masculinidade”, no qual a menina recusa a falta fálica, pois tem convicção de que é portadora do pênis e se comporta como se fosse um homem.

Ora, encontramos nessas indicações uma das inovações do pensamento freudiano em relação à distinção entre os sexos, pois o que ele nos aponta é que ser mulher não é algo que está colocado *a priori*. Ele já nos mostra que o trajeto a ser percorrido em direção à feminilidade não é linear nem garantido. A sua pergunta, então, centra-se nos motivos que conduzirão a menina a abandonar a mãe como objeto de amor. Por não conseguir responder a essa questão, Freud não consegue vislumbrar uma “dissolução do complexo de Édipo” para as meninas; tampouco elucida a diferença da posição feminina em relação ao complexo de masculinidade, já que ambas as posições ambicionam a posse do falo, seja ele o pênis seja o filho. É possível notar que os embaraços de Freud se devem ao fato de ele ter tido acesso apenas à lógica fálica e, assim sendo, só tinha acesso à vertente “masculina” do gozo, aquela circunscrita pelo falo, permanecendo a faceta feminina na obscuridade.

Se os meninos teriam o temor da castração como fonte motivadora do abandono de seu primeiro objeto de amor, no caso das meninas essa premissa não poderá ser aplicada, pois a castração já estaria consumada. Essa conclusão faz com que Freud não consiga especificar por quais motivos a menina abandonaria seu primeiro objeto de amor, e, portanto, supõe que esse investimento libidinal pode ser paulatinamente abandonado ou recalcado³⁰. Seguindo essas linhas incertas, ele presume que as mulheres não teriam um supereu tão rígido como o dos homens, o que podemos verificar na seguinte citação:

Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. [...] Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. (FREUD, 1925, p.319-320).

Apesar de nos fornecer importantes contribuições sobre a pré-história do complexo de Édipo feminino, Freud equivale a posição feminina ao desejo de ter um filho, à maternidade, e, assim, revela que a sua concepção de feminino está embasada numa subtração em relação ao masculino, já que se trata sempre de desejar o falo. Consideramos que ele não consegue elucidar qual seria a essência da feminilidade, pois acredita que: “Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino” (FREUD, 1932, p. 158, grifos no original). Será que poderíamos esgotar a marca da feminilidade nessa busca pelo pênis/falo? Demonstraremos ao longo deste capítulo, a partir das contribuições de Lacan, que a concepção sobre o feminino extrapola uma busca incessante pelo falo.

Outro aspecto digno de questionamento se refere à suposição de que as mulheres teriam um supereu mais brando do que os homens por nunca ultrapassarem o complexo de Édipo. Apesar de esse ponto

³⁰ É possível observar a tentativa de Freud em organizar esse tema a partir da teoria do recalque. Entretanto, há sempre um ponto que escapa, provavelmente, por tratar-se de gozo e não de recalque.

não ser o nosso interesse neste trabalho, consideramos que essa hipótese pode precipitar a suposição de que as mulheres não padecem do masoquismo moral cujas vociferações imperativas se originam do supereu. Ora, a prática clínica nos demonstra que tal asserção não pode ser verdadeira, pois encontramos esse fenômeno tanto em mulheres como em homens. Além disso, desconfiamos de que essa concepção pode ter contribuído para a precipitada conclusão de que o masoquismo moral seria uma característica masculina, ao passo que o masoquismo feminino seria um traço inerente às mulheres. Ressaltamos, mais uma vez, que é o próprio Freud quem afirma que o masoquismo feminino é mais encontrado na vida dos homens. Defendemos que os motivos que conduziram à nomeação do masoquismo de feminino podem ser localizados numa concepção de “subtração” em relação ao masculino que encontramos na teoria freudiana acerca do feminino, pois todas as saídas femininas descritas por ele apontam por uma busca incessante pelo falo³¹.

Na tentativa de abandonar o paradigma masculino, Freud produziu ainda dois artigos sobre o tema, a saber, “Sexualidade feminina” (1931) e a conferência XXXIII intitulada “Feminilidade” (1932). Observamos nesses textos o seu esforço em abdicar de algumas premissas teóricas tecidas, o que constatamos na seguinte afirmação: “Há muito tempo, afinal de contas, já abandonamos qualquer expectativa a um *paralelismo* nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino” (FREUD, 1931, p. 260, grifos nossos). A despeito de seu empenho, percebemos que ele não conseguiu romper com o aludido “paralelismo”, talvez por não encontrar subsídios teóricos que sustentassem a impossibilidade de representar o feminino, o que o levou a reafirmar alguns dos pressupostos já abordados. Acrescenta, porém, novas hipóteses sobre o deslocamento dialético das identificações nas meninas, pois aponta que, para alcançarem a feminilidade, elas teriam que se deslocar de zona sexual, de objeto e de posição, a saber, da vagina para o clitóris, da mãe para o pai e, finalmente, da masculinidade rumo à feminilidade. Todos esses deslocamentos demonstram que as meninas terão um longo trabalho psíquico a ser operado para se tornarem mulher. Ele assevera

³¹ Essa hipótese será retomada mais detalhadamente algumas páginas adiante.

ainda que um determinado número de meninas jamais atingirá a feminilidade, pois, no plano psíquico, permanecem masculinas. Dessa maneira, a inovação de Freud consiste em afirmar que a posição feminina não coincide com a referência biológica e que a feminilidade só é alcançada por meio de uma construção psíquica singular que jamais está garantida *a priori*.

Ele retoma a pergunta sobre os motivos que levam a menina a abandonar a mãe como objeto de amor e conclui que o mais relevante seria a descoberta de que a castração é uma característica do sexo feminino e que, conseqüentemente, tanto ela como sua mãe estão desprovidas do órgão fálico. Dessa forma, a mãe sofreria uma degradação, seria acusada de não lhe ter dado o pênis, e, por fim, seria abandonada como objeto de amor:

Seja como for, ao final dessa primeira ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher. (FREUD, 1931, p. 268).

Seguindo essas premissas, Freud acaba concluindo que a feminilidade não pode ser equivalente à mulher, no sentido anatômico, tampouco a masculinidade equiparada ao homem. Ele alvitra que masculino e feminino sejam pensados como qualidades psíquicas que ultrapassam as evidências anatômicas e fisiológicas: “[...] aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma *característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia*” (FREUD, 1932, p. 141, grifos nossos). Averiguamos, desse modo, a clareza com que Freud constata a insignificância da anatomia na partilha sexual, demarcando a primazia da posição subjetiva em relação ao sexo biológico. Ademais, a relação direta que havia sido estabelecida entre a feminilidade e a passividade é categoricamente relativizada, já que ele adverte os analistas para que não permaneçam fixados à idéia de que o feminino é passivo e o masculino ativo, como constatamos na seguinte afirmação: “é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino, com passividade” (FREUD, 1932, p. 142).

Contrariando, entretanto, as suas próprias propostas, Freud não consegue abandonar o paradigma da polaridade entre “atividade-passividade” para pensar a feminilidade. Suas últimas contribuições sobre o tema atribuem à feminilidade características passivas que, para serem alcançadas, visariam ao abandono da masturbação clitoridiana. Ressaltamos que há uma conquista na compreensão freudiana da passividade feminina, pois ele passa a considerar a atividade existente na passividade, visto que, para se atingir um fim passivo, muitas vezes necessita-se de uma grande dosagem de atividade³². A feminilidade seria, então, coalescente do desejo de ter um bebê como substituto do pênis almejado: “Predomina, agora, a passividade, e o voltar-se da menina para o seu pai realiza-se com o auxílio de impulsos pulsionais passivos” (FREUD, 1932, p. 157). Curiosamente, ele também nos avisa sobre sua dificuldade de diferenciar a feminilidade do papel social ocupado pela mulher naquele dado momento, fornecendo-nos, assim, uma preciosa pista sobre as dificuldades que o assolavam: “[...] nem sempre é fácil distinguir o que se deveria atribuir à influência da função sexual e o que atribuir à educação social” (FREUD, 1932, p. 162), sendo possível cogitar que a relação entre passividade e feminilidade talvez estivesse impregnada pela posição social da mulher na Viena vitoriana de Freud.

Diante do que foi evidenciado, não é difícil presumir que Freud não conseguiu encontrar uma saída satisfatória para vários dos impasses por ele detectados em relação à sexualidade feminina, apesar das inegáveis contribuições de sua parte nesse campo de pesquisa. Possivelmente já exaurido da sua busca, ele se reporta aos poetas, assumindo a dificuldade que o tema da feminilidade apresenta:

Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes. (FREUD, 1932, p.165).

³² Assim como demonstramos no capítulo anterior que o masoquismo não pode ser equiparado à passividade – pelo contrário, ele é muito ativo em sua aparente passividade –, é possível verificar que o deslocamento da concepção de passividade também se dá em relação à feminilidade.

Assim, os textos acima citados nos levam a inferir que Freud jamais abandonou o paradigma masculino para abordar o feminino, pois, apesar de iniciar seus últimos artigos sobre esse tema enfatizando que não existe paralelismo possível entre os sexos, não conseguiu explicitar qual era a especificidade que no feminino ultrapassa os referenciais edípicos e fálicos. De acordo com o exposto, sustentamos nossa hipótese de que os aludidos “traços negativos” característicos do feminino dizem respeito à conotação de *subtração* que adquiriu o feminino em decorrência da falta fálica constatada na comparação imaginária dos corpos. Se Freud afirmou que “o masoquismo é verdadeiramente feminino” (FREUD, 1932, p. 144) e não que o feminino é masoquista foi por encontrar no masoquismo fantasias de subtração – ser castrado e ser cegado – que podem ser equiparadas à concepção de um feminino incompleto e faltoso, tal qual a sua concepção teórica. Esse fato não implica a consideração de que existe uma característica masoquista da mulher, como alguns autores insistiram em sustentar; dentre eles, destacamos Hélène Deutsch, cuja teoria foi contemplada no capítulo anterior. Tratar-se-ia, contudo, de um tipo de masoquismo encontrado em alguns homens cujas fantasias envolviam a subtração de algum órgão ou de alguma função de órgão como, por exemplo, a visão.

3.2. Masoquismo masculino, posição feminina

Com o intuito de elucidarmos nossa hipótese sobre a nomeação dada por Freud para o termo “masoquismo feminino”, retomaremos, mais uma vez, suas considerações sobre o tema. Essa forma de masoquismo é retratada como sendo, por um lado, uma “expressão da natureza feminina” (FREUD, 1924, p. 201) – o que não significa que ele esteja nas mulheres – e, por outro, como sendo encontrado em indivíduos do sexo masculino, pois, nas palavras de Freud: “Possuímos suficiente familiaridade com esse tipo de masoquismo nos homens [...]” (FREUD, 1924, p. 202). O que ele aponta é que as *fantasias masoquistas* transportam o indivíduo para uma “[...] *situação caracteristicamente feminina*; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um

bebê” (FREUD, 1924, p. 202-3, grifos nossos). Todos esses indícios demonstram que o masoquista busca algo que tem relação com o feminino, que expressa a sua natureza, mas que com ele não coincide. Ser castrado ou ser cegado adquirem o atributo de ser negativizado por uma operação de subtração, colocando-o, assim em posição semelhante à de uma mulher: “Ser castrado – ou ser cegado, que o representa – com frequência deixa um *traço negativo* de si [...]” (FREUD, 1924, p. 203, grifos nossos). O traço negativo seria, então, uma marca delineada pelo efeito da comparação imaginária dos corpos. Inferimos, portanto, que os traços negativos possibilitaram que Freud estabelecesse uma conexão entre masoquismo e feminino, pois o que eles têm em comum nada mais é do que a marca de uma subtração.

Pelos motivos expostos, concluímos que *o masoquismo não deve ser considerado uma característica feminina*, mas um tipo de masoquismo encontrado em homens cujas fantasias giram em torno de um dano que culmine em um equivalente da castração. O enredo da fantasia masoquista conduz aquele que a produz a uma lesão que imaginariamente equivale à castração. É por devanear a mutilação de uma parte ou de uma função de ser corpo que o masoquista adquire um atributo correspondente à castração imaginária atribuída ao feminino. Conforme pudemos demonstrar, o feminino está relacionado à incompletude, visto que, na dinâmica da comparação imaginária dos corpos, o que se verifica é que falta às mulheres o membro intumesciente relacionado à completude masculina. Assim sendo, a castração é assimilada, ainda que imaginariamente, como sendo um atributo feminino.

Consideramos que Freud é extremamente claro ao apontar que não é necessário que o ato de amputação se efetive, pois se trata apenas de fantasia. De acordo com a nossa hipótese, o masoquismo feminino seria, conforme afirmou Lacan, uma fantasia masculina cujo conteúdo seria a castração ou seu equivalente. Resgatemos, mais uma vez, as palavras de Freud: “*Ser castrado – ou ser cegado*, que o representa – com frequência deixa um *traço negativo* de si próprio nas fantasias,

na condição de que *nenhum dano deve ocorrer* precisamente aos órgãos genitais ou aos olhos” (FREUD, 1924, p.203, grifos nossos).

No capítulo anterior, expusemos a tese na qual Lacan sustenta, provavelmente a partir de sua releitura do texto freudiano, que o masoquismo feminino é uma fantasia masculina e que, quando encontrado na mulher, estaria mais relacionado à noção de máscara. Ele assevera, conforme já foi demonstrado, que o desejo masculino é marcado por um traço de perversão fetichista, ao passo que o da mulher se guia pela vontade de enlaçar o que desperta o desejo masculino. De acordo com a sua hipótese, o suposto masoquismo da mulher seria apenas uma farsa, um disfarce, uma máscara cujo objetivo estaria em capturar a fantasia masculina. O masoquismo feminino consistiria, assim, em uma tentativa de satisfazer e de enlaçar a fantasia masculina.

[...] direi que, no reino do homem, há sempre a presença de alguma impostura. No da mulher, se existe algo correspondente a isso, trata-se de uma farsa – como já dissemos, no devido tempo, com referência a um artigo de Joan Riviere [...] (LACAN, 1963, p. 210-211).

Se essa hipótese é verdadeira, nem a personagem “O” nem a personagem anônima da novela “Carta de uma desconhecida” podem ser consideradas masoquistas, pois elas ambicionam menos o gozo causado pelas humilhações as quais se submetem do que serem tomadas como objeto de desejo dos homens almejados. No caso da personagem “O”, há uma cena que demarca bem essa posição. Trata-se do já enfatizado momento em que a personagem se propõe “reduzir-se a nada” para que o rígido Sir Stephen pudesse imprimir em seu corpo todas as suas fantasias e, enfim, viesse a amá-la. Já no caso da desconhecida mulher da novela de Stefan Zweig, trata-se de marcar a sua existência pela presença negativa, mesmo que ao preço de sustentar uma posição aparentemente masoquista. Foi somente deixando de existir que ela passou a ser amada por aquele a quem sempre se dedicou, conforme se constata no seguinte trecho: “Ele sentiu uma morte, e um amor imortal: algo desabrochou em sua alma, e ficou pensando na mulher invisível, incorpórea e apaixonada como uma música distante.” (ZWEIG, 1925, p. 197).

Com efeito, para apreendermos os motivos que conduziram Lacan a formular a hipótese de que o suposto masoquismo feminino é apenas uma máscara, faremos uma pequena digressão em algumas das teses lacanianas sobre o feminino, demonstrando por que ele promoveu um avanço na teoria psicanalítica acerca do feminino. Elucidaremos também a concepção de máscara formulada por Joan Riviere, evidenciando por quais motivos essa noção é importante para a apreensão tanto do feminino como do masoquismo como máscara do feminino.

3.3. Contribuições lacanianas

A obra de Lacan é rica em contribuições referentes ao feminino. Sem pretender esgotá-las, destacaremos dois tempos de sua elaboração sobre o assunto. O primeiro, ainda muito influenciado pela teoria freudiana, circunscreve-se no final dos anos cinquenta, período em que ele escreveu “A significação do falo” (1958[1]) e “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina” (1958[2]). O segundo, caracterizado por teses mais inovadoras, localiza-se, sobretudo, em *O Seminário – livro 20: mais, ainda* (1972-73).

No primeiro momento, sem discordar das proposições freudianas, Lacan (1958[1]) confirma, a partir de “fatos clínicos”, que os sexos desconhecem a diferença anatômica existente entre eles. Enfatiza, porém, que a dificuldade em relação à sexualidade feminina encontra-se no fato de que a menina, apesar de também estar perpassada pela primazia do falo, “se considera, nem que seja por um momento, castrada, na acepção de privada do falo” (p. 693). Essa constatação nos remete aos efeitos da realidade anatômica em relação à realidade psíquica, que ignora tal diferença. Apesar de ser possível constatar que existem efeitos causados pela comparação imaginária entre os corpos, a anatomia não é o destino.

Lacan também elucidada, ainda na mesma referência, a função do falo a partir da articulação com a lingüística. Sua tese é de que o falo não pode ser equiparado a nenhum órgão do corpo nem a nenhum objeto, seja ele parcial, bom ou mal. O falo tem como função “designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante” (LACAN, 1958[1], p. 697). Trata-se, portanto, de um significante privilegiado que, a partir de seu eixo, ordena todos os outros significantes que gravitam em sua órbita. Vale destacar que ele “só pode desempenhar seu papel enquanto velado” (LACAN, 1958[1], p. 699), pois é como signo, como presença marcada pela ausência, que o falo adquire a sua importância.

Esse autor também não refuta a importância do complexo de castração na constituição do sujeito e considera que sua função é nodal na estruturação dos sintomas e na identificação do sujeito na partilha sexual. Para ele, entretanto, a relevância do complexo de castração atinge seu apogeu quando a criança, de qualquer um dos sexos, descobre que a mãe é castrada pois, a partir dessa revelação, ela se posicionará no rateio sexual como *tendo* ou como *sendo* o falo.

Digamos que essas relações girarão em torno de um ser e de um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas. (LACAN, 1958[1], p.701).

Dessa forma, o falo organiza as expressões do ideal de comportamento de cada um dos sexos. De acordo com essa formulação, a posição masculina seria balizada pelo desejo de ter o falo, e a feminina estaria ligada à vontade de ser o falo que falta ao Outro. Nesse ponto, recorreremos às abordagens feitas nesta dissertação sobre a especificidade do amor masculino em relação ao feminino. Do lado masculino, busca-se ter o falo e, dessa maneira, o que ele visa é encontrar um objeto, a saber, objeto fetiche, que tampona a falta, que o transmute em detentor do falo. Do lado feminino, busca-se ser o falo que falta e é por esse motivo que o amor feminino, chamado de erotomaníaco, encontra a sua satisfação ao encarnar o objeto de desejo do homem.

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. *É pelo que ela não é* que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. (LACAN, 1958 [1], p.701, grifos nossos).

Se, por um lado, a máscara permite que a mascarada se apresente como mulher, por outro, ela só pode fazê-lo pela vertente fálica. Ela rejeita os seus “atributos” já que, para usar uma roupagem de mulher, lança mão de recursos masculinos, sendo possível depreender que a mascarada ocupa uma posição fálica, nas palavras de Miller (1998): “*é le masque-lin de la femme*”³³(p. 117). Ademais, de acordo com o que foi explicitado no segundo capítulo desta dissertação, quando relatamos um caso clínico atendido por Lacan, a máscara funciona como meio de uma mulher se fazer desejável, mesmo que através de um artifício. Lacan assinala que, por se importar mais em se fazer desejável, a frigidez sempre foi mais tolerada pelas mulheres já que importa mais fisgar o desejo do homem do que satisfazer-se sexualmente³⁴.

A citação acima nos permite pincelar dois importantes traços femininos a serem esclarecidos ao longo deste capítulo: o primeiro relaciona-se à função da máscara para o feminino, na medida em que ela possibilita que a mulher se disfarce de objeto causa de desejo do homem e se localize como mulher. O segundo vincula-se ao fato de a mulher encontrar um tipo de satisfação que ultrapassa as demarcações da sexualidade tangenciada pela lógica fálica. É possível supor que, por não ter conseguido explicitar que existe algo no feminino que está para além do falo Freud não avançou mais nos seus estudos sobre o tema. Dessa maneira, fazemos eco às interrogações produzidas por Lacan acerca da sexualidade feminina: “[...] convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que se pode manifestar de pulsional na mulher [...]” (LACAN, 1958[2], p. 739).

³³ A tradução proposta no original é “a mascara-ulina da mulher” (p. 117).

³⁴ “[...] a frigidez, é relativamente bem tolerada por ela” (LACAN, 1958[1], p. 702)

Lacan teceu uma série de críticas acerca das formulações psicanalíticas que se baseavam na anatomia para lançar luz sobre o obscuro gozo feminino, demonstrando que o feminino não está atrelado aos órgãos sexuais, mas que, para ambos os sexos, o feminino apresenta-se como uma alteridade radical e pode ser categorizado como sendo um *Outro sexo* cuja impossibilidade de representação o expõe à margem de qualquer atribuição aleatória: “[...] tudo pode ser imputado à mulher, já que, na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto” (LACAN, 1958[2]), p. 741). Em decorrência dessa impossibilidade, é possível deduzirmos que às mulheres podem ser atribuídos múltiplos nomes e adjetivos: ela pode ser igualada a uma puta ou a uma santa, pode ser idealizada ou degradada, pode ser considerada ativa ou passiva, visto que se trata de uma tentativa de nomear a falta dessa representação que tangencie o que é o feminino.

Portanto, se ambos os sexos estão submetidos à primazia do falo, é possível inferir, seguindo as linhas de Freud e de Lacan, que não existe inscrição do feminino no inconsciente. Assim sendo, o que circunscreveria a especificidade feminina em relação à masculina? Ora, acompanhando os avanços de Lacan, podemos inferir que existe apenas o sexo fálico e que existem dois tipos de gozo: o gozo do lado masculino – gozo fálico – e o gozo do lado feminino que é um Outro gozo. Para nos aproximarmos dessas elaborações, abordaremos a noção de máscara, sua função, seu surgimento na história da psicanálise e os motivos pelos quais ela adquiriu tal relevância nas indagações sobre a feminilidade.

3.4. A feminilidade e o artifício da máscara

A noção de máscara surgiu em 1929³⁵, quando Joan Riviere escreveu o artigo “A feminilidade como máscara” (1929) que, segundo Roudinesco (1988), é em grande parte autobiográfico³⁶.

³⁵ Nesse momento, Freud já havia estabelecido algumas importantes reflexões sobre a sexualidade feminina, dentre elas o primado do falo para ambos os sexos. Entretanto, ainda não havia contribuído com os artigos sobre a “Sexualidade Feminina” (1931) e a “Feminilidade” (1932).

Psicanalista proveniente da intelectualidade inglesa, Riviere participou da fundação da *British Psychoanalytical Society*. Analisou-se, inicialmente, com Ernest Jones, mas acabou tendo uma ligação amorosa com ele. Posteriormente, fez análise com Freud em Viena que, curiosamente, nunca fez referência ao artigo da autora em nenhum de seus trabalhos sobre a feminilidade. Riviere também participou da equipe de James Strachey no trabalho de tradução da obra freudiana. Interessou-se muito pelas idéias de Melaine Klein, o que pode ser verificado no referido artigo e tentou convencer Freud sobre a importância das asserções kleinianas, mas não obteve êxito.

Em “A feminilidade como máscara”, ela demonstra, por meio da análise de um caso clínico, que não existe diferença entre a posição feminina e a máscara. Sua tese é de que a feminilidade é um artifício com a função tanto de encobrir as fantasias de posse do pênis quanto de proteger a mulher de possíveis ataques masculinos como vingança pelo fato de ela ter se apossado do pênis. Para ratificar essa hipótese, descreve casos nos quais a máscara da feminilidade se apresenta com formas distintas e singulares, dentre as quais se destaca o de uma dona de casa que executava os serviços considerados masculinos dentro da casa, mas, quando chamava um homem para consertar algo, escondia os seus conhecimentos técnicos, assumindo, assim, a aparência de uma mulher sem instrução e sem prática na execução de tais serviços.

O artigo centra-se, sobretudo, no caso clínico de uma mulher com uma excelente relação conjugal tanto no aspecto da ligação afetiva como da esfera sexual e que, além disso, exercia sua carreira profissional com êxito e tinha orgulho de sua eficácia nos trabalhos domésticos, ou seja, uma mulher que tinha sucesso em várias áreas de sua vida. Não obstante, apresentava um quadro de angústia que a motivou a procurar análise. A angústia estava relacionada com a *necessidade de reconhecimento* que sentia em momento posterior às apresentações públicas que eram exigidas por

³⁶ A despeito dessa afirmação de Roudinesco, esclarecemos que não nos deteremos nos dados autobiográficos da autora. Se isso acontece nas informações que seguem, é tão-somente com a intenção de localizar o leitor acerca do contexto em que a autora estava inserida quando escreveu o referido artigo.

seu ofício, como por exemplo, após falar para uma audiência: “Essa necessidade de reconhecimento levava-a compulsivamente a buscar a atenção ou o elogio de um ou mais homens ao final do evento em que participara ou no qual tinha sido a figura principal [...]” (RIVIERE, 1929, p. 15). Nesses momentos, ela procurava o reconhecimento por parte de homens que poderiam ser considerados substitutos da figura paterna, ou seja, intelectuais que pudessem lhe ofertar tanto um elogio concernente à sua boa atuação profissional quanto demonstrar-lhe interesse sexual, o que reforçaria sua posição feminina. Para a analista Joan Riviere, sua paciente disfarçava-se de mulher evitando, assim, as possíveis retaliações que ela fantasiava receber daqueles homens. Remetemo-nos a essa estratégia na seguinte citação:

Portanto, o objetivo da compulsão não era apenas garantir o reconhecimento, provocando sentimentos amistosos para si por parte do homem; era sobretudo garantir segurança, mascarando-se como alguém sem culpas e inocente. [...] *A feminilidade, portanto, podia ser assumida e usada como uma máscara tanto para ocultar a posse da masculinidade, como para evitar as represálias esperadas, se fosse apanhada possuindo-a; tal como um ladrão que revira os bolsos e pede ser revistado a fim de provar que não furtou os bens roubados.* (RIVIERE, 1929, p. 16-17, grifos nossos).

Em outras palavras, a máscara da feminilidade era utilizada com o objetivo de disfarçar suas insígnias masculinas e o seu poder fálico, em decorrência do medo de que fossem reconhecidas e retaliadas. Para apaziguar a suposta vingança, ela se oferecia como objeto sexual para aqueles a quem temia. Todavia, disfarçar-se de mulher pode ser uma maneira desviada de afirmar a sua masculinidade fálica? Para respondermos a essa pergunta, desdobraremos mais detalhadamente as nuances e especificidades do caso.

A análise demonstrou que a paciente rivalizava tanto com a mãe como com o pai, o que é elucidado por três pontos da sua construção edípica. O primeiro é relacionado ao pai, pois, de acordo com a autora, ela se identificou com ele e encontrou no complexo de masculinidade uma saída para a constatação da castração. Assim como o pai, ela escolheu uma profissão intelectual que

freqüentemente lhe exigia uma apresentação pública. Todavia, essa identificação era ambígua e apresentava os elementos imaginários de rivalidade e de revolta tanto em relação ao pai como em relação aos seus substitutos: “Ressentia amargamente qualquer suposição de que não fosse igual a eles e (secretamente) rejeitava a idéia de estar sujeita a seu julgamento ou crítica” (RIVIERE, 1929, p. 15). Joan Riviere salienta o fato de a paciente ter-se autodeflorado ³⁷ antes do casamento como a representação de sua vontade de não ser vencida pelo homem, mostrando-se, assim, tão masculina como ele.

O segundo aspecto relaciona-se à intensa rivalidade direcionada para a figura materna, que é realçada pela visão kleiniana presente na descrição. Ao constatar a castração materna, ela se identificou com o pai e ocupou o seu lugar. Ao tornar-se possuidora do falo paterno, ela o restituiu para a mãe, que nunca deixou de ser odiada e temida: “Nesta situação pavorosa, a única garantia da menina consiste em apaziguar a sua mãe e reparar o seu crime” (RIVIERE, 1929, p. 16). Era com esse fim que a paciente prestava ajuda a mulheres frágeis e desprovidas que despertavam nela o sentimento de superioridade: “[...] era o reconhecimento de sua supremacia em ter pênis para depois devolver” (RIVIERE, 1929, p. 19).

E, finalmente, o terceiro ponto frisado liga-se à inveja do pênis – *Penisneid*. Essa mulher relatava fantasias e sonhos nos quais castrava o seu marido. Destaca-se, assim, o fato de sua sexualidade ser marcada pela idéia de que o prazer obtido no ato sexual era resultado da restituição de alguma coisa que lhe faltava: “[...] seu prazer sexual era completo e freqüente, com orgasmo, mas surgia o fato de que a gratificação daí obtida era de natureza tranqüilizadora e de restituição de algo perdido [...]” (RIVIERE, 1929, p. 17).

³⁷ Segundo o relato do caso clínico, a paciente era muito ansiosa em relação ao defloramento. Com efeito, antes do casamento, ela procurou uma médica para romper o seu hímen.

Esclarecendo o que estava em jogo para essa mulher, Lacan (1958) assinala que as qualificações de perfeição atribuídas às várias esferas da vida da referida paciente manifestavam somente “uma assunção de todas as funções masculinas” (LACAN, 1958, p. 264) e a sua angústia frente ao êxito expressava, ainda que de maneira mascarada, que se tratava de um caso de neurose obsessiva. Suas atitudes não manifestavam nem a famosa inveja do pênis, tampouco a reivindicação do falo; ao contrário, o que se ocultava aos olhos da analista, ainda segundo Lacan, é que sua paciente obsessiva demandava ser reconhecida como uma mulher:

Toda vez, com efeito, que essa mulher dava mostra de sua potência fálica, ela se precipitava numa série de providências, fosse de sedução, fosse até de um processo sacrificial – *fazer tudo para os outros* –, nisso adotando, aparentemente, as formas mais elevadas da dedicação feminina, como se ela dissesse: - *Vejam bem, eu não tenho falo, sou mulher, e puramente mulher.* (LACAN, 1958, p. 265, grifos no original).

A máscara da feminilidade era utilizada tanto com o objetivo de disfarçar suas habilidades masculinas como para afirmá-las. Entretanto, nesse jogo de velar e desvelar, o surgimento da angústia indicava a necessidade da paciente em ser reconhecida, não como detentora do falo, mas de *ser reconhecida como uma mulher*. Pode-se extrair de sua manobra uma dupla função: primeiro, ela visa afirmar a sua masculinidade para, num segundo momento, apresentar-se como feminina, ainda que pela vertente fálica. Ora, vale enfatizar que a angústia da paciente surgia em momento posterior ao desempenho de uma função que a colocava em uma posição masculina, na qual ocorria uma atualização de sua identificação masculina. Podemos supor que é exatamente essa posição que suscitava a angústia e, assim sendo, a máscara teria a função de acalmar essa angústia, não de uma possível retaliação masculina, mas de não conseguir se localizar como mulher.

Uma das principais perguntas de Joan Riviere no citado artigo centra-se sobre o que caracterizaria a feminilidade. Sua tese é de que não existe uma linha divisória entre a feminilidade genuína e a máscara, de modo que a feminilidade só poderia representar-se pelo artifício da máscara e, como

conseqüência, somente por meio de um disfarce é que sua paciente poderia apresentar-se como desprovida de atributos fálicos. Para Riviere, é somente por meio da máscara que a feminilidade pode se apresentar e se representar, dado o império do falo na partilha entre os sexos.

Sabemos que, de acordo com Freud, existe uma primazia do falo para ambos os sexos. Não consegue, portanto, especificar como a menina poderia atingir a verdadeira feminilidade a não ser equivalendo-a à maternidade. Lacan, ao propor uma releitura da teoria freudiana, depreende que não existe um significante no inconsciente que abarque o que é o feminino, sendo possível supor que foi por esse motivo que Lacan criou o polêmico axioma no qual afirma que “Não há A mulher, artigo definido para designar o universal” (LACAN, 1975, p. 98, grifos no original), ou seja, não existe nenhuma representação psíquica para o feminino, visto que no inconsciente só existe a representação fálica. Assim sendo, não tendo um significante que o represente, o feminino encontra seu refúgio no artifício da máscara:

O fato de a feminilidade encontrar seu refúgio nessa máscara, em virtude da *verdrängung*³⁸ inerente à marca fálica do desejo, tem a curiosa conseqüência de fazer com que, no ser humano, a própria ostentação viril pareça feminina. (LACAN, 1958[1], p. 702, grifos no original)³⁹.

Dessa forma, se não podemos localizar nenhum significante que especifique o que é a mulher, consideramos que a hipótese de Joan Riviere tem grande relevância para esta pesquisa, pois ela demonstra que a máscara é um artifício utilizado para se apresentar o feminino. Como não se pode apresentá-lo todo, só é possível fazê-lo pela vertente fálica. Esse artifício pode se delinear pela vertente da encenação imaginária da *mulher castrada*, pela via do sacrifício ou, até mesmo, pelo viés do suposto masoquismo feminino. O masoquismo da mulher seria, portanto, uma das máscaras

³⁸ Segundo HANNS (1996) o termo *verdrängung* pode ser traduzido por recalque ou repressão. Genericamente o verbo *verdrängen* tem o sentido de desalojar e empurrar para o lado (HANNS, 1996, p.355).

³⁹ ZALCBERG (2007) remetendo-se aos modos pelos quais um pavão macho conquista a sua fêmea, nos adverte sobre o paradoxo implícito no uso da máscara já que “a própria recorrência à ostentação viril feminiza porque pressupõe um refúgio na máscara que é um recurso feminino” (p. 63).

a serem utilizadas para ser reconhecida como mulher, para adquirir “ares de mulher”, como nos indica Colette Soler: “Digamos de forma condensada, que a mulher às vezes assume ares de masoquista, mas para se dar ares de mulher, sendo a mulher de um homem, na impossibilidade de ser A mulher” (SOLER, 2005, p. 66).

Consideramos pertinente a hipótese sustentada por Serge André (1986) na qual ele alega que a máscara da feminilidade seria um véu a ser colocado sobre a angústia da monossexualidade fálica. Essa hipótese implica que a mulher, por não ter um significante que a designe fora da referência fálica, faz uso da máscara tanto para dissimular a sua própria masculinidade – já que inevitavelmente está inserida na ordem fálica – como para fazer uma espécie de anteparo que a proteja do abismo causado pela ausência de significante que a localize na partilha entre os sexos.

Outra consideração relevante é feita por Zalcberg (2007), que aponta certa dialética no recurso da máscara, pois ela pode ser tanto uma solução como um problema. Se, por um lado, ela possibilita um arranjo para a falta de representação psíquica do feminino, por outro lado, pode conduzir à obturação da falta, na medida em que se pretende parecer “ter” a todo tempo, o que pode culminar no distanciamento da possibilidade de uma saída singular. O problema acontece quando o recurso da máscara engessa o sujeito numa identidade em que não há possibilidade de alteração nessa roupagem fixa.

Nesta pesquisa, a noção de máscara adquire relevância quando damos voz à tese de Lacan na qual ele propõe que o masoquismo feminino é uma farsa cujo alvo seria o enlaçamento da fantasia masculina. *Levantamos a hipótese de que o suposto masoquismo apresentado pelas personagens descritas não é senão máscara que as localiza como mulher, e, nesse sentido, podemos compreender por que o desejo do outro serve de bússola para situar o desejo delas.* No caso da personagem “O”, essa posição é muito explícita, pois é submetendo-se às fantasias sádicas de seu

amante que ela se localiza como mulher. O prazer descrito por ela não se refere aos castigos e humilhações aos quais se sujeitava, mas aos momentos em que seu amante lhe dizia que a amava e que ela era a sua mulher. É o que se pode verificar na seguinte passagem:

Ela não queria morrer, mas se o suplício fosse o preço a ser pago para que o amante continuasse a amá-la, gostaria que pelo menos ele ficasse contente por ela tê-lo suportado, e esperou, quieta e calada, que a levassem de novo até ele. (RÉAGE, 1954, p. 56).

Com efeito, o seu deleite era situar-se como mulher, isto é, encontrar um significante que a circunscrevesse por meio do amor daquele homem, mesmo que fosse ao preço de disfarçar-se de masoquista. O que ela almejava nada mais era que se localizar como mulher por meio de uma parceria com um homem e, para tanto, não hesitou em submeter-se aos seus anseios. Uma cena que nos remete a essa posição situa-se, já no final do livro, no momento em que a personagem é conduzida para uma festa disfarçada com uma máscara de coruja. Naquele momento, ela já tinha *se reduzido a quase nada* e se tornado o objeto da fantasia do Sir Stephen. Entretanto, essa situação não a angustiava, pois, assim, fixada na posição de objeto do desejo dele, ela se acreditava mulher. Em um dos finais que a autora nos apresenta, a personagem “O”, ao ser abandonada pelo Sir Stephen, sucumbe à morte.

Consideramos, portanto, que resta ainda um ponto a ser esclarecido, a saber, quais são os efeitos do *reduzir-se a nada*, proposta pela própria personagem “O”. *Reduzir-se a nada* tem sido interpretado ao longo deste trabalho, como sendo uma posição adotada por ela para enlaçar o desejo do homem amado. Entretanto, ao fim da narrativa, ela radicalmente *se reduz a nada* e morre. Nesse caso, consideramos que a hipótese da máscara da masoquista não abarca a complexidade do problema, pois observamos que há uma radicalidade que ultrapassa o campo da ligação, do laço, e que transcende a lógica das representações regida pelo falo. Sustentamos que existe, ainda, outra face

da posição feminina a ser discutida, pois *reduzir-se a nada* implica anulação e aniquilamento. Afinal, no caso das citadas personagens, o que se alcança no final da narrativa é a morte⁴⁰.

Visando, portanto, alcançar as implicações teóricas do que pode ser considerada uma dupla face da posição feminina – uma relacionada à máscara e outra relacionada à transposição do território fálico e que, no caso das personagens abordadas implicam reduzir-se a nada –, daremos continuidade às asserções produzidas por Lacan no *Seminário: livro 20: mais, ainda* (1975), com o objetivo de demonstrar o avanço promovido por ele em relação a essa enigmática posição feminina. Para tanto, buscaremos algumas contribuições nas formulações a propósito da subjetivação do sujeito com o seu sexo nas “fórmulas da sexuação”.

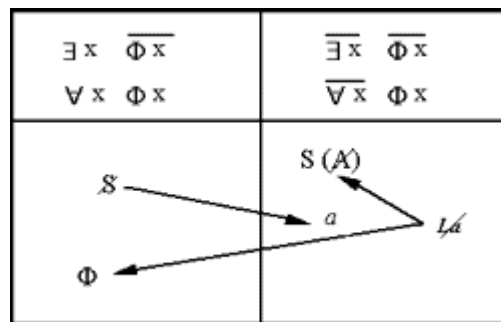
3.5. O feminino e o “não-todo”

Se, por um lado, Lacan aponta que, ao se mascarar, a mulher encontra uma solução para a falta de identidade feminina, enfatizando que a máscara é um artifício relacionado ao falo e ao recurso simbólico, por outro, ele nos indica que “a mulher é *não toda*”, ou seja, apesar de regida pelo primado do falo, não é toda perpassada pela lógica fálica. Nas suas palavras: “a mulher se define por uma posição que apontei como o *não-todo* no que se refere ao gozo fálico” (LACAN, 1975, p. 15, grifos no original). Tal proposição não indica que Lacan discorda da elaboração freudiana acerca da primazia do falo, mas, como pudemos demonstrar, Freud percebeu que sua teoria não abarcava a complexidade do universo feminino, pois não ultrapassou a lógica fálica. É possível

⁴⁰ Remetemo-nos aqui ao artigo escrito por Freud, em 1913, intitulado “O tema dos três escrínios”, no qual ele relaciona mitos e peças teatrais para fazer notar a reincidência do tema da escolha entre três mulheres. De acordo com a sua hipótese, nessas histórias a escolha sempre recai na terceira mulher, que é a própria morte: “a escolha entre as mulheres é livre e, no entanto recai na morte” (FREUD, 1913, p. 376). Chamou nossa atenção o fato de Freud ter-se deslocado do feminino, passando pela mudez, e associar a mulher escolhida nos mitos e histórias à morte. Ousamos supor que a associação indicaria que a falta de inscrição do feminino no inconsciente, entendendo que a mudez pode fazer referência à falta da palavra, permitiu que Freud ligasse feminilidade e morte.

presumir que Freud, ao supor que somente os poetas poderiam ensinar sobre o enigma do feminino, adotou uma postura de impotência em relação ao tema.

Lacan, por sua vez, retirou das asserções freudianas a lógica do conjunto, do todo, conservando, assim, tanto o complexo de Édipo como o primado do falo. Contudo, reduziu o seu alcance, pois descobriu tanto na lógica como na matemática os subsídios de que necessitava para abordar, do ponto de vista psicanalítico, o incomensurável, aquilo que ultrapassa o registro do significante fálico na organização psíquica dos seres falantes. Dessa forma, transformou a impotência demonstrada pela teoria freudiana, no que concerne à feminilidade, em impossibilidade lógica. Se não há a representação psíquica da mulher, ela somente existe no registro do real, impossível de se dizer. De acordo com ele: “Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras [...]” (LACAN, 1975, p. 99). Veremos como Lacan nos mostra a diferença entre a posição masculina e a feminina por meio da fórmula da sexuação:



Lacan propõe que a leitura da figura seja feita da esquerda para a direita, sendo que o lado esquerdo refere-se ao masculino e o direito, ao feminino. Na segunda linha do lado esquerdo, ou seja, no lado masculino, lê-se que: “para todo x, falo de x”. Isso equivale a dizer que a universalidade do falo perpassa todos os seres falantes. Já na linha de cima, lê-se: “existe um x, que não é falo de x”, na qual ele demarca o lugar da exceção, pois ao menos um não foi submetido à castração, o pai totêmico descrito por Freud em seu artigo “Totem e tabu” (1913):

[...] $\forall x \Phi x$, indica que é pela função fálica que o homem como todo toma inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual Φx é negada, [...]. Aí está o que chamamos a função do pai [...]. *O todo repousa portanto, aqui, na exceção colocada*, como termo, sobre aquilo que, esse Φx , o nega integralmente. (LACAN, 1975, p. 107, grifos nossos).

Logo abaixo da linha transversal do quadro, situa-se aquilo que Lacan nomeia como sendo a partilha das identificações sexuais. Do lado esquerdo, temos a representação do sujeito barrado, cindido pela ação da linguagem e o falo como sendo aquele significante mestre que ordena todo o resto da cadeia. É possível depreender que o falo organiza e sustenta esse sujeito localizado do lado masculino, conforme foi demonstrado pela teoria freudiana. Há, ainda, uma seta direcionada para a , que se encontra no lado direito, no lado feminino do quadro. Essa é a versão do amor masculino, já abordado ao longo desta dissertação, o amor fetichista que busca na mulher o objeto causa de desejo, o objeto a com a roupagem de fetiche. De acordo com Lacan: “Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é Outro, por intermédio disso, de ele ser causa de seu desejo” (LACAN, 1975, p. 108).

Do lado direito, indicado como sendo o lado feminino, temos na primeira linha " $\exists x \overline{\Phi x}$ " na qual se pode ler a afirmação, ainda que sob a forma negativa: “não existe x , não submetido ao falo de x ”, ou seja, não existe nenhum ser falante que não seja regulado pela função fálica, incluindo, assim, o feminino dentro da norma fálica. Logo abaixo, " $\overline{\forall x \Phi x}$ ", lê-se: “para não todo x , falo de x ”, apontado que o feminino *não* se pauta de *todo* pela lógica fálica, sendo possível, apreender por que Lacan nos afirma que a mulher é *não toda*. Abaixo da linha transversal, do lado direito, deparamo-nos com a ~~A~~ Mulher (~~L~~a Femme), que é grafada com o artigo definido barrado, visto que não existe representação psíquica d~~A~~ mulher, pois “[...] a partir do momento em que ele se enuncia pelo não-todo, não se pode escrever” (LACAN, 1975, p. 108). Com efeito, não se pode dizer o que é A mulher, a essa nomeação ela está barrada, limitada. Ainda do lado direito, vemos uma seta

proveniente de \mathcal{A} Mulher que se desdobra em duas direções: numa, ela aponta para o falo (Φ), mostrando que a mulher também se guia pela lógica fálica, buscando no homem alguma insígnia fálica. Já a outra seta vai em direção a $S(\mathcal{A})$, na qual se pode ler que não existe um significante que nomeie \mathcal{A} mulher. Existe, portanto, um buraco na linguagem, um ponto sobre o qual não existe representação possível: “Esse \mathcal{A} não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher. A mulher tem relação com $S(\mathcal{A})$, e já é nisso que *ela se duplica*, que ela não é toda, por outro lado, ela pode ter relação com Φ ” (LACAN, 1975, p. 109, grifos nossos). Constatamos, portanto que existe uma dupla face da sexualidade feminina: uma relacionada ao falo, que Lacan nomeia de gozo fálico, e outra, cuja lógica transcende o falo, refere-se ao que Lacan chama de gozo Outro, sendo possível relacioná-lo ao lado feminino da fórmula da sexuação.

Ora, esse aspecto do feminino que *é não-todo* perpassado pela lógica fálica nos interessa na medida em que consideramos ser possível contemplá-lo em ambas as personagens descritas ao longo deste trabalho. Se, por um lado, elas se disfarçam de masoquistas para capturar a fantasia dos homens almejados, por outro, essas concessões não têm medida e são levadas às últimas conseqüências, demonstrando, assim, um transbordamento, um tipo de gozo que não se exprime por meio do recurso simbólico. Se “ela se duplica”, conforme citado logo acima, é possível supor a existência de uma dupla face de sua posição: a máscara na vertente do falo, do gozo fálico e a falta de limites desse amor enlouquecido, do lado do $S(\mathcal{A})$, isto é, do gozo Outro. A posição delas extrapola o artifício da máscara e aponta para o “gozo Outro”, cujo paradigma destacado por Lacan seria o gozo místico, aquele sobre o qual nada se pode dizer: “[...] o testemunho essencial dos místicos é justamente o de dizer que eles o experimentam, mas não sabem nada dele” (LACAN, 1975, p. 103).

Ressaltamos, porém, que não nos deteremos nos aspectos destacados por Lacan acerca do gozo místico, pois esse não é o objeto de estudo desta pesquisa. Interessa-nos mais compreender, ainda que resumidamente, em que medida o “gozo Outro” beira o aniquilamento, já que esse é o fim das

duas heroínas abordadas ao longo da pesquisa. Enfatizamos ainda que, apesar de termos citado o gozo místico e o aniquilamento como uma das manifestações do “não todo” feminino, não pretendemos reduzir essa forma de gozo a tais fenômenos.

3.5.1 Gozo Outro e Aniquilamento

Colette Soler (2005), seguindo algumas pistas deixadas por Lacan, formula uma hipótese acerca de uma manifestação do feminino cuja característica transpõe o registro fálico. Tratar-se-ia de uma manifestação que tangencia o registro do não-todo fálico. Para ela, desde que Lacan abordou o gozo místico como uma das expressões do gozo feminino, muito pouco foi acrescentado pelos analistas. Por considerarmos que tais conjecturas possuem relevância em relação ao que temos abordado neste trabalho – a saber, por quais motivos as personagens se submetem a humilhações e sofrimentos até se aniquilarem – acompanharemos o trajeto da autora na construção de sua hipótese.

O primeiro vestígio colhido por ela encontra-se no *Seminário – livro 8: a transferência (1960-1961)*, no qual Lacan afirma que Ysé, personagem do livro *Partagi de Midi*, de Paul Claudel (terceiro livro da sua trilogia), tem muita semelhança com o que é a mulher: “Aquela ali se parece muito com o que é, a mulher” (LACAN, 1961, p. 302). A partir dessa afirmação, Soler busca nessa personagem qual seria a expressão feminina a ser destacada. Com efeito, descreve a personagem como uma mulher que se sente feliz por ter um marido e filhos, isto é, uma mulher inscrita na “dialética da troca fálica” (SOLER, 2005, p.19). Quando seu marido, mais uma vez, parte rumo a uma viagem para aumentar os lucros, ela lhe pede que não vá, pois tem medo de si, sente temor de que alguma tentação lhe acometa. Soler nos adverte, entretanto, que não se trata, como poderíamos pensar, de um medo da traição, já que ela terá dois outros amantes e trairá, portanto, todos os homens com quem se relaciona. Não é essa tentação que ela teme, mas “a do amor louco, de um amor total que, *anulando tudo*, aparenta-se com a morte” (SOLER, 2005, p. 21, grifos nossos).

Soler quer demonstrar que o temor da personagem relaciona-se com a busca de um amor cujo apogeu é encontrado na *anulação de tudo*. O que Ysé procura, de forma desvairada, é um amor que beira à morte, *um amor que anula a vida e as insígnias fálicas*. O que se retira da fala dessa personagem é uma glorificação de um amor cujo fim último seria a morte: “E eis que se renuncia ao mesmo tempo ao passado e ao futuro [...] Mas o que nós desejamos não é criar, mas destruir [...]!” (CLAUDEL apud SOLER, 2005, p.21). Não se trata de um amor místico, mas de uma “mística do amor” (SOLER, 2005, p.25) que se inscreve sob os moldes de um aniquilamento:

É a tentação de um amor tão total, tão absoluto quanto irrespirável, que varre para longe não só as mediocridades do compromisso, mas esvazia de substância os objetos mais diletos, mata qualquer diferença e *se afirma sob a forma de um aniquilamento* – a ser distinguido da denegação, é claro – de todos os objetos relacionados com a função fálica, ou seja, com a falta. (SOLER, 2005, p. 21, grifos nossos).

Trata-se, portanto, de um amor inefável, de um afeto que transborda as palavras e ultrapassa os limites da lógica fálica. Um amor que acossa a concepção do gozo místico esmiuçado por Lacan em *O Seminário – livro 20: mais, ainda* (1975). Visando demonstrar essa semelhança entre o “gozo Outro” e o aniquilamento das referências fálicas, que seria uma das expressões do “*não-todo*”, Soler recorre a outro apontamento de Lacan, ainda no referido *O Seminário – livro 8: a transferência* (1960-1961), no qual ele indica o livro de Léon Bloy como sendo o esconderijo de pérolas para os analistas. É o que podemos acompanhar na seguinte citação:

[...] Léon Bloy fez, um dia, *La femme pauvre*⁴¹[...]. Gostaria que alguém, algum dia, percebesse as enormidades, as coisas prodigiosas, como benefícios analíticos, que estão escondidas nesse livro que está no limite do suportável e, que apenas um analista pode compreender – ainda não vi nenhum se interessar por ele (LACAN, 1961, p. 346).

⁴¹ A mulher pobre (Sugestão de tradução).

Colette Soler nada mais faz do que se interessar pela obra na tentativa de extrair a relíquia que poderia ser útil ao trabalho dos analistas, ofertando, assim, os motivos que conduziram Lacan a indicar a sua leitura. Depara-se, então, com um trecho no fim dessa narrativa que aponta quais seriam as especificidades do feminino. Destacamos que essas especificidades são enumeradas por meio da forma negativa, o que nos remete aos *traços negativos* destacados no capítulo anterior, como se pode verificar na citação abaixo:

Elle a même compris, et cela n'est pas très loin du sublime, que *la Femme n' existe vraiment* qu'à la condition d'être sans pain, sans gîte, sans amis, , sans époux et sans enfants, et que c'est comme cela seulement qu'elle peut forcer à descendre son Sauveur⁴² (BLOY, 1897, p. 446, grifos nossos).

O que podemos depurar dessa definição sobre o que caracterizaria o feminino nada mais é que a negativização dos referenciais fálicos, isto é, a ausência do falo ou de qualquer um dos seus substitutos: sem comida, sem casa e sem nenhum tipo de companhia. Ela estava próxima do *nada*. Com efeito, será que podemos supor que eram esses os traços negativos designados por Freud para tentar elucidar o problema do feminino? Parece uma ousadia fazer tal equivalência. Contudo, depois do que foi demonstrado ao longo desta dissertação, é possível supor que há, pelo menos, uma intercessão de idéias, pois tanto Freud como Lacan estavam tentando apontar para o que está aquém ou além do referencial fálico característico da posição masculina. Esse ponto que não está circunscrito pelo falo foi apontado por Lacan como sendo algo que está para sempre excluído do campo simbólico, um ponto que se refere ao feminino como aquele que está negativizado do falo.

Ora, tal consideração nos interessa por ser esse tipo de amor, ou melhor, essa mística de amor que encontramos na personagem “O”, que “se perdia numa delirante ausência de si mesma que a entregava ao amor e aproximava-a da morte” (RÉAGE, 1954, p. 69), cujo fim último era *reduzir-se*

⁴² “Ela compreendeu até, o que não está muito longe do sublime, que a mulher só existe de verdade sob a condição de existir sem pão, sem pouso, sem amigos, sem marido e sem filhos. É só assim que ela pode forçar o seu senhor a descer” (BLOY apud SOLER, 2005, p. 22).

a nada para, dessa forma, alcançar o amor daquele de quem sofria humilhações. Nessa busca de um amor inefável, ela abandona-se de si e, reduzindo-se mesmo a nada, alcança o silêncio da morte. Ao se mascarar para satisfazer a fantasia de seus amantes, ocorre um transbordamento, um excesso, que a lança para fora dos limites da vida.

Conseguimos também mirar essa mística do amor na personagem da novela “Carta de uma desconhecida”, que imprime a marca de seu amor por meio de completo aniquilamento e, somente por meio dele, revela-se e destaca-se: “Mas enquanto eu viver você não escutará esse brado – só quando eu tiver morrido vai receber este meu testamento” (ZWEIG, 1925 p. 195). O que entrelaça as duas histórias é uma dupla maneira de manifestar a feminilidade, ainda que às custas de uma devastação⁴³: uma pela vertente da máscara, em que, ao se fazer de objeto da fantasia do homem amado, delimita-se como mulher; outra, pelo viés de um “gozo Outro”, que se manifesta como sendo um amor cuja radicalidade só se afiança por meio do aniquilamento.

As personagens não podem ser consideradas masoquistas, visto que é possível apreender que elas almejavam apenas se circunscrever como mulher. Para florescer como mulher, “O” se sujeitou incondicionalmente às fantasias de seus amantes. Para eles, o desejo por uma mulher era despertado pela possibilidade da humilhação e prostituição. Era como objeto de suas sevícias que ela lhes satisfazia, era *reduzindo-se a nada* que ela capturava o desejo daqueles homens e ela se desdobrou para sustentar essa máscara. Já a personagem anônima da novela “Carta de uma desconhecida” acreditava que para ser mulher ela tinha que sofrer e se anular aos olhos daquele que amava. Ele nunca soube quem ela era, ela era *nada* pra ele, e, somente como mulher invisível e etérea, existiu para aquele homem. *Reduzida a nada*, ela se fez mulher.

⁴³ A devastação será abordada nas “Considerações Finais”.

REFERÊNCIAS: CAPÍTULO 3

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987. 295 p.

BLOY, Leon. *La femme pauvre* (1897). Paris: Mercvire de France, 1962. 446p.

FREUD, Sigmund. O tema dos três escrínios (1913). In: _____. *O caso de Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 363-379. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

_____. Uma criança é espancada (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 223-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.177-184. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 215-224. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 197-212. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 303-320. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. Sexualidade Feminina (1931). In: _____. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 257-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

_____. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 139-165. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

JOAN RIVIERE. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 663-664.

_____. O desejo de Pensée (1971). In: _____. *O Seminário – livro 8: a transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 291-304.

_____. A identificação por “ein einziger zug” (1961). In: _____. *O Seminário – livro 8: a transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 333-347.

_____. *O Seminário – livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 366 p.

_____. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 269 p.

_____. *O Seminário – livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. 201 p.

_____. A significação do falo (1958[1]). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 692-703.

_____. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. (1958[2]). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 734-745.

MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano – O sexo e seus furos*, Belo Horizonte, n.2, p. 13-29, agosto, 2003.

_____. A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (orgs.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. p. 151-207.

_____. *O osso de uma análise*. Salvador: Biblioteca-agente, Escola Brasileira de Psicanálise - BA, 1998. p. 131p.

NUNES, Silvia Alexim. A sexualidade feminina e seus impasses. In: *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 169 – 203.

RÉAGE, Pauline. *História de O* (1954). Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 243 p.

RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara (1929). *Psychê*, São Paulo, n. 16, p. 13-24, julho-dezembro, 2005.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 245 p.

_____. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998. 478 p.

ZALCBERG, Malvine. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 199 p.

ZWEIG, Stefan. Carta de uma desconhecida. In: _____. *Medo e outras novelas*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 147-197.

Considerações Finais

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso...

João Guimarães Rosa

A respeito das relações entre o masoquismo e o feminino, esta dissertação procurou demonstrar que o feminino não possui uma característica masoquista que lhe seja inerente. Se Freud classificou um dos tipos de masoquismo com o atributo de feminino, foi por encontrar nas fantasias masoquistas masculinas os chamados “traços negativos” que indicavam a subtração de alguma parte ou função do corpo que poderia equivaler-se à castração, considerada como uma característica feminina. Ora, evidenciamos que, por não encontrar uma inscrição do feminino no inconsciente, a teoria freudiana concebeu o feminino como sendo incompleto e faltoso, sendo o traço negativo um indicador dos efeitos produzidos pela comparação imaginária dos corpos.

A delimitação do nosso impasse se deu por meio de obras literárias que nos propiciaram o ensejo motivador desta pesquisa, que se apoiou na tese sustentada por Lacan em que o suposto masoquismo feminino deve ser concebido como uma das máscaras utilizadas pela mulher tanto para que ela mesma possa localizar-se na partilha sexual como para enlaçar o desejo de um homem. Debruçamo-nos em dar uma amostra, ainda que limitada, acerca da especificidade do desejo masculino – marcado por um traço de perversão fetichista – assim como lançar luz sobre o fato de o desejo feminino guiar-se pela vontade de acender o desejo masculino, especificidade caracterizada por Lacan como a forma fetichista do amor masculino e o modo erotomaníaco de amar da mulher. Ressaltamos que essa maneira erotômana de amar tem como consequência a complacência das mulheres em relação à fantasia masculina, o que engendra a máscara masoquista da mulher.

Consideramos, entretanto, que, se por um lado, as personagens extraídas da literatura nos forneceram material para esboçarmos uma distinção entre a posição masoquista e o masoquismo como máscara do feminino, por outro, novas encruzilhadas se interpuseram em nosso caminho, tal qual acontece em um caso clínico, indicando pontos que excedem e ultrapassam o recurso da máscara. Após termos realizado grande parte do trabalho desta pesquisa, foi possível delinear novas questões diante da complexidade apresentada pelas personagens abordadas. Essas questões merecem ser apontadas, ainda que só pudessem emergir em um tempo posterior à escrita dos três capítulos, já no momento de traçarmos as considerações finais.

Se inicialmente supúnhamos que a personagem “O” se mascarava de masoquista para fisgar os seus amantes e, assim, circunscrevia-se como sendo uma mulher, é possível perceber que a concepção de máscara foi insuficiente para abranger os fenômenos apresentados pela personagem, pois, ao longo da narrativa, o recurso da máscara vai se esgarçando e também se reduz a nada. Há nessa personagem um fenômeno que ultrapassa a máscara, algo que acoessa o horror e que atinge a radicalidade do aniquilamento. Anulação que, segundo as nossas hipóteses, tem como objetivo inscrever a sua marca de mulher, ainda que o preço a ser pago fosse a sua própria existência. Com efeito, reduzir-se a nada seria o meio pelo qual a personagem se tornaria “a” escolhida pelos amantes. Tal qual uma mascarada, “O” faz qualquer coisa para obter o amor de um homem, mas, no seu caso, “qualquer coisa” implica reduzir-se a nada, o que nos dá indícios para supormos que ela buscava um gozo absoluto, uma completude só atingida pelo silêncio da morte. Na tentativa de localizar-se como “a” mulher, ela acabou aniquilando os seus desejos, a sua singularidade, a sua vida profissional e, finalmente, a própria existência. Dessa maneira, vale retomar o que Lacan assinala sobre uma forma de amor que pode ignorar o desejo: “[...] e que o *amor*, se aí está uma *paixão que pode ser a ignorância do desejo*, não menos lhe deita a sua poja. Quando se olha para lá mais de perto, vêem-se as *devastações*” (LACAN, 1975, p. 12, grifos nossos).

Curiosamente, o percurso nos fez suspeitar de que a radicalidade apresentada pela personagem pudesse nos levar à conclusão de que o ponto que transborda a máscara é a própria *devastação*. É possível supormos que “O” foi devastada pelos efeitos desse amor que é a ignorância do desejo, amor que aponta mais para o gozo do que para a castração, visto que, em sua abnegação, ela atende incondicionalmente à vontade de gozo do seu amante. Mesmo quando afirma que não quer morrer, ela já descortina como suas concessões margeavam um gozo mortífero. É o que podemos conferir neste fragmento:

Ela não queria morrer, mas *se o suplício fosse o preço a ser pago para que o amante continuasse a amá-la*, gostaria que pelo menos ele ficasse contente por ela tê-lo suportado, e esperou, quieta e calada, que a levassem de novo até ele. (RÉAGE, 1954, p. 56, grifos nossos).

Se ela almejava localizar-se como mulher por meio de uma parceria com um homem, podemos perceber que se tratava de um “parceiro-devastação”, conforme o termo proposto por Miller, que esclarece: “Falamos de devastação quando há uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que *não conhece limites*, e é em função dessa estrutura que *um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher*, para o melhor e para o pior” (MILLER, 1998, p. 115, grifos nossos). Com efeito, se os suplícios sofridos por ela não conheciam limites, ousamos presumir que é por haver indícios de um amor cujos efeitos foram devastadores⁴⁴ que a personagem encontrou “o pior”.

Avaliamos que, acrescida à suposição de que “O” vivencia um amor que a devasta, cabe questionar a relação da devastação com o feminino. Seria a devastação um efeito do modo de amar feminino, visto que se almeja encontrar a bússola do desejo do Outro? Se essa hipótese for verdadeira, a devastação ocorreria na medida em que essa meta se torna infinita no deslizamento característico do

⁴⁴ ZALCBERG (2007) defende a hipótese de que a autora, ao escrever as cartas de amor que deram origem ao romance *História de O*, escolheu colocar essa personagem em cena para dela se distinguir. Segundo sua suposição: “Dominique Aury, ela, não oferece a sua vida em sacrifício, mas dá o seu manuscrito à leitura do homem que ela ama” (p. 173).

desejo. Como pudemos contemplar, “O” encarna o objeto que preenche o desejo de seus amantes e, para satisfazê-los, não encontra limites nem no próprio corpo.

Já a personagem anônima da novela escrita por Stefan Zweig nos conduz para problemas também complexos, pois ela não foi conduzida pela vontade de gozo de seu amado, tendo sido ela própria quem teceu a trama que culminou na sua própria morte e na de seu filho. Não satisfeita em permanecer no ostracismo suportado por tantos anos, ela se fez marcar por meio de uma carta de amor entregue após o seu falecimento, em que ela descreve os detalhes de seu martírio. A fantasia sádica não provinha do escritor amado, mas foi tecida por ela própria, sendo possível pressupor que, nesse caso, a vítima e o algoz se confundem na mesma pessoa. Talvez possamos cogitar, que se ela usou o recurso da máscara, foi para se disfarçar de vítima. Como seu amor só passou a existir para aquele homem depois que ela já tinha falecido, é possível ponderarmos que sua vontade foi marcar-se como sendo “A” mulher, o que ultrapassaria a visada da mascarada que anseia ser “a” mulher causa do desejo do homem. Podemos indagar se, nesse caso, a função da máscara ao lado da própria anulação não revelariam a vontade de “ser toda”, de se fazer “A”mulher.

Observamos, ainda, conforme explanamos na introdução desta dissertação, que é possível extrair dos textos literários problemas que nos lançam a pesquisar e a promover um avanço da teoria psicanalítica. Se sobre o gozo feminino pouco se tem a dizer, acreditamos que a literatura teria o efeito de descortinar o que estava silenciado, já que encontramos nessas narrativas “uma mulher que confessa”⁴⁵, parafraseando Jean Paulhan. Reafirmamos, ainda, que nossa proposta não implica um esgotamento de possibilidades, pois, a cada leitura, novas questões emergem e nos remetem a outros pontos de pesquisa.

⁴⁵ Conforme explicitado no primeiro capítulo, Jean Paulhan foi amante da escritora e escreveu o prefácio do livro. Essa afirmação pode ser encontrada em RÉAGE, 1954, p. 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Maria Lúcia Oliveira de Arraes. A concepção freudiana da fantasia. In: BERNARDES, Ângela C. (Org.). *10 x Freud*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. p. 119-135.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987. 295 p.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Lecciones psicoanalíticas sobre el masoquismo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005. 141 p.

BENETI, Antonio A. Masoquismo feminino. In: FORBES, Jorge (Org.). *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus, 1996. p. 61-70.

BESSA, Graciela de Lima Pereira. *Congruências entre o masoquismo e a sexualidade feminina em Sigmund Freud*. 2004. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Estudos Psicanalíticos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

BIRMAN, Joel. Estilo de ser, maneira de padecer e de construir – Sobre a histeria, a feminilidade e o masoquismo. In: _____. *Cartografias do feminino*. 1ª. reimp. São Paulo: Ed. 34, 2003. Cap. 7, p. 201-219.

BLOY, Leon. *La femme pauvre* (1897). Paris: Mercvire de France, 1962. 446p.

BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. Riscos da leitura psicanalítica. In: _____. *Literaterras – As bordas do corpo literário*. São Paulo: Annablume, 1995. Cap. ?, p. 17-52.

BROUSSE, Marie-Hélène. Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: MILLER, Jacques-Alain (Org.). *Ornicar? 1. De Jacques Lacan a Lewis Carroll*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 57-67.

CARVALHO, A. C. Problemas da pesquisa psicanalítica do texto literário. *Trieb*, Rio de Janeiro, v. VI, p. 20-35, 2007.

_____. O método e a criação literária: uma visão psicanalítica. *Psychê – Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 67-74, ano VI, 2002.

CHARDIER, Nicole. *Pourquoi les femmes se font-elles belles?* 1997. 95 f. D.E.A. (“Concepts et clinique”) – Département de Psychanalyse, Université de Paris VIII, Paris, 1997.

CREPAX, Guido. *História de O*. São Paulo: Quadrinhos L & PM editores, 1988. 160 p.

_____. *A Vênus das peles*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 91p.

DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983. 327 p.

_____. Reapresentação de Masoch. In: _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 64-66.

DEUTSCH, Helene. Masoquismo feminino. In: _____. *La psicología de la mujer*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1947. p. 222-256.

FORTES, Isabel. Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 35-44, dezembro, 2007.

FREUD, Sigmund. *Projeto de uma psicologia* (1895). Rio de Janeiro: Imago, 1995. 229 p.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 118-126. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

_____. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907[1906]). In: _____. *'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.12-98. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

_____. Escritores criativos e devaneios (1908[1907]). In: _____. *'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.147-158. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

_____. O tema dos três escrínios (1913). In: _____. *O caso de Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 363-379. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 89-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 129-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. Uma criança é espancada (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 223-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

_____. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

_____. O Ego e o Id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.13-83. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.177-184. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 215-224. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 197-212. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 303-320. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

_____. Sexualidade Feminina (1931). In: _____. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 257-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

_____. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 139-165. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

GREEN, André. O desligamento (1971). In: _____. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed.: 1994. p. 11-35.

HAMON, Marie-Christine. *Féminité Mascarade*. Paris: Éditions du Seuil, 1994. ?? p.

HELENE DEUTSCH. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 150-151.

JOAN RIVIERE. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 663-664.

KALIMEROS – ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (SEÇÃO RIO); JIMENEZ, Stella; SADALA, Gloria (Orgs.). *A Mulher: na psicanálise e na arte/*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1995. 206 p.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 532 p.

_____. O desejo de Pensée (1971). In: _____. *O Seminário – livro 8: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 291-304.

_____. A identificação por “ein einziger zug” (1961). In: _____. *O Seminário – livro 8: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 333-347.

_____. *O Seminário – livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 366 p.

_____. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 269 p.

_____. *O Seminário – livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. 201 p.

_____. A significação do falo (1958[1]). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 692-703.

_____. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. (1958[2]). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 734-745.

_____. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (2003 [1965]). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 198-205.

LAURENT, Eric. *Posiciones Femininas del ser: Del masoquismo femenino al empuje a la mujer*. Buenos Aires: Editorial Três Haches, 1999. 157p.

MANDIL, Ram. Psicanálise e Obra Literária. In: _____. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria, 2003. p. 18-20.

MICHEL, Bernard. *Sacher-Masoch (1836-1895)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 417 p.

MILLER, Jacques-Alain. Clínica del superyó. In: _____. *Recorrido de Lacan – Ocho conferencias*. Buenos Aires: Editorial Hacia el Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1984. p. 131-148.

_____. O método psicanalítico. In: _____. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 221-284.

_____. *O osso de uma análise*. Salvador: Biblioteca-agente, Escola Brasileira de Psicanálise - BA, 1998. p. 131p.

_____. A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (orgs.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. p. 151-207.

_____. Uma partilha sexual. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano – O sexo e seus furos*, Belo Horizonte, n.2, p. 13-29, agosto, 2003.

_____. *De la naturaleza de los semblantes*. 1ª. reimp. Buenos Aires: Paidós, 2005. 301 p.

MOREL, Geneviève. Anatomia Analítica. In: FORBES, Jorge. *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus, 1996. p.119-132.

_____. Condições femininas de gozo. In: FORBES, Jorge. *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus, 1996. p.132-155.

_____. Ciúmes Feminino. In: FORBES, Jorge. *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus, 1996. p.157-169.

NUNES, Silvia Alexim. A sexualidade feminina e seus impasses. In: *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 169 – 203.

PIGLIA, Ricardo. Os sujeitos trágicos – Literatura e psicanálise. In: _____. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 49-59.

PULSÃO E GOZO. Rio de Janeiro: Publicação da Escola Letra Freudiana, ano do primeiro volume. Periodicidade. ISSN.

RÉAGE, Pauline. *História de O* (1954). Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 243 p.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Uma máscara de mulher. In: _____. *Um certo tipo de mulher: mulheres obsessivas e seus rituais*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 85-94.

RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara (1929). *Psychê*, São Paulo, n. 16, p. 13-24, julho-dezembro, 2005.

SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. O Eu-Ideal e o Ideal-do-Eu. In: ZBRUM, Mirta (Org.). *Imagem Rainha – As formas do imaginário nas estruturas clínicas e prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1995. p. 53-60.

SCHERMANN, Eliane Z. *O gozo em cena: sobre o masoquismo e a mulher*. São Paulo: Escuta, 2003. 288 p.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 245 p.

_____. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998. 478 p.

VIDAL, Eduardo A. Há Um. In: CESAROTTO, Oscar (Org.). *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 43-54.

ZALCBERG, Malvine. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 199 p.

ZWEIG, Stefan. Carta de uma desconhecida (1925). In: _____. *Medo e outras novelas*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 147-197.